

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras

Departamento de História



**CRISTIANISMO E MITRAÍSMO
NA ROMA ANTIGA
(aspectos comparativos, sécs. I-IV)**

Cátia Alexandra Afonso

Dissertação de Mestrado em História e Cultura das Religiões

Lisboa

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras

Departamento de História



**CRISTIANISMO E MITRAÍSMO
NA ROMA ANTIGA
(aspectos comparativos, sécs. I-IV)**

Cátia Alexandra Afonso

Aluna n.º 44 801

Dissertação de Mestrado em História e Cultura das Religiões
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sob orientação do Professor Doutor Armando Martins

Lisboa

2012

Índice

Resumo	4
Palavras-Chave	5
Agradecimentos	6
Introdução	7
I – AS FONTES: ANÁLISE E METODOLOGIA	11
II – DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO E A ORIGEM DAS CRENÇAS	18
1. Definição de religião	18
2. Origens das crenças	21
3. Difusão	26
III – DUAS RELIGIÕES NA ROMA ANTIGA	28
1. Noção de Deus e dualidade	28
2. Jesus e Mitra	31
3. Templos	40
4. Sacrifícios	45
5. Doutrinas e liturgia	52
a. Hierarquias e Sacramentos	56
b. O papel das mulheres nestes grupos	66
c. Perseguições	74
d. Paraíso e Inferno	79
e. Apocalipses	81
IV – QUEDA DO MITRAÍSMO E CRESCENTE INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO	86
1. Seria o Mitraísmo universal se o Cristianismo não tivesse vingado?	86
Conclusão	88
Anexo documental	93
Fontes e Bibliografia	122
Índice de Figuras	130

Resumo

Neste trabalho propus-me a elaborar uma comparação entre duas religiões mistericas: Cristianismo e Mitraísmo, na Roma antiga, entre os séculos I a IV.

Foi assim possível ver os pontos em que se assemelhavam e aqueles em que divergiam conforme as suas raízes e povos com quem contactaram. É também possível ver que a forma como foram divulgadas e aceites por determinados grupos foi de extrema importância na adopção da sua forma final. No caso do Cristianismo, este foi levado por Paulo até aos povos pagãos da bacia do Mediterrâneo que ajudaram a moldá-lo com algumas das suas crenças e celebrações.

Já o Mitraísmo, tendo sido adoptado principalmente por soldados leva a que este adoptasse uma forma mais restrita e secreta já que as mulheres não podiam fazer parte do culto.

É possível ver uma evolução nestas duas crenças conforme muda o poder dentro do Império e as recorrentes perseguições ajudam a que o Cristianismo acabe por se tornar mais forte até ao momento em que este passa a ser visto como uma forma de unir todo o Império.

Com a queda do paganismo, o seu concorrente torna-se na religião oficial que acaba por se consolidar e espalhar mesmo após a queda do Império tornando-se assim uma das grandes religiões do mundo.

Palavras - Chave

Ahriman; Ahura-Mazda; Apocalipse; Apóstolos; Ascensão; Avesta; Bíblia; Cânones; Caverna; Constantino; Cristianismo; Cristo; Deus; Filosofia; Hino; Império; Inferno; Jesus; Judaísmo; Lúcifer; Maniqueísmo; Maria; Mitra; Mitraísmo; Morte; Novo Testamento; Ohrmazd; Paganismo; Paulo; Perseguições; Religião; Ressurreição; Roma; Sacrifício; Templos; Touro; Zoroastra; Zoroastrismo

Agradecimentos

Antes de mais gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Armando Martins por ter aceite orientar esta minha dissertação de Mestrado. Sem a sua ajuda logo desde o início do meu primeiro ano nesta instituição nada disto teria sido possível. Estou grata pela liberdade de acção que me foi dada e pelas suas notas que me permitiram crescer e mudar muitas das ideias pré-concebidas que tinha acerca desta temática.

Também ao Professor Doutor Amílcar Guerra por me ter ajudado a escolher qual dos mestrados em que fui aceite era o mais indicado para o que queria estudar.

Um obrigado especial a três colegas, uma da FLUP, Ana Filipa Ferreira e a dois da FLUL: Marco Borges e Tiago de Brito Penedo por me ajudarem com algumas questões técnicas durante a escrita da dissertação.

Gostaria também de agradecer ao Luís Naia pela ajuda na correcção do texto. À Diana Pinguicha e à Ambar van Slooten um abraço por me terem traduzido do holandês as legendas da planta da igreja de S. Clemente de Roma e sem as quais não poderia ter terminado um capítulo.

Finalmente, aos que me acompanharam durante estes dois anos de trabalho: João e Manuela Rolo, Leonor e Manuel Ferrão, à Ana Raquel Margato e à Alexandra Mendes.

Introdução

Traçar uma comparação entre o Cristianismo e o Mitraísmo entre os séculos I a IV, na Roma Antiga é o objectivo deste trabalho. Pretendo também observar de que forma diferem essas religiões uma da outra e quais os pontos de contacto existentes, de forma a concluir até onde é que as influências de outros povos contribuíram para que estas religiões tomassem a forma que vieram a ter.

Na fase inicial estava pensada uma comparação entre duas religiões. Após algumas pesquisas escolhi o Mitraísmo por ser uma religião que, ao menos de forma empírica, mais semelhanças tinha com o Cristianismo a nível doutrinal, hierárquico, cultural e geográfico. Depressa vi que era necessário reformular a hipótese inicial deste trabalho uma vez que dentro dos pontos existentes em comum, eram mais as divergências.

Desta forma, para além da análise dos pontos de contacto foi necessário precisar as diferenças e as possíveis influências mútuas.

Foi também importante que se precisasse um local central de estudo e se delimitasse a época cronológica, em função das fontes disponíveis.

A escolha da cidade de Roma como espaço central justifica-se por ter sido capital do Império e atraído a si elementos centrais de ambas as religiões na mesma época. É também possível notar uma ideia em comum aqui: capital do Império, capital religiosa¹. Ambas competiam para se tornar na religião oficial. Assim podemos ver um grande número de achados arqueológicos que é aqui, muito superior em relação a outras zonas de influência.

Limitei a cronologia entre os século I a IV por ser possível assistir ao nascimento de uma religião nova, ao seu primeiro desenvolvimento institucional e a sua crescente influência num Império originalmente politeísta.

Estes elementos de geografia e cronologia mostram que estes dois grupos, vivendo lado a lado e sendo ambos dotados de espírito de proselitismo, podem ter sido rivais.

¹ Luther Martin 1989, p.3

Foi após ter uma ideia final do que iria estudar, que procedi à selecção das fontes a ser usadas como base, bem como de toda a bibliografia de apoio.

Pareceu-me ser de grande importância uma leitura um pouco mais aprofundada tanto do *Avesta* como do *Hino a Mitra* e também do *Novo Testamento*, cânones ² e toda a correspondência associada ao Concílio de 325.

Uma vez que os vestígios destas religiões não foram só textos, mas também elementos do seu património, foi necessário proceder ao estudo e análise de esculturas, templos. Uma vez que foi impossível deslocar-me aos locais tive de estudar fotografias de peças que estão em museus ou em livros. No entanto todas elas foram vistas com o máximo de rigor, cruzando com as informações existentes de forma a poder confirmar a sua autenticidade.

Para conseguir compreender as religiões em estudo foi necessário estudar as suas origens e assim, entrar noutras crenças e correntes filosóficas, sendo antes de mais necessário encontrar uma definição de religião que pudesse aplicar a todas as que assim designo ao longo deste trabalho.

O Judaísmo está na origem do Cristianismo, tal como poderemos ver mais à frente, estando ainda presente no livro sagrado dos cristãos. A mensagem de Jesus ao não ser aceite por todos os Judeus criou uma divisão que levou a que se tornassem independentes, levando a que surgisse uma nova religião.

Outra questão colocada e a que tentarei responder é relativa às origens do Mitraísmo. Quem teria sido o seu fundador? Quem foram os primeiros crentes? E mais importante, o que levou a que Mitra, tendo em conta a sua origem, se tornasse na figura central de uma religião?

Ao entrar dentro do Império deparei-me com a questão de Deus e da definição/visão de cada uma das religiões acerca desta entidade. Seriam as ideias destas várias religiões antagónicas ou complementar-se iam? Como é que o Império via estas outras crenças?

² Datados do ano 325

A aceitação destas entidades dependia um pouco da forma como entravam e eram vistas no Império. Mitra fazia parte dos cultos solares enquanto que Jesus era visto como um judeu irrequieto condenado à morte por crucifixão.

Um ponto em comum entre estas religiões é a luta entre dois lados opostos³ criando uma dualidade que em algumas era mais vincada que noutras. No caso do Mitraísmo podemos ver uma constante e eterna luta enquanto que no caso do Cristianismo, apesar de ser tão explícita quanto a anterior, não tem o mesmo significado nos textos apocalípticos. Este género literário era comum ainda que cada um adoptasse uma visão algo diferente. Estes têm geralmente uma carga simbólica superior ao resto dos textos sagrados.

Podemos perguntar-nos, até que ponto são, estes textos, úteis para a elucidação dos crentes acerca de que lado escolher. Isto porque no Mitraísmo o homem tinha um papel importante no resultado da batalha final.

Mitra e Jesus apresentam desde cedo semelhanças e pontos de divergência bastante claros, começando pelos seus nascimentos milagrosos⁴.

A ideia de sacrifício está também muito marcada em ambos. Jesus, após uma Última Ceia⁵ com os seus apóstolos, é crucificado e os textos sagrados retratam esta passagem como sendo uma forma de absolver os homens dos seus pecados. Por outro lado Mitra não é sacrificado mas, por ordem superior⁶ entregue por um mensageiro⁷ este vê-se obrigado a matar o Touro primordial, do qual brotam várias espécies. Aqui o objectivo não foi a salvação, mas sim a criação de uma nova fonte de vida. À semelhança do que vemos nos textos cristãos, algumas esculturas retratam uma ceia com Mitra e o Sol, tendo no centro o Touro sacrificado. Também Jesus havia dito aos seus apóstolos que o pão era o seu corpo e o vinho o seu sangue⁸. Este momento passou a ser

³ Bem e Mal

⁴ Jesus nasce de uma virgem (Imaculada Conceição) e Mitra de uma rocha

⁵ Última Ceia

⁶ Sol

⁷ Corvo

⁸ *Actos dos Apóstolos*

reproduzido na Eucaristia, que se tornou uma forma de os fiéis se sentirem mais próximos a Deus.

Desta forma foram criados os aspectos centrais das doutrinas destas duas religiões cujos rituais tinham também grande importância nas celebrações nos respectivos cultos.

Uma vez que na sua génese os cristãos se viram forçados a manter as suas celebrações em casas privadas não temos igrejas tão antigas como alguns templos do Mitraísmo. No entanto é possível comparar as construções, posteriores a essa época, com os antigos mitreus. Terei em particular atenção a Igreja de S. Clemente de Roma que foi construída sobre um mitreu e que ainda hoje é possível observar e visitar.

Quando iniciei o estudo da participação ritual dos fiéis destas religiões, particularmente nos sacramentos e hierarquia institucional deparei-me com um debate que me chamou muito a atenção: o papel das mulheres nestes mundos religiosos marcados por uma estrutura patriarcal.

Um outro debate com que me deparei era acerca da possibilidade de ter sobrevivido um mundo ligado ao Mitraísmo, caso o Cristianismo tivesse perecido durante as constantes perseguições que se verificaram no período em estudo.

I - AS FONTES: ANÁLISE E METODOLOGIA

Antes de iniciar o estudo foi necessário seleccionar as fontes a ser analisadas e trabalhadas. Logo a início deparei-me com um problema em relação ao Mitraísmo, a escassez de fontes existentes, já que a maioria se perdeu ao longo dos tempos, principalmente após o início da perseguição às religiões que não eram aceites no Império romano.

Por essa razão para compreender as raízes do Mitraísmo usei como documentos base o *Avesta* traduzido por Arthur Bleeck, o *Mihir Yast*⁹ traduzido e comentado por Ilya Gershevitch e fotografias de estátuas e plantas arquitectónicas que serão analisadas durante o decorrer dos temas em que se enquadram.

De forma a facilitar a consulta destes textos irei utilizar um esquema semelhante ao utilizado para consultar a Bíblia. Desta forma quando escrevo, por exemplo: Karde 9, 35-36 estou a referir-me ao Mihir Yast, Karde 9 parágrafos 35 e 36.

Em primeiro lugar foi necessário perceber a estrutura do *Avesta* para poder analisar mais facilmente cada uma das suas partes e assim compreender melhor como se integram no Mitraísmo.

O conjunto de textos que o compõem eram sagrados e foram sempre transmitidos oralmente até à sua compilação que ocorreu entre os séculos IV e VI. No entanto a versão que temos hoje desta *bíblia* persa não está completa devido à perda de vários manuscritos.¹⁰

O *Avesta* está dividido em três partes sendo a primeira a *Vendidad*. É composto por 22 *Fargards* organizadas de forma a simular um discurso entre Ahura Mazda e Zoroastro criando uma série de leis morais e cerimoniais. De todas elas seleccionei as que, para o estudo a realizar, me pareceram mais relevantes, sendo essas as Fargard IV e XXI.

⁹ Este passará a ser referido como Hino a Mitra.

¹⁰ Mircea Eliade, 1989b (p.275)

Na IV temos um maior destaque a uma entidade de nome *Mitras*, em substituição da palavra *contracto*, o que mostra a origem da associação a pactos, juramentos e imagem de verdade e justiça difundida pelo Zoroastrismo, Parsismo e mais tarde, Mitraísmo. Esta parte é vista como sendo um dos capítulos mais complicados devido à menção de vários *Mitra-drujas*¹¹ ou quebras de *contractos* (ou promessas)¹². As punições para estes casos eram as mais pesadas, quando comparadas com castigos aplicados a outros pecados.¹³ O segundo volume do *Avesta* é onde encontramos a liturgia e é composto por um total de 72 *Hás* podendo estes ser divididos em duas partes: *Vispered*¹⁴ e *Yaçna*.¹⁵ Por sua vez esta segunda parte divide-se em outras duas: uma que vai dos capítulos I a XXVII¹⁶ e outra conhecida como os *Gâthâs* ou *Gahs*¹⁷. Estes são um conjunto de 17 hinos onde podemos ver uma tradição mântrica. As duas primeiras partes referem várias vezes Mitra e o resto é bastante repetitivo.

*Convido e anuncio: Mitra, que possui verdes pastos, tem mil ouvidos, dez mil olhos, tem um nome conhecido, digno de adoração e a Râmaqâtra.*¹⁸

O terceiro volume do *Avesta* tem o nome de *Khordah-Avesta* (pequeno *Avesta*) e não é mais que uma série de orações (*yashts*) e invocações. Era mais utilizado no

¹¹ Pecados (versos 1 a 3)

¹² Versos 4 a 23

¹³ Versos 24 a 53

¹⁴ Tem um total de 27 *Hás*

¹⁵ Tem um total de 45 *Hás*

¹⁶ Estes capítulos têm uma componente mais litúrgica

¹⁷ Nestes textos, Zoroastro afirma que Ahura Mazda lhe relevou a palavra que ele deveria proclamar, sendo a sua missão espalhá-la por entre os homens e lutar pelo Bem (*Asha*)

¹⁸ Vol II, *Yaçna* I (p.26). Trad.: *I invite and announce to: Mitra, who possesses wide pastures, has one thousand ears, ten thousand eyes, possesses a renowned name, the worthy of adoration, and the Râmaqâtra*

dia a dia dos crentes como se fosse uma pequena bíblia. Tem também excertos de vários outros textos como os *Patets*.

Nesta parte tomei em especial atenção o *Mihir-Yast*¹⁹ isto porque *Mihr* era outra palavra que podia designar o deus Mitra. No entanto não foi a tradução existente nesta edição do *Avesta* que utilizei foi a que já mencionei acima no início do texto.

Noutras secções é mencionado Mitra sob uma espécie de sub-título *Mihr*.

Desta forma, a segunda fonte que estudei, o *Mihir Yast* datado aproximadamente do século V a.C., é um registo literário extenso que nos mostra atributos, hábitos e culto do deus iraniano cuja adoração se difundiu pela Europa.

No total é composto por 35 kades e exceptuando algumas diferenças na escolha de palavras para a tradução é igual ao que nos é apresentado no *Khordah-Avesta*.

Enquanto no primeiro kade temos o nascimento e propósito de Mitra, no segundo é apresentada a sua descrição física: (...) *tem mil ouvidos, é bem constituído, tem dez mil olhos, tem uma visão ampla, é forte, não dorme, é eterno*.²⁰

É no kade 4 que vemos o número sete a ser mencionado pela primeira vez, referindo-se aqui a planos terrestres e que poderá ter ligação com os graus de iniciação. Podemos ver no kade 5 a referência a um possível antagonista: Anti-Mitra logo após uma passagem que faz lembrar o grau *heliodromus*²¹.

A última (35) consiste numa ladainha a Mitra terminando com uma menção às entidades que adoram para além do deus iraniano.

Para além do deus que veio a dar origem a uma nova religião, tive também em atenção a quaisquer passagens onde se falasse do Touro sacrificial do

¹⁹ XXVI (10); está dividido em 35 partes

²⁰ Tradução de: «*has a thousand ears, is well built, has ten thousand eyes, is tall, has a wide outlook, is strong, sleepless, (ever-)walking,*

²¹ Kade 5, 20

Mitraísmo. E assim encontrei referências um pouco por todo o texto, sendo que também aqui existem semelhanças com a visão que temos pelo Mitraísmo.

Na Fargard XXI, por exemplo, começamos com a invocação do Touro:

*Louvado sejas ó Touro sagrado, louvor a ti vaca bem criada, louvor a ti que multiplicas, louvor a ti que aumentas, louvor a ti, oferta do Criador, para os mais puros, para os puros que irão nascer.*²²

Como fonte para o estudo da religião cristã antiga baseei-me principalmente no Novo Testamento, dando uma atenção particular aos *Actos dos Apóstolos* e aos quatro *Evangelhos*.

Fora das Escrituras Sagradas estudei os Cânones do Concílio de Niceia de 325 e a correspondência trocada na época entre o Imperador Constantino e vários bispos.

Este concílio marcou uma fase importante do Cristianismo: a sua consolidação a nível doutrinal e a formação de estruturas mais sólidas que viriam a ajudar a sua mais fácil propagação.

Uma outra fonte de grande importância é o conjunto dos Manuscritos de Qumran²³. Estes escritos continham dados sobre um Mestre de Justiça com bastantes semelhanças com Jesus. Inclusivamente Jesus era visto como uma «surpreendente reencarnação do mesmo».²⁴

As principais fontes para estudar a história de Jesus são os documentos cuja redacção tenha sido feita nos cem anos após a sua morte (até cerca do ano 130

²² Tradução: *Praise be to thee, O holy bull, praise to thee, well-created cow, praise to thee thou who multiplies, praise to thee thou who makest to increase, praise to thee, gift of the Creator, for the best pure, for the pure yet unborn.*

²³ Foram descobertos nas imediações do Mar Morto em 1947, mas dado o estado dos fragmentos e dos rolos, só três anos depois que A. Dupont revelou o conteúdo dos primeiros textos encontrados.

²⁴ César Vidal, 2007 (pp.13-14)

da nossa era). Após esse tempo os documentos aumentam mas estão de tal forma distantes dos primeiros cristãos que não são consideradas fontes fidedignas o suficiente para serem utilizadas.

Apesar de, por vezes, vir a referir passagens do Antigo Testamento, irei utilizar mais os textos do Novo uma vez que são os que narram a vida de Jesus e a sua mensagem.

O Novo Testamento foi redigido em grego e é composto por um total de 27 livros. Estes textos foram redigidos no espaço de oitenta anos, sendo o mais antigo a primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses que remonta ao ano 50. Por outro lado, a mais recente é a segunda Epístola de Pedro que terá sido escrita por volta do ano 125 ou 130.

De todos os textos compilados nesta parte da Bíblia, darei particular importância aos Evangelhos, os quatro escritos tornados canónicos que narram a vida e ensinamentos de Jesus. Estes que utilizarei não são os únicos pois no século II houve uma selecção, na qual, muitos não foram integrados pois a Igreja não viu neles a regra da sua fé, ficando conhecidos como Evangelhos Apócrifos.²⁵

São também considerados como fontes os textos dos Padres Apostólicos anteriores ao ano 150²⁶. Estes foram escritos por autores cristãos, que poderão ter estado em contacto com a geração apostólica.

Menos fácil de situar tanto geográfica como cronologicamente é a *Didaquê*²⁷, um texto anónimo que se supõe ter origem na Síria, sendo datado do século primeiro ou princípios do segundo.

²⁵ A palavra «apócrifo» significa secreto ou escondido possuindo assim um certo mistério. Dois deles ainda foram bastante difundidos pois são usados como fontes por alguns historiadores como o Evangelho de Pedro (Akhim, 1886) e o Evangelho segundo Tomé (Nag Hammadi, 1945). Dizem mais de quem os escreveu e o meio, do que da figura histórica de Jesus.

²⁶ O mais antigo é a Epístola aos Coríntios de Clemente²⁶ de Roma.

²⁷ Este é também conhecido como a Doutrina dos Apóstolos.

Dentro dos textos não cristãos temos três historiadores e um advogado. De todos eles, Flávio Josefo é o mais antigo, tendo falecido por volta do ano 100 e é também o autor, não cristão, mais antigo a mencionar personagens²⁸ que tiveram um papel activo no nascimento do Cristianismo. O *Testemonium Flavianum* é o texto da sua autoria que, numa das versões conservadas, refere claramente a ressurreição de Jesus:

*Nessa época viveu Jesus, um homem excepcional, porque realizava coisas prodigiosas. Mestre de pessoas dispostas a colher doutrinas sensatas, atraía muita gente entre os judeus e mesmo entre os Helenos. Quando, por denúncia dos nossos notáveis, Pilatos o condenou à cruz, aqueles que lhe tinham dado o seu afecto ao princípio não deixaram de o amar, porque ele lhes tinha aparecido ao terceiro dia, de novo vivo, como os divinos profetas haviam declarado, assim como mil outras maravilhas a seu propósito. Ainda nos nossos dias não se extinguiu a descendência daqueles a quem por sua causa chamamos cristãos.*²⁹

Este texto parece ser escrito por mão de um crente, no entanto Flávio era judeu, o que mostra que as suas palavras podem ter sido alteradas para melhor servir o propósito de mostrar aos crentes mais uma prova das “maravilhas” realizadas por Jesus.

Plínio o Jovem, Tácito e Suetónio foram os três autores latinos que entre 110 e 120 da nossa era escreveram os seus testemunhos, ainda que indirectos, relacionados com Jesus.

²⁸ Estas personagens mencionadas eram Jesus. João Baptista e Tiago o justo, dito irmão de Jesus.

²⁹ Michel Quesnel, 2005 (p.38)

Suetônio, na sua *Vidas dos Doze Césares*, faz apenas algumas menções ao Cristianismo. A primeira está relacionada com uma medida tomada por Cláudio, em 41 ou 49, para expulsar os judeus de Roma.

Apesar de todas as fontes cristãs existentes, nenhuma nos chegou que tenha sido redigida por Jesus. Por essa razão temos de pressupor que só existem por via indirecta, sendo assim a mais antiga, a correspondência de Paulo escrita entre 50 e 58

Para o estudo de algumas doutrinas utilizei como fonte a correspondência trocada acerca do Concílio de Niceia e os respectivos cânones. Para começar temos uma série de cartas sendo a primeira a que foi enviada pelo imperador Constantino a convocar o Concílio em 325³⁰. Esta carta, mais que uma convocatória, era um aviso da mudança da localização já que este esteve inicialmente convocado para Ancira.³¹

As restantes são já sobre as decisões tomadas no concílio ou acerca de outras questões doutrinárias.

Deste concílio surgiram os vinte cânones³² da Igreja que constituem o primeiro conjunto de regras doutrinárias³³, hierárquicas³⁴ e de conduta em relação aos fiéis³⁵, emanados das igrejas reunidas em comum.

³⁰ Ver anexos

³¹ Ver anexos

³² Ver anexos

³³ Cânones 5, 8, 13, 20

³⁴ Cânones 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 15, 16, 18

³⁵ Cânones 11, 12, 14, 17, 19

II – DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO E A ORIGEM DAS CRENÇAS

1. Definição de religião

A definição de religião pode ser um tanto problemática uma vez que é complicado de se encontrar algo que consiga englobar todas as crenças. Esta é uma preocupação maioritariamente ocidental.³⁶

Nos próximos parágrafos, proponho-me tentar encontrar uma definição de religião que seja possível aplicar a todas as crenças que abordarei nos capítulos seguintes.

Em todas as culturas é possível encontrar algum tipo de crença num ser superior ou numa pessoa/personagem que seja considerada um modelo a seguir. No caso ocidental o termo religião tende a sublinhar a crença numa entidade superior, mas esta ideia acaba por deixar de fora muitas religiões primitivas, sendo grande parte delas as asiáticas.

Karl Marx (1818–1883) via a religião como sendo uma droga alienante³⁷ enquanto mais ou menos pela mesma altura Edward Burnett Tylor (1832-1917) tinha uma visão diferente. A religião fazia parte da evolução humana³⁸ e tudo o que existia para trás não é mais que atavismos.

Émile Durkheim (1858-1917) dá-nos uma outra perspectiva, a do propósito da religião. A moral desta pode servir para unificar e dar um código de conduta social. E por essa razão chega mesmo a dizer que os deuses não são nada mais que a sociedade disfarçada.³⁹

Já na passagem para o século XX, Max Weber (1869-1920) chega a duas conclusões. A primeira é que a “verdade metafísica” das religiões não tem

³⁶ L. Winston King, 1987 (p.282)

³⁷ “o ópio do povo”

³⁸ Animismo -> Politéísmo -> Monoteísmo -> Ciência

³⁹ L. Winston King, op.cit.

qualquer relevância no estudo dos movimentos religiosos e a segunda é que cada religião é racional e consistente no seu respectivo contexto social.

Noutro campo de estudos temos Sigmund Freud (1856-1939) que crê que a religião não é mais que uma neurose sendo por isso infrutífero utilizar argumentos racionais para tentar mudar a ideia da pessoa que sofre deste problema. Mais ou menos na mesma altura, Rudolf Otto (1869-1937), desenvolve a ideia de numinoso (o totalmente outro) como sendo um elemento de extrema importância para a experiência religiosa. Experiência esta que é descrita, por Otto, como “mysterium tremendum” e “mysterium fascinans”.

E.E. Evans-Pritchard (1902-1973) vai buscar um pouco da ideia do social de Weber e diz que a religião não pode ser compreendida fora do seu contexto social e que dentro deste espaço ela faz perfeito sentido para os seus crentes.

Mircea Eliade (1907-1986) trabalhou mais o sagrado, ideia que trabalhou a partir das teses de Otto. O sagrado não era algo que se via apenas nas experiências de “encontro” com Deus mas também nos simbolismos e rituais de cada cultura, especialmente as primitivas e Asiáticas.

Por fim temos uma ideia mais recente que se pode ver como um aglomerado das que foram vistas atrás. Clifford Geertz (1926-2006) define religião em cinco pontos: *A Religião é um sistema de símbolos que age de forma a estabelecer sentimentos e motivações ubíquas, poderosas e de longa duração no Homem formulando concepções de uma ordem geral de existência e revestindo estas concepções de uma tal aura de factuality que estes sentimentos e motivações parecem extraordinariamente realísticos.*⁴⁰

Também a filosofia teve um grande papel na forma como a religião era vista, chegando mesmo a influenciar algumas. O Cristianismo, por exemplo, tem grandes marcas do estoicismo, platonismo e aristotelismo.

O platonismo enquanto escola surgiu entre o século IV a.C. e a primeira metade do século I a.C. no entanto o que verificamos no Cristianismo é chamado de neoplatonismo.

⁴⁰ Geertz, Clifford *Religion as a cultural system*

Durante o primeiro século a.C. o platonismo torna-se num movimento e sistema doutrinal fechado e dogmático, dando, desta forma, um aspecto algo elitista e esotérico. Ainda assim a sua relação com o Cristianismo é algo complicada, pois se em alguns aspectos o influenciou, noutros contrastava-o. Na sua perspectiva “a verdade não tinha planos de desenvolvimento já que tudo dependia do homem e do seu intelecto”.

Ainda assim, este facto, não impediu que os teólogos cristãos se usassem de ferramentas culturais do pensamento grego para melhor difundir o Evangelho.⁴¹ Esta helenização trouxe uma maior racionalidade a esta nova religião, que lhe permitiu criar uma teologia para explicar todas as questões existentes.

Foi no século XVIII que se começou a criticar os teólogos cristãos platónicos vendo na relação entre a filosofia e o Cristianismo, uma deformação da simplicidade e pureza que caracterizavam o Cristianismo na sua génese.

No caso do aristotelismo⁴², Deus não é visto como sendo o criador do mundo mas sim como uma entidade que o organiza não sendo assim mais que uma peça do mesmo. Esta corrente filosófica contrasta em grande parte com o que acabou por ser acordado no Credo Niceno-Constantinopolitano onde podemos ler «*Cremos em um só Deus, pai Todo-poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.*»⁴³

Na corrente estóica⁴⁴ vemos o facto de Deus ser considerado criador de todos homens, que são assim seus filhos. São Paulo mostra nos Actos 17, 18-21 o reconhecimento destas ideias e pensamentos. Mesmo a nível de vivência em comunidade ambos se tratavam como “irmãos” ou “amigos”.

⁴¹ Temos como exemplo as *Retractiones* de Agostinho.

⁴² Escola filosófica adepta das doutrinas de Aristóteles (384-322 a.C.) e seus seguidores.

⁴³ Ver anexos: Creed of the Council of Nicaea

⁴⁴ Escola fundada no início do século III a.C. O imperador Justiniano I acabou por encerrar estas escolas filosóficas em 529 por achar que estas (tal como todas as outras)

Concluindo, religião é um conjunto de crenças, símbolos e rituais que moldam a vida social de um grupo de indivíduos que partilham uma mesma “fé”, sendo que esta pode, ou não, influenciar o Estado/governo do(s) país(es) onde teve a sua origem ou se veio a instalar.

2. Origens das crenças

Uma das razões pelas quais estas duas religiões foram escolhidas, foi pelo facto de terem as suas raízes nos mesmos locais, mostrando assim que estão, todas elas, intrinsecamente ligadas. Tanto os Vedas como os iranianos tinham Mitra como um deus de luz sendo por uns invocado juntamente com Varuna e por outros com Ahura.⁴⁵

Temos no entanto que ver, antes de mais, dois aspectos importantes. O Cristianismo é uma religião histórica, uma vez que existem provas da existência de Jesus. Só com o passar do tempo é que esta personagem acabou por se tornar num mito. Com o Mitraísmo aconteceu o oposto pois tudo na sua crença parte de vários mitos que acabaram por se tornar parte da história dos povos que neles acreditavam.

Ao tentar perceber as suas origens, podemos mais facilmente compreender estas duas religiões e os pontos em que se cruzam e divergem.

Mitra já era cultuado ainda antes do surgimento do Mitraísmo como o conhecemos.⁴⁶

tinham muitas teorias relacionadas com o paganismo que não estava de acordo com os ideais cristãos.

⁴⁵ Franz Cumont, 2004 (p.13)

⁴⁶ Podemos ver também que a grafia do meu nome mudava conforme a localização/religião: Hinduísmo era *Mitra*, no Zoroastrismo e Maniqueísmo era *Mitra* e nos mistérios Mitraicos romanos *Mitras*.

Alguns textos dão a indicação de que foi Zoroastro (258 antes de Alexandre⁴⁷) o fundador da crença que veio a ficar conhecida como os mistérios persas. A sua teologia tinha como base a ideia de dualidade, presente em várias religiões, que combatia usando a terra como seu palco.

O Mitraísmo tem a sua origem, em grande parte, no Zoroastrismo⁴⁸. Eliade é da opinião de que se tenha desenvolvido mais entre os *magoi* da Mesopotâmia e Ásia Menor⁴⁹. Situa também este acontecimento aquando a diáspora iraniana após as vitórias dos exércitos romanos.⁵⁰ É por volta desta época que se dá a chegada dos Mistérios de Mitra a Roma, que por volta do ano 70 já estava completamente enraizado.

Talvez a forma como chegou ao Império tenha ajudado a que se tornasse num culto masculino onde eram predominantes os militares.

Outra religião que em muito influenciou o Mitraísmo foi o Parsismo. Aqui a luta entre o Bem e o Mal⁵¹ ainda está a acontecer sendo que o final já está decidido pois Ormazd irá vencer.⁵² Foi também aqui que tiveram origem as ideias de paraíso, inferno e dia do julgamento final que vemos presentes no Judaísmo.

Este⁵³, por seu lado, nasceu como uma religião politeísta que evoluiu para o monoteísmo durante o exílio.⁵⁴ Nos seus primórdios, os cristãos eram vistos

⁴⁷ C. F. Whitley, 1957 (p.127)

⁴⁸ Religião, algo avançada para o seu tempo, cujos ensinamentos foram compilados num livro chamado de Avesta ou Zend-Avesta.

⁴⁹ É nestas zonas que é mais provável de serem encontradas fontes sobre o Mitraísmo uma vez que os *magoi* se tinham estabelecido lá entre os séculos VI e IV a.C. (final do período dos Aqueménidas) in: Gherardo Gnoli, 1987 (p.580)

⁵⁰ Franz Cumont, 1929 (p.129)

⁵¹ Ormazd contra Ahriman

⁵² Karl-Heinz Ohlig, 2007 (p.245)

⁵³ Acreditavam ser o povo escolhido por YHWH (Javé)

⁵⁴ Karl-Heinz Ohlig, op.cit. (p.233)

como uma das várias suas seitas. Inclusivamente Jesus, nasceu e foi criado dentro desta religião.

*Um grupo fundador é uma hipótese necessária; pois que nova religião não tem um grupo inicial de seguidores?*⁵⁵

Esta passagem de Roger Beck é referente ao Mitraísmo, mas aplica-se a todas religiões, pois qual poderia espalhar-se e fazer uma marca na história da humanidade se não fosse pelo seu grupo inicial de seguidores? Apenas os profetas ouvidos, e cuja palavra foi espalhada em seu nome, chegaram aos nossos dias.

Beck afirma no mesmo artigo que os primeiros crentes do Mitraísmo deviam ter sido os do tempo dos primeiros monumentos. No entanto não existem provas que comprovem esta teoria. Acredita que foi com os soldados da dinastia Comagena que o culto chegou ao Império romano.⁵⁶

Foi logo nos primeiros tempos que se deu a ruptura com o Judaísmo, ao professarem (os cristãos) que Jesus era o Messias que aguardavam, recorrendo para isso ao Antigo Testamento de forma a justificar as suas ideias.⁵⁷

Flávio Josefo é de grande importância para compreender os grupos desta altura, entre os quais existia uma certa rivalidade. Para tal podemos consultar o Novo Testamento⁵⁸, mas para compreender melhor os ensinamentos, ou cruzar informação podemos consultar os Manuscritos do Mar Morto.⁵⁹

⁵⁵ Roger Beck, 1998 (p.117) « *A founding group is a necessary hypothesis; for what new religion does not have an initial band of adherents?* »

⁵⁶ Roger Beck, 2007 (p.88)

⁵⁷ Karl-Heinz Ohlig, 2007 (p.237)

⁵⁸ Tendo em atenção que é sempre necessário filtrar as informações aqui encontradas.

⁵⁹ Estes manuscritos foram encontrados em Qumran, nas décadas de 40 e 50 do século passado. Estes textos são os vestígios mais antigos, até agora encontrados da Bíblia Hebraica. Pensa-se que foram escritos por essênios que habitavam aquela zona por volta do século II.

Vendo, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu baptismo, disse-lhes: «Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para vir?»⁶⁰

Esta passagem em particular remete-nos para o tema da conversão através do baptismo. Apesar deste acto iniciatório e de João Baptista serem de grande importância no Cristianismo foi Paulo o grande dinamizador daquela que se veio a tornar uma religião universal.

Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. Caindo por terra ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?» Respondeu: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer.»⁶¹

Este excerto mostra-nos a conversão de Saulo, depois conhecido como Paulo⁶² que aquando o encontro com Jesus, perde a visão para a recuperar após entrar na cidade tal como lhe foi ordenado.⁶³

Com a sua imediata conversão⁶⁴, começa a pregar que Jesus era de facto o Messias, confundindo assim aqueles que o conheciam como perseguidor dos cristãos⁶⁵:

⁶⁰ Mt 3, 7

⁶¹ Act 9,3-6

⁶² Nascido por volta do século I em Tarso na Sicília (filho de um romano) estudou em Jerusalém descrevendo-se como um «hebreu descendente de hebreus; no que toca à Lei, fui fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja» (Filipenses 3, 5-6)

⁶³ Act 9, 12-18

⁶⁴ Esta passagem terá decorrido cerca de dois ou três anos após a crucifixão de Jesus.

Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco. Começou então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus. Os que o ouviam ficavam estupefactos e diziam: «Não era aquele que, em Jerusalém, perseguia aqueles que invocavam o nome de Jesus? Não tinha ele vindo expressamente para os levar, presos, aos sumos sacerdotes? Mas Saulo fortalecia-se cada vez mais e confundia os judeus de Damasco, demonstrando-lhes que Jesus era o Messias.»⁶⁶

Logo cedo, Paulo começa a espalhar a palavra de Jesus nos meios pagãos. Desta forma Antioquia funcionou como sendo um ponto importante do qual a palavra passa para o mundo helenístico entrando assim em contacto com o pensamento grego.⁶⁷

As suas ideias contrastavam com as de outros discípulos a nível doutrinal, mas tal será abordado mais à frente.

Foi por volta do século II que se tornam totalmente independentes do Judaísmo começando assim a marginalização destas comunidades por parte dos judeus. Os irmãos⁶⁸ organizavam-se em comunidades locais segundo o modelo apresentado: *Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à união fraterna, à fracção do pão e às orações.*⁶⁹ Estas surgiram logo após a pregação de

⁶⁵ A palavra cristãos só foi utilizada pela primeira vez em Antioquia, na Síria. *Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos começaram a ser tratados pelo nome de «cristãos»* (Act 11, 26)

⁶⁶ Act 9, 19-22

⁶⁷ Mircea Eliade, 1989c (p.291)

⁶⁸ Forma como eram apelidados antes de se tornarem conhecidos como Cristãos (in: "História da Igreja Católica", p.123)

⁶⁹ Act 2,42

Jesus e dos primeiros Apóstolos que mais tarde foram estendidas às comunidades pagãs. Assim passaram a existir dois tipos de Cristianismo: o Judeo-Cristianismo e o pagano-Cristianismo. Os primeiros defendiam que todos deviam ser circuncidados e obrigados a seguir as mesmas regras e Leis. No entanto, Paulo defendia que o Judaísmo estava ultrapassado, surgindo assim um conflito, como podemos confirmar na Carta aos Gálatas 2, 7-9:

tendo visto que me tinha sido confiada a evangelização dos incircuncisos, como a Pedro a dos circuncisos – pois aquele que operou em Pedro, para o apostolado dos circuncisos, operou também em mim, em favor dos gentios – e tendo reconhecido a graça que me havia sido dada, Tiago, Cefas e João, que eram considerados as colunas, deram-nos a mão direita em sinal de comunhão, para irmos, nós aos gentios e eles aos circuncisos.

No entanto foi possível chegar a um acordo como podemos ver nos Actos⁷⁰ e assim ficou decidido que aos pagãos convertidos apenas seria exigido que não ingerissem carnes que tivessem sido dadas em sacrifício, sangue de animais sufocados e relações sexuais ilícitas.⁷¹

3. Difusão

Depois de a mensagem de um grupo se espalhar no seu local de origem, é quase inevitável que esta não chegue a outros locais através da mobilidade dos povos, fosse pelos mercadores que viajavam de terra em terra, fosse por motivos de guerra ou perseguições étnica ou religiosa.

⁷⁰ Act 15

⁷¹ Act 15, 29

Nenhuma religião teria importância social caso não existisse uma difusão das suas crenças por outros povos que não o das suas origens. Ambas percorreram mais ou menos as mesmas zonas até chegar ao contacto com Roma que acabou por ser o palco central dos desenvolvimentos daquela que veio a ser a religião oficial.

Ainda antes do nascimento de Cristo, já a ocidente do império Aqueménida o Mitraísmo se espalhava.⁷² No entanto foi entre o primeiro e o quarto século depois de Cristo que se verificou, em ambas as religiões aqui tratadas, uma maior difusão dos seus ideais.

O Mitraísmo foi divulgado principalmente por militares que cultivavam os ideais de lealdade e respeito por juramentos e promessas promovendo assim a camaradagem durante batalhas.⁷³

Ao contrário do que veio a acontecer com o Cristianismo, o Mitraísmo nunca teve o estatuto de *sacra publica*. Os mistérios entraram no mundo grego com os persas. Talvez por essa razão um dos graus hierárquicos seja o *Perses*, devido à importância deste povo na difusão da religião. Já o Mitraísmo que chegou a Dura-Europos veio com os soldados romanos.⁷⁴

Religião alguma teria sobrevivido caso o seu culto estivesse reservado do resto do mundo exceptuando para um pequeno grupo. Paulo como veremos mais à frente, de forma mais detalhada, foi alguém que se apercebeu disso mesmo e por essa razão trabalhou para que a mensagem que lhe havia sido ensinada, chegasse ao maior número de pessoas possível.

⁷² Gehrardo Gnoli op.cit. (p.580)

⁷³ No entanto não era uma religião apenas de soldados, também apelava a outros grupos sociais e profissionais

⁷⁴ Arthur Darby Nock, 1937

III – ROMA

1. Noção de Deus e dualidade

Para o estudo em questão considere importante tentar perceber a forma como cada um dos grupos via Deus e se esta noção era ou não aceite pelos restantes membros da sociedade. Outro aspecto a ser abordado é a dualidade existente (Bem contra Mal).

Deus é visto, nas religiões monoteístas, muitas vezes como uma entidade todo-poderosa, criadora do mundo e da vida neste ou como um pai protector dos seres vivos.

No Mazdeísmo essa entidade era Ahura Mazda⁷⁵, um dos *ahuras* mais importantes do panteão iraniano sendo-lhe prestado culto como o guardião do *asha*⁷⁶. No *Avesta* a sua função é «ordenar o cosmos e manter a ordem cósmica»⁷⁷. Zoroastro proclamou-o como Senhor Supremo, o criador de todas as coisas. Era esta a figura que Zoroastro dizia estar à frente do paraíso, governando assim o reino do bem.⁷⁸

Na sua ideologia estava muito marcada a ideia de dualismo e por essa razão estava muito presente a ideia de Bem e Mal enquanto antagonistas um do outro.⁷⁹ Estes eram Spenta Mainyu e Angra Mainyu que eram vistos como sendo irmãos gémeos que estavam sempre em conflito.⁸⁰ O Criador, não pode, no entanto, ser culpado pelo aparecimento do Mal em si, uma vez que os dois gémeos tiveram total liberdade para escolher os caminhos que queriam tomar

⁷⁵ Ou Ormazd. O nome Ahura significa “engendrar” e Mazda significa “sabedoria” ou “sábio”

⁷⁶ Ordem da verdade e justiça

⁷⁷ Oktor Prods Skjaervo, 2002 (p.399)

⁷⁸ A. V. Williams Jackson, 1899 (p.161)

⁷⁹ A. V. Williams Jackson, 1896 (p.55)

⁸⁰ Os espíritos deviam escolher entre a verdade (*asha*) ou a falsidade (*drug*)

para si mesmos. Por outro lado, ele enquanto entidade onipotente já saberia de antemão quais os lados que os seus “filhos” iriam escolher.

No Mitraísmo Ahura Mazda era o Senhor da Sabedoria e na altura da criação juntou-se a Ahriman⁸¹ juntaram-se. O primeiro criou tudo excepto o mal moral e físico⁸².

Aqui Ahura Mazda tinha vários atributos: mente boa (ou amor), ordem justa (ou plano de graça), Khshathat (ou saúde mental e corporal) e Imortalidade (ou vida eterna no paraíso). A sua associação ao elemento fogo tinha ponto em comum com Mitra, seu ajudante que simbolizava a Luz.

No caso do Cristianismo, Deus é uma entidade onipotente e onipresente. É também o criador responsável pelo surgimento da Terra e dos primeiros humanos (Adão e Eva). De acordo com a teologia não é ele o responsável pelo aparecimento do mal do mundo.

O Diabo é uma noção que vem já dos tempos do Judaísmo tendo chegado tardiamente a esta religião.⁸³ No Antigo Testamento Satanás não passa de um acusador. Inclusivamente o verbo *satan* significa processar atacar com acusações.⁸⁴

A primeira vez que é visto como um adversário é nas crónicas do pós exílio onde *ha-satan*⁸⁵ é substituído por um nome, Satanás.⁸⁶

Ainda assim é só durante o período inter-testamental que Satanás adquire um papel ligado ao lado do mal tendo para governar um conjunto de demónios. No

⁸¹ Demónio das Mentiras, Espírito do Mal

⁸² Que foi criado por Ahriman

⁸³ John R. Hinnella, 1969 (p.137)

⁸⁴ Podemos ver estas ideias também no livro de Job e Zacarias.

⁸⁵ “o acusador”

⁸⁶ John R. Hinnells, 1969 (p.137)

entanto ainda não tem uma forma, ou pelo menos, um nome fixo. Esta entidade teve uma série de nomes: ⁸⁷ Diabo, Satanás, Satanil, Mastema e Beliar.

Apesar de aqui ser apresentado, um dos nomes, como sendo parte do Judaísmo é necessário salientar que os Saduceus, por exemplo, não acreditavam nesta figura. No Cristianismo, a derrota dos demónios, por Jesus é um momento muito importante. Outro momento fulcral que mostra a dualidade existente entre Jesus/Deus e o Diabo é a passagem da quaresma.

Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, a fim de ser tentado pelo Diabo. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome.

O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.»

(...)

Então o Diabo conduziu-o à cidade santa e, colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui a baixo pois está escrito: Dará a teu respeito ordens aos seus anjos (...)

Em seguida, o diabo conduziu-o a um monte muito alto e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-lhe: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adores»⁸⁸

Esta passagem mostra-nos que, basicamente, o Diabo ofereceu a Jesus o poder para destruir o Império Romano (dando assim aos judeus a vitória militar anunciada) desde que se submetesse ao seu poder.

⁸⁷ Respectivamente: a vida de Adão e Eva, Enoch, Judaísmo, Jubileus e Manuscritos do Mar Morto e Testamento dos Doze Patriarcas.

⁸⁸ Mt 4, 1-11. No entanto esta mesma passagem pode também ser encontrada em Mc 1, 12-13 e Lc 4, 1-13

Os zoroastrianos acreditavam que ao matar animais que pensavam ser nefastos⁸⁹ o poder de Ahriman era reduzido enquanto o de Ahura Mazda aumentava. Também cada um dos lados tinha os seus aliados, do de Ahura Mazda estavam os *Amesha Spentas*⁹⁰: Vohy Mani, Asha, Kshatra, Amaiti, Hauvartat e Amertat.⁹¹

Podemos ver assim que existia uma ideia generalizada de uma constante luta entre o bem e o mal, sendo que do lado do bem existe uma característica paternalista vigilante do mundo que é sua criação. É também necessário ver que a noção que as pessoas tinham destas entidades foi evoluindo mesmo dentro das próprias religiões.

2. Jesus e Mitra

O ponto central destas religiões, mais que as doutrinas, é a figura que levou a que o culto fosse criado. Aqui serão apresentadas duas figuras sendo que uma tem a sua existência comprovada e a outra é apenas uma figura mítica que acabou por entrar para a história, pela importância que teve.

Ainda assim, apesar de as comparações feitas serem maioritariamente entre Jesus e Mitra, acho também importante referir brevemente o nascimento de Sossyant, um filho de Zoroastro. Estas três personagens têm em comum a forma “milagrosa” como são retratados os seus nascimentos, fossem estes de uma virgem ou sem qualquer tipo de necessidade de um ventre para a sua formação.

*Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual
porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho
do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu*

⁸⁹ Por exemplo: serpentes, sapos, ratos e vermes

⁹⁰ Entes beneficentes imortais

⁹¹ E por vezes Sraosha

pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reino não terá fim. ⁹²

Jesus pertencia à linhagem de David⁹³, enquanto Sosyant era descendente directo de Zoroastro, tendo a sua mãe engravidado após se banhar num lago que continha o esperma de seu pai. Ambos tinham como objectivo trazer aos homens uma verdadeira fé. ⁹⁴

*Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Belém uns magos vindos do Oriente.*⁹⁵

Sabemos hoje que Jesus deverá ter nascido por volta de 4 a.C., ou seja, pouco antes da morte do rei referido nas Escrituras. Apesar de nos Evangelhos termos a informação de que o nascimento ocorreu em Belém, esta afirmação ainda hoje é bastante debatida sobre se será verdade histórica ou apenas um local simbólico.⁹⁶ Uma problemática relacionada com o nascimento de Jesus é o dia em que a data foi fixada. O *dies natalis* é celebrado no solstício de Inverno, esta foi uma forma de utilizar a festa já existente, adaptando-o às necessidades desta nova religião. No entanto pensa-se que o nascimento de Jesus tenha ocorrido por altura da Primavera ou princípio do Outono (Setembro).⁹⁷

Antes de Jesus já era celebrado, na mesma data, o Sol Invictus e mais tarde o nascimento de Mitra. Tal como mencionado no início, o seu também tem um aspecto milagroso ao ter nascido de uma rocha, sem qualquer necessidade de

⁹² Lc 1, 31-33

⁹³ Lc 3, 23-38; Mt 1, 1-17

⁹⁴ John R. Hinnells, op.cit. (p.163)

⁹⁵ Mt 2, 1

⁹⁶ César Vidal, 2007 (p.46)

⁹⁷ Lc 2, 6-12

ser formado no ventre de uma mulher como acontecia com qualquer criança humana, ou como aconteceu com os dois profetas mencionados anteriormente.

*Disse Ahura Mazda a Zaratustra Spitamid;
 “Quando criei o magnata da terra, Mitra, Ó Spitamid;
 Fi-lo com tamanho valor para ser adorado e para que lhe
 rezem como a mim, Ahura Mazda.”⁹⁸*



A escultura aqui representada (Fig.1) ilustra precisamente a ideia de Mitra a nascer da rocha já totalmente formado. Esta é conhecida como *Petra Genetrix* e Mitra era muitas vezes assim representado em *Mitreu*.⁹⁹ A rocha estava situada à margem de um rio, debaixo da sombra de uma árvore sagrada. Mitra chegou ao mundo usando um barrete frígio, carregando uma tocha numa mão e uma faca na outra¹⁰⁰. Como testemunhas teve uns pastores que se encontravam ali perto.

À semelhança de Adão e Eva¹⁰¹, Mitra utilizou uma

Fig. 1

⁹⁸ Mihir Yast, Karde I, 1. Trad: « *Said Ahura Mazdah to Zarathustra the Spitamid: 'When I created grass-land magnate Mitra, O Spitamid; I made him such in worthiness to be worshipped and prayed to as myself, Ahura Mazdah.*

⁹⁹ Em relação a esta estátua sabe-se que foi feita em pedra mármore entre 180 e 192 d.C. sendo originária de S. Stefano Rotondo, Roma, sendo a sua localização actual o primeiro piso do Epigraphical Museum. Na base podemos ler *Petram geneticem / Aur(elius) Bassinus aedituus / principiorum cast(rorum) pereg(rinorum) / dedicavit hoc in loco et d(ono) d(edit) / antistante A(ulo) Caedicio / Prisciano eq(uite) R(omano) patre.*

A foto foi tirada por Marie-Lan Nguyen em 2006 (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Mitras_petra_genetrix_Terne.jpg)

¹⁰⁰ (...) *has a thousand ears, is well built, has ten thousand eyes, is tall, has a wide outlook, is strong, sleepless, (ever-)walking* (Karde 2, 7)

¹⁰¹ Gn 3, 7

figueira¹⁰² para se proteger, alimentar e cobrir ficando assim pronto para a batalha que estava destinado a combater.

Não voltamos a ter dados acerca da vida de Jesus após o seu regresso do Egito que ocorreu depois da morte de Herodes, fixando residência em Nazaré.

*Porém tendo ouvido que Arquelau reinava na Judeia, em
lugar de Herodes, seu pai, teve medo de ir para lá.
Advertido em sonhos, retirou-se para a região da Galileia e
foi morar numa cidade chamada Nazaré*¹⁰³

Um facto interessante que podemos ver em Mateus 2, 20-21 é também o distanciamento existente entre José e Jesus pois aquele é visto como pai do menino e durante a vida adulta dele, nunca é mencionado, o que leva a questionar se teria já falecido. Mesmo na sua infância Jesus já menciona Deus como sendo seu pai como podemos ver em Lucas, na passagem em que ele está a conversar com os doutores da Lei. *Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu pai?*¹⁰⁴

Exceptuando a passagem da circuncisão de Jesus descrita em Lucas 2, 21 não voltamos a ter mais dados da sua infância e da sua família temos uma referência no Evangelho de Mateus.¹⁰⁵

O resto que sabemos da vida de Jesus passa-se já na sua idade adulta, pouco antes da sua morte.

Mitra era uma divindade iraniana relativamente popular e para os Vedas o sol era representado como sendo o seu olho. Sendo assim de esperar que mais cedo ou mais tarde uma maior ligação entre os dois acontecesse.

¹⁰² Esta árvore é associada à árvore da vida simbolizando a fecundidade.

¹⁰³ Mt 2, 22

¹⁰⁴ Lc 2, 41-52

¹⁰⁵ Mt 13, 55 «*Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?*»

É só na idade adulta que voltamos a ter dados da vida de Jesus, sendo já estas narrativas perto da data da sua morte. De acordo com os Evangelhos Jesus é baptizado por João Baptista¹⁰⁶ antes de se dirigir para o deserto por quarenta dias e quarenta noites.¹⁰⁷ Aí foi tentado por Satanás¹⁰⁸ até que por fim este desapareceu ao perceber que não conseguia tentar Jesus, como podemos ver por uma passagem do Evangelho de Mateus 4, 11.¹⁰⁹

Jesus praticou também o baptismo¹¹⁰ mas foi só após Herodes ter mandado prender João Baptista que este regressou a Galileia e começou a espalhar o Evangelho, a “Boa Nova”: *Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho.* ¹¹¹ Flávio Josefo acreditava que o Baptista foi mandado prender por Herodes temer uma rebelião. ¹¹²

Os relatos mostram que foi também, nesta altura, que Jesus realizou vários milagres. ¹¹³

*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas sim levá-los à perfeição.*¹¹⁴

Jesus não tinha como objectivo criar uma nova religião, apenas tinha em vista uma reforma do Judaísmo em que crescera e fora educado. No entanto as suas palavras não eram do agrado de alguns grupos como os Fariseus e Saduceus.

¹⁰⁶ Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3,21-22; Jo 1, 31-34

¹⁰⁷ Mc 1, 12

¹⁰⁸ Mt 4, 3-10

¹⁰⁹ *Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no.*

¹¹⁰ Jo 3, 22-24

¹¹¹ Mt 1, 15

¹¹² Mircea Eliade, 1989c (p.281)

¹¹³ Temos como exemplo a passagem da cura do leproso (Mt 8); a cura de um paralítico (Mt 9); entre outros.

¹¹⁴ Mt 5, 17

Ao contrário do que acontecia com algumas seitas do Judaísmo, ele não rejeitava os grupos marginalizados causando assim algum “escândalo”. Temos como exemplo uma passagem no Evangelho de Marcos¹¹⁵ referente às regras de pureza¹¹⁶. Jesus considerava que estas entravam em conflito com a mensagem de perdão de Deus.¹¹⁷

Antes de ser preso Jesus ainda realizou uma Última Ceia com os seus Apóstolos instituindo assim a Eucaristia, uma prática fulcral do que viria a ser o Cristianismo.¹¹⁸

Mitra era originalmente um deus de caça, pactos¹¹⁹ e sacrifícios¹²⁰. Teve de medir forças com outras entidades e seres sendo o primeiro o Sol. Depois de o derrotar passou a usar na sua cabeça uma coroa brilhante e levou-o (o Sol) a erguer-se novamente celebrando assim um pacto de amizade.

De acordo com Cummont¹²¹ as relações entre Sol e Mitra têm um pequeno problema que ainda não foi solucionado: supostamente é o Sol que entrega a Mitra a tarefa de sacrificar o Touro, por outro ele é denominado, em inscrições, de *Sol Invictus*.¹²²

Na minha opinião o problema que Cummont aqui verifica não é mais do que uma evolução que aconteceu aquando a chegada do Mitraísmo ao Império romano, tendo sido ligeiramente modificado para poder fazer parte do panteão já existente.

¹¹⁵ Mc 2, 17

¹¹⁶ Estas regras restringiam o contacto com doentes e pessoas marginalizadas

¹¹⁷ Alain Corbin, 2008 (p.19)

¹¹⁸ Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-26; Lc 22, 14-20; Jo 6, 51-59

¹¹⁹ O seu nome significa “contractos”

¹²⁰ Hans Dieter Betz, 1968 (p.88)

¹²¹ Mircea Eliade, 1989c (p.273)

¹²² Em algumas representações podemos ver os deuses a apertar as mãos enquanto noutras o Sol está à sua frente. Esta “entidade” que chegou a Roma era de origem síria e não iraniana.

À semelhança do que veio a acontecer na religião difundida por Paulo por entre os gentios, também Mitra participou num banquete ritual. Neste, ele partilha com o Sol, numa gruta, a carne do Touro sacrificado. Esta foi uma forma de selar um acordo entre as duas entidades, o que vai de encontro à imagem que se tem de Mitra, um deus ligado aos contractos e ao seu cumprimento. Para os mazdeístas, Mitra, era visto como o Deus da Luz, tendo sido com Zoroastro que ele ganhara a característica de verdade e justiça passando assim a ser chamado em juramentos e celebrações de contractos.

Estas características traziam consigo os ideais de fidelidade e lealdade absoluta que acabaram por seduzir os membros do exército que vieram a aderir em massa e a ajudar na disseminação desta religião, para além de inserirem algumas alterações. Ainda antes dos exércitos, já os Persas usavam o nome deste deus para fazer os seus juramentos.

A sua característica de mediador fazia com que todos os deuses o honrassem, incluindo os que estavam aliados a Ahriman. Este irá pedir a Mitra que se cumpra o contracto entre ele e Ormazd. Podemos ver que desta forma este deus caminha sempre na fronteira dos dois lados, passando de um para o outro. Quando é necessário, é também capaz de descer ao inferno para que as almas não fossem mais castigadas do que era suposto.¹²³

Aquele que não cumprir o tratado, Ó Spitamid destrói o país, batendo aos portadores da Verdade com tamanha força como fariam cem obscurantistas.

*Nunca quebre um contrato, Ó Spitamid, quer o faça com um dono de Falsidade ou com um dono da Verdade da boa Religião; pois o contracto aplica-se a ambos.*¹²⁴

¹²³ Mary Boyce, 1969 (pp.23-24)

¹²⁴ Mihir Yast, Karde I, 2. Trad: « *The knave who is false to the treaty, O Spitamid, wrecks the whole country, hitting as he does the Truth owners as hard as would a hundred obscurantists. Never break a contract, O Spitamid, whether you conclude it with an owner of Falsehood, or a*

Aquando a sua helenização manteve o seu nome enquanto outros se viam quase que absorvidos pelo panteão já existente.¹²⁵

Alguns estudiosos acreditam que Zoroastro rejeitava Mitra¹²⁶, no entanto são várias as passagens, do Avesta, em que o deus é referido. Podemos ver isso pelo facto de ter o seu nome mencionado várias vezes e também pelo facto de ter o seu próprio *Yasht*. Assim o mais acertado será concluir que, no Zoroastrismo, Mitra tem um papel secundário mas a partir da altura em que o Cristianismo se começou a espalhar, este deus acabou por ganhar mais relevância acabando por se tornar um concorrente directo.

*Pela planta Barsman adoramos Mitra e Ahura – os donos da Verdade, fora de perigo -, assim como as estrelas, a lua e o sol. Nós adoramos a Mitra, que em todos os países é a cabeça do país..*¹²⁷

Estas duas entidades são constantemente referidas em conjunto¹²⁸, muitas vezes como Mitra-Ahura, à semelhança do que acontece na literatura védica ao usar a fórmula Mitra-Varuna.¹²⁹

De acordo com Cummont a «elevação de Mitra ao patamar de deus supremo deu-se em três etapas».¹³⁰ A primeira foi a consagração de Haoma¹³¹ como

Truth owning of the good Religion; for the contract applies to both, the owner of Falsehood and him who knows Thruth.

¹²⁵ Robert Turcan, 1999 (p.68)

¹²⁶ Mary Boyce, 1969 (p.16)

¹²⁷ Mihir Yast, Karde 35, 145. Trad: «*by the Barsman plant we worship Mitra and Ahura – the two exalted owners of Thruth that are removed from danger -, as well as the stars, the moon, and the sun. We worship Mitra, who in all countries is the head of the country.*»

¹²⁸ Yaçna VI, 36; Yaçna VII, 40

¹²⁹ Mircea Eliade, 1989b (p.324)

¹³⁰ Ibidem (p.325)

sacerdote de Mitra que depois de lhe oferece sacrifícios, de seguida Ahura Mazda estabelece o rito que ele deve realizar no paraíso antes de regressar à Terra para combater os *daevas*.

Talvez o início do destaque a Mitra tenha sido com a importância que os zoroastrianos lhe deram ao destacá-lo como um último recurso para a justiça. Eram-lhe dedicadas, também, dois festivais, sendo que um deles, o *Mihr-i Iran-davar*,¹³² durava cerca de cinco dias.

*Criador! Para quele que quebra a Mitra¹³³ em palavras;
qual é o castigo?*

Ao que Ahura-Mazda respondeu:

*Que sejam golpeados trezentas vezes com o aguilhão do
cavalo e trezentas com o Çraosho-charana ¹³⁴*

É mantido um registo diário dos pecados dos homens de forma a, no fim dos tempos, se castigar os que quebraram os contractos (*Mitra*).

O acontecimento mais importante da vida de Jesus foi aquele que levou a que mais pessoas se juntassem ao movimento. Esse acontecimento foi a ressurreição três dias após a sua morte na cruz.¹³⁵

Ainda durante a sua pregação, podemos ver, pelas Escrituras, que os seus seguidores o consideravam como sendo o *mashiach* ou *khristós*¹³⁶. Sendo este

¹³¹ Na mitologia persa era conhecido como sendo a bebida dos deuses sendo feita a partir de uma planta com o mesmo nome.

¹³² Mitra, Juíz do Irão

¹³³ Aqui deve ler-se como "contracto"

¹³⁴ Vendidad, Fargard IV, 36-38. Trad.: «Creator! He who breaks a Mitra in words; What is the punishment for it? Then answered Ahura-Mazda: Let them strike three hundrer blows with the horse-goad, three hundrer with the Çraosho-charana.»

¹³⁵ Mt 20, 1-8; Mc 16, 1-8; Lc 24, 1-12; Jo 20, 1-10

¹³⁶ Equivalente grego de ungido, isto é, o Messias

também o ponto de ruptura entre judeus e os que vieram a ser conhecidos como cristãos. Os primeiros continuavam à espera que o seu *mashiach* aparecesse, enquanto os últimos acreditavam que ele já tinha vivido entre eles. Eram também uma seita apocalíptica que acreditava que o fim dos tempos estava próximo, aguardando por isso o regresso de Jesus à terra. No entanto Jesus nunca usa este termo aplicado a si mesmo, mas nas Escrituras aparece como sendo utilizado por outros.¹³⁷ Apesar de se considerar como Filho de Deus como podemos ver em algumas passagens, pensa-se que ele não terá usado o título de Messias devido à carga nacionalista que tinha.¹³⁸

Podemos concluir que foram utilizados aspectos ligados à construção do mito para retratar o nascimento destas personagens de forma milagrosa e assim mostrar desde logo a sua importância no mundo. É possível notar que se inspiraram das mesmas fontes criando assim vários pontos em comum em alguns momentos das vidas destas personagens, como as últimas ceias que realizaram no final do seu tempo na terra. Estas passagens acabaram por se tornar momentos fulcrais nos respectivos cultos.

3. Templos

Os templos sempre foram locais essenciais para os cultos das várias comunidades. Era nestes espaços que podíamos ver a simbologia mais importante para o grupo que os frequentava, bem como a aceitação que estes tinham perante a sociedade. Isto porque no caso dos primeiros cristãos, aquando a sua separação do Judaísmo, estes realizavam as suas celebrações em residências privadas devido às perseguições.

É também uma forma de ver as suas raízes e a base do culto como poderemos notar pela análise de dois exemplos, um de cada uma das religiões em estudo.

¹³⁷ Mc 8, 29

¹³⁸ Alain Corbin, 2008 (p.20)

Uma vez que os espaços eram semelhantes entre si, decidi usar São Clemente como amostra principal. A razão por optar por este espaço está relacionada com a história do local e da crescente importância do Cristianismo no Império que acabou por levar à queda do paganismo. O que aconteceu foi que muitas das igrejas e basílicas acabaram por ser construídas por cima de templos pagãos como podemos ver neste espaço.

Os Persas chamam de caverna ao local onde introduzem os iniciados aos mistérios, revelando-lhes o caminho pelo qual as almas descem e regressam. Eubulus diz-nos que Zoroastro foi o primeiro a dedicar uma caverna natural a Mitra, criador e pai. Estava localizada nas montanhas perto da Pérsia e tinha flores e nascentes. Esta cave mostrava a imagem do cosmos (eikona kosmou) que Mitra havia criado, e o que a cave continha disposto, providenciava os símbolos dos elementos e climas dos Cosmos. (...) Depois de Zoroastro, outros adoptaram o costume de realizar os seus rituais de iniciação em cavernas e grutas que podiam ser naturais ou artificiais.¹³⁹

¹³⁹ Excerto de *De Antro* 6:1 de Porfírio, retirado de Roger Beck, 2007 (p.119). Trad.: «Similarly, the Persians call the place a cave where they introduce an initiate to the mysteries, revealing to him the path by which souls descend and go back again. For Eubulus tells us that Zoroaster was the first to dedicate a natural cave in honor of Mitras, the creator and father of all; it was located in the mountains near Persia and had flowers and springs. This cave bore for him the image of the Cosmos (eikona kosmou) which Mitras had created, and the things which the cave contained, by their proportionate arrangement, provided him with symbols of the elements and climates of the Cosmos. (...) After Zoroaster others adopted the custom of performing their rites of initiation in caves and grottoes which were either natural or artificial.»

Para os seguidores do culto a Mitra, o mitreu representava o universo na sua totalidade. É também neste espaço que se reproduz a ceia sacramental realizada por Mitra e pelo Sol após o sacrifício do Touro.¹⁴⁰

Ao contrário do que acontecia com alguns dos grandes templos romanos (e posteriormente com algumas igrejas), estes espaços eram de dimensões reduzidas. Assim, supõe-se que os grupos seriam pequenos, ajudando a manter a ideia de secretismo e de que apenas grupos restritos faziam parte do culto.

Estes espaços eram também repletos de símbolos que eram uma forma a tornar todo o processo de aprendizagem num mistério. Roger Beck por exemplo afirma que o que se realizava nos mitreu era *eikona*, uma imagem do universo através da disposição de símbolos (*symbolois*) dentro dele.

Saltar

Do banco do lado norte

Para o do lado sul

Atravessando o corredor equatorial

É replicar

A jornada da alma

Da entrada do mundo no trópico norte,

Onde Cautopates preside,

Até á saída do trópico do sul,

Onde Cautes preside.

Através de uma vida sob a tutela de Mitra

No equador dos Equinócios.¹⁴¹

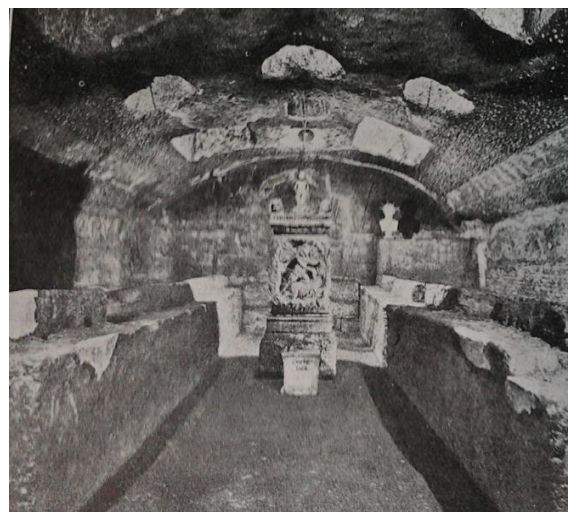


Fig. 2

¹⁴⁰ A caverna onde se deu tal acontecimento tem o nome de *spelaeum*.

¹⁴¹ Roger Beck, 2007 (p.147). Trad.: «To 'leap' / from the Mitreu's 'northern' side-bench / to its 'southern' side-bench / across its 'equatorial' aisle / is to replicate / the soul's journey / from its entry into the world at the northern tropic, / Cautipates presiding, / to its exit from the southern tropic, / Cautes presiding, / Through a life under the tutelage of Mitras / on the equator at the equinoxes.»

É neste espaço que os iniciados aprendem os mistérios acerca da ascensão e regresso das almas. Podemos ver já aqui também nomes que nos remetem para a astronomia e a sua respectiva simbologia.

Tal como podemos ver pela Fig.2 o mitreu de S. Clemente¹⁴², este é um espaço subterrâneo¹⁴³ de forma rectangular com dois bancos, dos lados mais compridos, feitos em tijolo. Ao fundo encontrava-se um altar com uma imagem do momento central do culto, a tauromaquia. No tecto estariam reproduzidas as constelações que representavam os signos do zodíaco. Desta forma podemos dizer que reproduziam um pequeno modelo em género de microcosmos.

Podia acontecer que existissem salas paralelas a este espaço e pensa-se que talvez fossem usadas para rituais de iniciação.¹⁴⁴

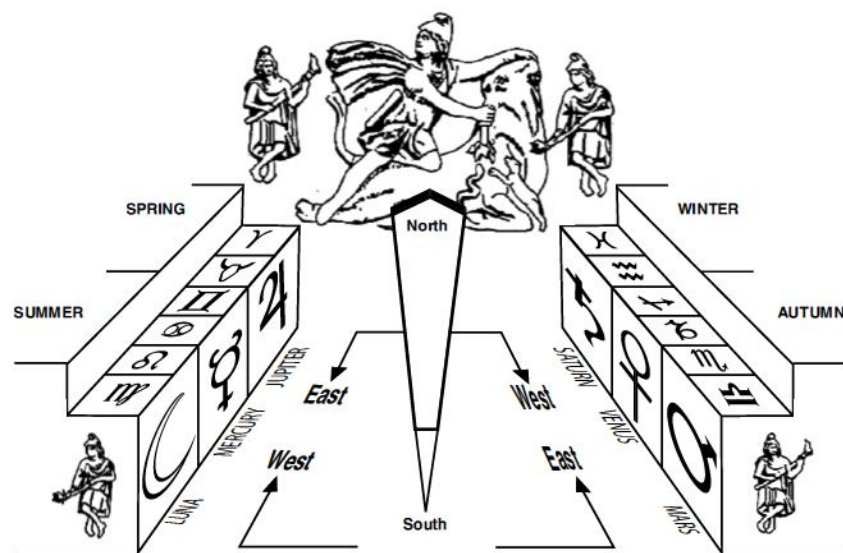


Fig. 3

Na Fig.3¹⁴⁵ podemos ver um esquema que ilustra perfeitamente a citação acima escrita. É possível ver os vários pontos cardeais representados bem como as estações do ano e os signos do zodíaco que lhes são correspondentes. Como

¹⁴² Imagem retirada de: *Encilopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*

¹⁴³ No entanto alguns eram apenas semi- subterrâneos

¹⁴⁴ Gherardo Gnoli, 1987

¹⁴⁵ Esquema retirado de Roger Beck, 2007. Representa o mitreu das sete esferas em Ostia. Pensa-se que este terá sido escavado pela primeira vez por Petrini entre 1802 e 1804

costume, ao fundo estaria a estátua de Mitra a matar o Touro acompanhado de Cautes e Cautopates.¹⁴⁶

Com o Cristianismo o processo foi diferente já que nos primeiros tempos partilhavam os templos e sinagogas com os restantes judeus pois seguiam alguns dos mesmos preceitos que eles. Mais tarde, aquando a separação definitiva do Judaísmo, os locais de culto não eram mais que casas de particulares que emprestavam uma parte para que se celebrasse a Eucaristia. Temos como exemplo desse facto uma passagem de Paulo na sua Epístola aos Romanos:

*Saudações a Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo, que arriscaram a própria cabeça para salvar a minha vida. Estou grato não somente a eles, mas também a todas as Igrejas dos Pagãos. Saudai também a Igreja que se reúne em casa deles.*¹⁴⁷

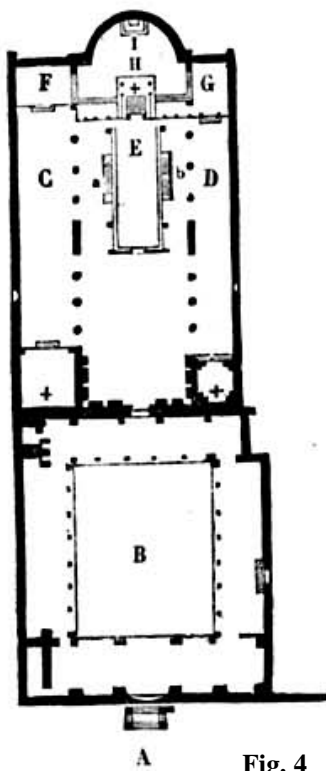


Fig. 4

Durante as perseguições todos os espaços de culto deixaram de poder ser utilizados. No entanto aquando a legalização do Cristianismo e a sua consequente chegada ao poder enquanto religião oficial do Império, substituiu a maioria dos templos pagãos.

Em 1857 Fr Joseph Mullooly, começou as escavações debaixo da actual basílica de S. Clemente de Roma, descobrindo partes de edifícios do século primeiro e um mitreu que data do século segundo.

O ponto A é a entrada, ladeada por quatro colunas de granito, sendo seguido de um átrio (B). Homens e mulheres não assistiam à celebração da Eucaristia em

¹⁴⁶ Ver anexos

¹⁴⁷ Rm 16, 3-5

conjunto. Por essa razão, cada um dos lados estava reservado aos diferentes sexos. O lado esquerdo (C) era para os homens e o direito (D) para as mulheres. O coro estava localizado numa parte mais central, mas num ponto ligeiramente mais elevado do que aquele em que estavam os crentes (E). Um pouco mais abaixo existiam dois púlpitos sendo que o do lado esquerdo (a) era utilizado para a leitura do Evangelho e o outro (b) para a leitura da Epístola. O sacrário (H) estava separado da nave principal pela *cancelli*, ligeiramente acima do Altar Mor. À frente desta secção ficava a cabeceira, onde se sentava o bispo. Era feita em mármore e colocada num conjunto de quatro degraus.

Se colocarmos ambas as plantas lado a lado é possível notar as semelhanças arquitectónicas, como o altar se encontrava ao fundo enquanto que os bancos eram alinhados com as paredes laterais. No entanto a basílica era já mais elaborada ao ter várias secções em mais que um plano de altura (como os púlpitos), enquanto os mitreus tinham apenas salas laterais no mesmo piso que a principal.

Podemos ver assim o estatuto de cada uma das entidades e da mentalidade dos seus grupos de crentes. Mitra era uma figura muito ligada à terra e caminhava entre os vários planos de existência e ajudava qualquer ser independentemente do seu estatuto, aliança ou local. Por essa razão, apesar de estar em destaque, permanece no mesmo piso que os presentes. Já na basílica vemos que o sacrário está colocado acima dos que estão na assembleia pois Jesus apesar de ser “Deus feito homem” sempre esteve acima de qualquer pessoa por ser o Messias enviado para salvar a humanidade.

4. Sacrifícios

O sacrifício sempre foi isto como uma forma de mostrar respeito e devoção às entidades em que se acreditava, sendo desta forma praticados em várias religiões. A romana tinha, tanto no culto público como no privado.

No entanto este sacrifício nem sempre era relacionado com animais ou pessoas. A maior parte deles consistia na oferta de bens alimentares: cereais, uvas, vinho doce. Em alguns casos podiam-se sacrificar animais (bovídeos, suínos e em Outubro, um cavalo).

Estes rituais obedeciam a uma encenação que começa com o derramamento de uma bebida sobre algo que representasse o *foculus* do sacrificante. Depois este (o sacrificante) imolava de forma simbólica a vítima passando uma faca, própria para o ritual, sobre o corpo (da cabeça até à cauda).¹⁴⁸ O fígado, pulmão e coração eram reservados para os deuses, sendo assim queimados sobre o altar. O resto da carne, por outro lado, era consumida pelo sacrificante e pelos seus amigos/familiares e por alguns sacerdotes numa espécie de culto privado.¹⁴⁹

No Zoroastrismo existiam também sacrifícios animais¹⁵⁰ nos festivais anuais dos *gahambars*.¹⁵¹ No entanto pede aos seus fiéis que não sacrifiquem bovídeos¹⁵², o que leva alguns estudiosos a acreditar que seja esta aversão a este sacrifício em particular que o leve a rejeitar Mitra¹⁵³. Por outro lado Zaratustra repudiava também os exageros cometidos em rituais que levavam à ingestão do *haoma*.¹⁵⁴ Alguns autores apontam para que a passagem da tauromaquia no Mitraísmo tenha origem aqui.

Louvado sejas ó Touro sagrado, louvor a ti vaca bem criada, louvor a ti que multiplicas, louvor a ti, oferta do

¹⁴⁸ O abate do animal era reservado aos *victimarii*, sacerdotes preparados para o efeito.

¹⁴⁹ Mircea Eliade, 1989c (p.107)

¹⁵⁰ Alguns são mencionados no *Avesta*: Yasna 11, 4 e Yast 8, 58
Mircea Eliade, 1989b (p.327)

¹⁵¹ Seis festivais dedicados a Zoroastro

¹⁵² O respeito pelo boi era muito importante no Mazdeísmo

¹⁵³ Mary Boyce, 1969 (p.17)

¹⁵⁴ O Haoma era uma bebida feita com base numa planta com o mesmo nome. Era intoxicante e representava o sangue dos seres vivos.

*Criador, para os mais puros, para os puros que irão
nascer.*¹⁵⁵

Na mitologia persa o boi foi o primeiro habitante da terra e ao ser morto todo o género de alimentos surgiram na terra e a sua alma foi para o paraíso depois de ter vivido durante 3000 anos.

*O corpo da vaca, a alma da vaca, o fogo (o filho) de Ahura-
Mazda, o mais útil dos Amesha-çpentas.*¹⁵⁶

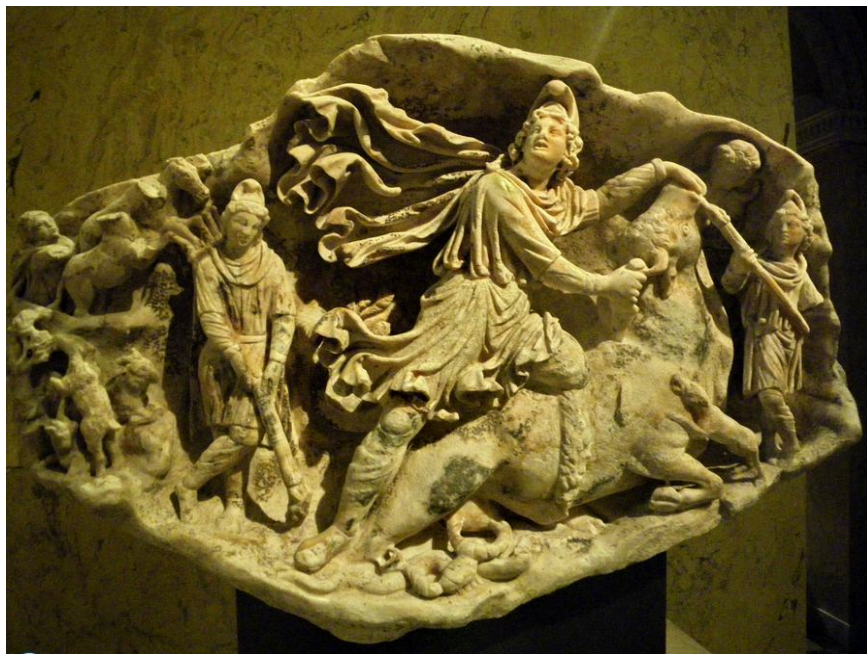


Fig. 5

A fig.5 ¹⁵⁷ representa o sacrifício do Touro realizado por Mitra. Como esta, muitas outras figuravam em *Mitreus*¹⁵⁸ uma vez que esta passagem era de extrema importância nos textos.

¹⁵⁵ Fargard XXI, 1. Trad.: «Praise be to thee, O holy bull, praise to thee, well-created cow, praise to thee thou who multiplieth, praise to thee, gift of the Creator, for the best pure yet unborn»

¹⁵⁶ Yaçna I, 6. Trad.: «The body of the cow, the soul of the cow, the fire (the son) of Ahura-Mazda, the most helpful of the Amesha-çpentas»

Ainda assim, pesquisas recentes levam a crer que esta imagem é comum a qualquer achado que represente um evento a nível cósmico em lugar do evento do mito persa como foi visto por Cummont.¹⁵⁹

Cummont afirma que este mito foi criado por um povo de pastores e caçadores, pois fora destes elementos não faz muito sentido a adoração de uma imagem que representa uma perseguição e morte do primeiro ser a ser criado pelo seu Deus.¹⁶⁰

Mitra atacou-o enquanto passeava na montanha. Agarrou-o pelos chifres e montou-o. Este, enfurecido começou a correr pelos pastos até que colapsou exausto. Nessa altura Mitra arrastou-o para a caverna onde residia para o matar¹⁶¹, cumprindo assim as ordens que lhe haviam sido dadas.¹⁶² O caminho que este deus percorreu tem o nome de *transitus* e tornou-se símbolo dos sofrimentos humanos.¹⁶³ Esta passagem pode ser comparada à passagem que hoje conhecemos como via-sacra, no Cristianismo e que irei abordar mais adiante neste capítulo.

Do corpo do animal surgiram as plantas e ervas úteis, da sua coluna nasceu o trigo e do seu sangue a vinha que produzia a bebida sagrada dos mistérios. O seu sémen, purificado pela Lua, deu origem às várias espécies de animais e por

¹⁵⁷ Esta escultura encontra-se de momento no Museu de Kunsthistorisches em Viena.

¹⁵⁸ Algumas tinham de um lado o Mitra tauromáquico e do outro um Sol num banquete. É possível ver mais imagens nos anexos.

¹⁵⁹ Luther Martin, 1989 (p.8)

¹⁶⁰ Franz Cumont, 2004 (pp.93-94)

¹⁶¹ Idem

¹⁶² Mitra recebeu ordens de um corvo que havia sido enviado pelo Sol.

¹⁶³ Outra forma de contar este mito “das origens” é que Mitra perseguiu o Touro com a ajuda do seu cão até chegar à caverna onde o animal primordial se tinha refugiado. Ibidem (p.95)

fim a sua alma ascendeu aos céus.¹⁶⁴ O espírito do Mal ainda enviou alguns dos seus demónios para envenenar a fonte de vida.¹⁶⁵

Desta forma e por intermédio de Mitra, o Touro tornou-se o criador de todos os seres e plantas benéficas da Terra mostrando assim que a morte de um pode originar a vida de muitos, por vezes mais rica e fecunda que a sua.

De seguida chega à terra uma seca que é vencida por Mitra ao atingir, com uma seta, uma rocha. Segue-se um dilúvio mas os seres vivos são salvos numa arca. Finalmente o seu trabalho na terra termina e é levado para o céu num carro conduzido pelo Sol. Esta mesma passagem é descrita por Cummont¹⁶⁶ mas com um final ligeiramente diferente. Mitra em vez de ser transportado pelo carro, corre atrás dele. Esta imagem descrita desta forma pode levar a que haja um ponto de encontro com o grau Mitraico *heliodromus*.¹⁶⁷

Ao analisar a figura 5 (p. 48) podemos ver vários elementos importantes para compreender o mito da criação no Mitraísmo.

A imolação do Touro realiza-se numa caverna, na presença do Sol e da Lua constantemente mencionados no Avesta. Temos também representados Cautes e Cautopates que, vestidos como Mitra, empregam tochas acesas representando duas epifanias de Mitra enquanto deus solar.

Tudo o que está representado tem algum tipo de significado que podemos cruzar com constelações ou signos do zodíaco.¹⁶⁸ Depois temos também o Sol e a Lua, a representar uma vez mais a dualidade, aqui entre homem e mulher. O Sol enquanto origem da vida e a Lua enquanto fertilidade e pureza.

¹⁶⁴ Ibidem (p.96)

¹⁶⁵ O escorpião e a formiga tentaram consumir os órgãos genitais e beber o sangue.

¹⁶⁶ Mircea Eliade, 1989c (p.273)

¹⁶⁷ Também aqui temos ponto de contacto com o Cristianismo e a ascensão de Jesus aos céus, que irá ser abordado mais à frente.

¹⁶⁸ Temos como exemplos Cautes e Cautopates, que por estarem vestidos de igual podem simbolizar Gémeos. O cão pode ser Canis Minor (pequena constelação do hemisfério celestial norte) e/ou Canis Major (constelação do hemisfério celestial sul).

No Cristianismo o sacrifício não foi de um animal mas sim de Deus feito homem, neste caso Jesus.

Antes de ser preso, juntou os seus Apóstolos em redor de uma Última Ceia¹⁶⁹ sabendo já que iria falecer em breve. Não pela mesma razão, mas para celebrar a sua vitória, também Mitra teve uma ceia acompanhado do Sol, como podemos ver em algumas esculturas.¹⁷⁰

A sua morte esteve desde cedo envolvida em várias questões e problemas. De acordo com os textos a princípio, Pilatos, aplica-lhe uma pena de flagelação. No entanto o povo gritava a pedir crucifixão e por isso este acaba por soltar Barrabás.¹⁷¹ Os textos estão escritos de forma a que pareça que a população estivesse quase a ser incitada pelos doutores da Lei presentes no julgamento, mas não se pode afirmar com certeza de que tenha sido isso que de facto aconteceu.

*Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do Campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus.*¹⁷²

*Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, cruxificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.*¹⁷³

¹⁶⁹ *Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer.* Lc 22,15; Mt 26,26-29; Mc 14, 22-25; Jo 6,51-59

¹⁷⁰ Consultar anexo

¹⁷¹ Lc 23, 13-24

¹⁷² Lc 23, 26

¹⁷³ Lc 23, 33

Como mencionado acima, podemos ligar o *transitus* de Mitra a esta passagem da vida de Jesus. Depois do seu julgamento teve de percorrer o caminho, até ao local onde iria ser crucificado, carregando uma cruz de madeira.

É também possível estabelecer um ponto de contacto entre Cautes e Cautopates presentes nas esculturas e os dois criminosos colocados em cada um dos lados da cruz de Jesus.

Aquando a sua morte todos os discípulos, à excepção de Simão Pedro e algumas mulheres¹⁷⁴, tinham-se escondido. Ainda antes da sua condenação, temos uma passagem importante, a tripla negação de Simão Pedro.

Depois de ser retirado da cruz foi depositado num túmulo oferecido por José de Aritmeia.

*No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro e viu retirada a pedra que o tapava.*¹⁷⁵

A Ressurreição de Jesus tornou-se na base em que assentou o Cristianismo, pois foi para os crentes a derradeira prova de que o Messias anunciado pelos profetas era Jesus. De acordo com os textos, depois do seu regresso realizou uma série de aparições.¹⁷⁶

Por fim, tal como Mitra, os Evangelhos relatam a sua ascensão ao céu: *Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu.*¹⁷⁷

Sacrifícios sempre foram realizados para honrar os deuses, para obterem protecção para a população ou ajudar as colheitas. Estas práticas podiam ser mais, ou menos, sanguinárias se envolvesse animais em vez de bens agrícolas.

¹⁷⁴ Jo 19,25-26

¹⁷⁵ Jo 20, 1

¹⁷⁶ Jo 20, 11-29; Lc 24, 36-43; Mt 28, 16-18

¹⁷⁷ Lc 24, 51; Mc 16, 19-20; Act 1, 6-11

O Touro enquanto símbolo sempre teve uma grande importância por ser um animal de grande porte, muito viril e por ter várias utilizações, já que caso não desse para trabalhar, a sua carne poderia ser consumida.

Esta prática que é vista por muitos como símbolo de crueldade, não é mais que uma metáfora para a prevalência da vida sobre a morte. E em ambos os casos apresentados podemos ver este aspecto. Jesus, por exemplo, ressuscitou no caso do Touro, surgiram na terra várias formas de vida, tanto animal como vegetal. Assim temos também uma ideia de renovação já que o primeiro renova a vida e o segundo uma antiga aliança.

A morte de Jesus traz-nos outra visão, a da salvação¹⁷⁸ dos homens e a redenção dos seus pecados.

Estas duas imagens tornaram-se em partes centrais de ambas as religiões sendo reproduzidas nos tempos e igrejas.

5. Doutrinas e liturgia

A doutrina¹⁷⁹ de uma religião é o que lhe confere os seus aspectos base. Neste caso é um conjunto de princípios que funcionam como uma verdade absoluta para os que seguem determinada crença.

Nos próximos parágrafos será possível perceber em que medida a ideia de retorno, ressurreição e tempo influenciam estes dois objectos de estudo.

A ideia da fracção do pão era de extrema importância já que era muito praticada nas religiões místicas, principalmente na zona do Mediterrâneo. O objectivo desta acção era obter a salvação de todos os participantes através da comunhão com uma entidade superior, após a consagração dos produtos a ser ingeridos.¹⁸⁰

¹⁷⁸ Roger Beck, 2000 (p.123)

¹⁷⁹ Princípios fundamentais de uma crença, sistema ou ciência.

¹⁸⁰ Mircea Eliade, 1989c (p.289)

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo.»

Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai.»¹⁸¹

Para os primeiros cristãos era uma forma de reproduzir o acto de Cristo durante a Última Ceia. Era celebrado no primeiro dia da semana¹⁸² também conhecido como dia do Senhor.¹⁸³ Neste acto o Pão era símbolo do corpo de Cristo e o vinho era o seu sangue.¹⁸⁴ Era também uma forma de relembrar a presença do Messias e do sacrifício que realizou em prol da salvação dos homens e da criação de uma nova aliança.

A Eucaristia acabou por ser implementada no domingo, podendo também ser celebrada durante a semana de acordo com um calendário específico.

Numa sala em que a abóbada é sustentada por colunas retorcidas, dois místicos estão deitados sobre uma camada e um deles tem um recipiente¹⁸⁵. Diante deles encontra-se um tripé, os pães litúrgicos (darouns). À esquerda da mesa, um leão agachado, à direita uma cabeça de carneiro. De cada lado, os iniciados usam máscaras de acordo com o

¹⁸¹ Mt 26. 25-29

¹⁸² Também conhecido como dia da Ressurreição do Senhor

¹⁸³ Act 20, 7

¹⁸⁴ I Cor 10, 16

¹⁸⁵ No texto está escrito “rhyton ». É um recipiente do qual se bebem líquidos durante uma cerimónia.

*grau que têm, à esquerda o Corvo e o Persa trazem comes e
bebes; à direita estão os Leões e Soldados.*¹⁸⁶

De acordo com esta passagem, a refeição cerimonial Mitraica era servida pelos iniciados com máscaras de animais que indicam em de que grau faziam parte. Este banquete reproduzia também a refeição feita, por Mitra e pelo Sol depois da imolação do Touro, numa caverna.¹⁸⁷

*Creio em um só Deus, Pai todo-
poderoso,
Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigénito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os
séculos.
Deus de Deus, Luz da luz,
Gerado, não criado,
Da mesma substância do Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
e, por nós, homens,
e para nossa salvação,
desceu dos céus:
encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez homem.*

*Também por nós foi crucificado
Sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia,
Conforme as Escrituras;
E subiu aos céus,
onde está sentado à direita do Pai;
E com o Pai e o Filho
É adorado e glorificado.
Ele falou pelos profetas.
Creio na Igreja
Una, Santa, Católica e Apostólica.
Confesso um só baptismo para
remissão dos pecados.
Espero a ressurreição dos mortos;
E a vida do mundo vindouro.
Amén*

De acordo com os Evangelhos, após a Última Ceia, aconteceu a morte e posterior Ressurreição¹⁸⁸ de Jesus. Esta parte, tão marcante, acabou por se tornar no centro da religião cristã.

¹⁸⁶ Franz Cumont, 1929. Trad.: «*Dans une salle don't la voûte est soutenue par des colonnes torsées, deux mystes sont étendus sur une couche, et l'un d'eux tient un rhyton. Devant eux, sur un trépied, les pains liturgiques (darouns). A gauche de la table, un lion accroupi: à droite, une tête de belier. De chaque côté, les initiés portant des mesques appropriés au grade qu'ils avaient, à gauche, le Corbeau et le Perse apportant uns come à boire; à droite, le Lion et le Soldat.*»

¹⁸⁷ Roger Beck, 2000 (p.145)

¹⁸⁸ Após a sua aparição diante dos Apóstolos instituiu o Sacramento da Reconciliação «*Os pecados daqueles a quem perdoares serão perdoados. Os pecados daqueles a quem não perdoares não serão perdoados.*» Jo 20, 19-23

Outro aspecto importante é a ideia de Trindade que podemos ver na oração ensinada aos fiéis, também conhecida como Credo Niceno-Constantinopolitano. Uma das primeiras versões deste credo foi estabelecida no Concílio de Niceia em 325.

Esta oração foi estabelecida após resolvidas as questões do arianismo¹⁸⁹ e do facto de passar a ser considerado heresia.

Uma vez que não queremos que os factos sejam mal interpretados por tais relatórios, sentimo-nos na obrigação de vos transmitir, primeiro a fórmula da fé que nós [i.e. Eusébio] apresentamos, e em segundo o que a assembleia de padres apresentou com alguns acrescentos às nossas palavras.¹⁹⁰

Este Credo explica assim, resumidamente, em que é que os cristãos acreditavam e o que professavam, sendo particularmente relevante o monoteísmo, a unidade de Deus e o surgimento de uma ideia de consubstancialidade da Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo). Assim ficou expresso que esta ideia não representava um conjunto de entidades mas sim uma só.

Esta ideia de Trindade causou problemas já que muitos passaram a ver o Cristianismo como uma religião politeísta enquanto eles afirmavam que não. As três entidades referidas (Pai, Filho e Espírito Santo) são uma só.

¹⁸⁹ *We unanimously decided that his impious opinion should be anathematized, with all the blasphemous expressions he has uttered, namely that "the Son of God came to be out of nothing," that "there was a time when he was not," and even that "the Son of God, because he possesses free will, was capable of either both evil and good". In Letter of the Council of Nicaea to the Egyptian Church (Junho 325)*

¹⁹⁰ É possível ler uma breve explicação numa carta de Eusébio de Cesareia à sua igreja acerca do Credo de Niceia. (*Letter of Eusebius of Caesarea to the people of his diocese*). Trad.: « *As we do not want the facts to be misrepresented by such reports, we have been obliged to transmit to you, first, the formula of faith which we ourselves [i.e. Eusebius] presented, and next, the second, which the assembled fathers put forth with some additions to our words.*»

Era também considerado como sendo herege todo aquele que acreditava que existiu uma altura em que o Filho de Deus não existiu ou que ele “veio do nada”.¹⁹¹

a. Hierarquias e Sacramentos

Todo e qualquer grupo religioso tem uma hierarquia e uma forma de organização e nenhuma das duas religiões em estudo – Cristianismo e Mitraísmo – são excepção. Desta forma antes de ser parte de algum grau numa hierarquia é necessária uma iniciação, que em ambos os casos tinha o nome de *sacramentum* ¹⁹² talvez por ser semelhante a um juramento feito no exército. ¹⁹³

No entanto podemos ver variações de uma comunidade para outra pois cada uma tinha os seus costumes, as suas crenças e os seus espaços de culto. O que nos chegou pode não ter sido o que acontecia em todas as comunidades mas sim na grande maioria.

As comunidades eram formadas por grupos de pessoas que tinham em comum uma mesma crença. No caso do Cristianismo criavam-se igrejas formadas à imagem deixada nos *Actos dos Apóstolos* «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações.»¹⁹⁴ enquanto que no caso do Mitraísmo podiam também ser associações, sendo que estas poderiam possuir propriedade.

¹⁹¹ Ver anexos: *Creed of the Council of Nicaea*

¹⁹² *Sacramentum*, i, n. MIL. Juramento, alistamento; juramento; acto sagrado, sacramento

¹⁹³ Cumont, Franz (2004)

¹⁹⁴ *Catecismo da Igreja Católica* (1999)

Dentro destes grupos existia uma hierarquia que no Mitraísmo não se diferenciava de qualquer outra *sodalicia*¹⁹⁵ religiosa que era baseada na forma como se constituíam as cidades.

Não podemos considerar que as regras de organização conhecidas acerca do Mitraísmo sejam que eram implementadas em todas as comunidades, é muito possível que existissem variações dependendo da localização. Isso acontece por exemplo com a hierarquia dividida em sete graus.¹⁹⁶

Sabemos que nas comunidades cristãs, nascidas do Judaísmo, a organização assemelhava-se aos modelos já existentes até porque nos primeiros momentos não havia uma divisão entre as duas como veio a acontecer mais tarde. Sendo assim, a chefia ficava entregue a um colégio de anciãos (mais tarde *presbíteros*¹⁹⁷). Esta era parte da organização das comunidades fundadas pelos Doze.

No século primeiro, as igrejas fundadas pelos Apóstolos ficavam sob a sua autoridade até que, aquando a sua morte, a chefia destas passavam para os bispos. Foi a instituição do primado romano que deu alguma unidade às várias Igrejas existentes por todo o Império. Roma acabou por ser a capital escolhida por motivos, claramente estratégicos já que era a capital do Império. Assim Pedro, que havia sido escolhido por Cristo para edificar a sua Igreja¹⁹⁸, tornando-se no primeiro Bispo de Roma. Os seus sucessores vieram a tornar a Igreja de Roma mais importante, ao começar a adoptar um papel autoritário, exigindo que as suas ordens fossem cumpridas.

No Mitraísmo temos conhecimento de sete graus iniciatórios: *Corax*, *Nymphus*, *Miles*, *Leo*, *Perses*, *Heliodromus* e *Pater*¹⁹⁹ sendo que cada um deles é regido por

¹⁹⁵ Sodalicius, a, um, adj. De associação, de corporação

¹⁹⁶ Roger Beck, 2000 (pp.145-180)

¹⁹⁷ Ancião ou Presbítero são sinónimos que derivam da palavra grega que deriva da palavra grega para velho, idoso, digno de respeito, venerável e experiente

¹⁹⁸ Mt 16, 18

¹⁹⁹ Corvo, Noivo, Soldado, Leão, Persa, Corredor do Sol e Pai

um planeta.²⁰⁰ Estas etapas eram vistas como um progresso nas esferas planetárias e assim mais conhecimentos adquiridos.²⁰¹

Segundo Cummont²⁰² a *acceptio* (admissão) aos graus inferiores era permitida às crianças sendo os pais quem decidia se estavam prontos a avançar ou não.

Estes iniciados podiam ser comparados aos cristãos até porque de ambos os lados era necessária uma preparação, uma catequese. Para os seguidores de Mitra só a partir do terceiro grau é que lhes era possível participar nos mistérios.²⁰³ É por essa razão que o grau *Leo* é mais mencionado do que qualquer outro.

Na antiga catequese cristã²⁰⁴ era ensinado o dogma e a moral mostrando assim, aos neófitos, o que era a fé e o Evangelho. Esta preparação podia ser muito curta como era costume no tempo de Pedro. No final desta ocorria então o rito de iniciação que, em ambos os casos, era no início da primavera.²⁰⁵ De seguida, os recém baptizados, recebiam o sacramento da confirmação e assim já podiam participar na comunhão eucarística.

O primeiro sacramento da igreja cristã a ser administrado aos iniciados, após o seu tempo de catecumenato, era o baptismo. Nos anos da vida pública de Jesus sabemos que também ele se submeteu ao baptismo de João Baptista.

*«Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte,
para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os*

²⁰⁰ *Corax* (Mercúrio), *Nymphus* (Vénus), *Miles* (Marte), *Leo* (Júpiter), *Perses* (Lua), *Heliodromus* (Sol), *Pater* (Saturno)

²⁰¹ John Bowker, 1997

²⁰² Franz Cumont, 2004

²⁰³ *Idem*.

²⁰⁴ Catecumenato era a palavra dada ao tempo de preparação dos “catecúmenos”, ou seja, “aqueles que se instruem na religião”.

²⁰⁵ Março ou Abril, época em que acontece a Páscoa

mortos pela Glória do Pai, também nós caminhamos numa vida nova.»²⁰⁶

O baptismo podia também receber o nome de «*banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo*»²⁰⁷ além de que era um ponto de partida para a aceitação de outros sacramentos. Esta cerimónia ocorria entre a Sexta-feira santa e o Domingo de Páscoa. Logo após recebiam a Confirmação eucarística e assim terminava a iniciação cristã.

Apesar deste ritual ser aplicado aos adultos, tornou-se desde cedo (séculos III-IV) costume fazer o mesmo às crianças apesar de existirem vozes contrárias como a de Tertuliano que afirmava: «Ninguém nasce cristão, faz-se».

Num mitreu recentemente escavado, foram descobertas pela primeira vez, na borda vertical dos bancos laterais, pinturas lamentavelmente deterioradas, que representam cenas de iniciações.

Elas confirmam e clarificam o pouco que os escritores nos ensinaram destas cerimónias e dos das sensações infligidas aos ordenandos. Uma das que está melhor conservada é a que será reproduzida. O místico está nu, com os olhos vendados (velatis oculis) e as mãos podem estar amarradas atrás das costas. O mistagogo está por trás dele como que para avançar. À sua frente, um padre, com traje orienta tinha um barrete frígio e avança segurando uma espada para o místico. Noutras cenas, o místico está joelhado nu ou deitado no chão..²⁰⁸

²⁰⁶ Rm 6,4

²⁰⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, 1999

²⁰⁸ Franz Cumont, 1929. Trad.: «*Dans un mithréum fouillé récemment à Capoue, on a découvert la première fois, sur la tranche vertical des bancs latéraux, des peintres, malheureusement détériorées, qui figurent des scènes d'initiation. Elles confirment et précisent le peu que les écrivains nous apprennent de ces cérémonies et des épreuves infligées aux*

Não se conhecem muito bem os rituais que acompanham os neófitos de Mitra até à sua introdução no primeiro grau. Segundo Cummont «repetidas abluções eram prescritas aos neófitos como um tipo de baptismo, cujo objectivo era limpar as máculas. Essa purificação tinha efeitos diferentes em cada estágio da iniciação e, conforme as circunstâncias, poderia ser apenas um simples borrifo de água benta ou uma imersão total, como acontecia no culto a Ísis.»

De acordo com Tertuliano, enquanto os cristãos usavam uma unção para marcar os seus novos membros, os Mitras eram marcados a ferro quente, na testa. Marca essa que era semelhante à que era feita aos recrutas no exército.²⁰⁹

Como já foi mencionado acima, a hierarquia do Mitraísmo dividia-se em sete partes, para as quais era necessário adquirir alguns conhecimentos e para assim “alcançar a morada dos abençoados”.²¹⁰ A iniciação nestes mistérios envolviam rituais elaborados podendo durar dias e ter testes dolorosos.

No culto romano, os iniciados progrediam pelos sete níveis sendo que *Corax*²¹¹ era o grau mais baixo da hierarquia²¹² sendo seguido por *Nymphus*. Este primeiro grau lembra aos seguidores que foi um corvo que levou até Mitra a mensagem de Sol para que matasse o Touro. Desta forma, era possível encontrar várias imagens de corvos a decorar algumas partes dos mitreus.

O segundo grau traz-nos alguns problemas de interpretação. Para começar não existe uma palavra que traduza *Nymphus* já que esta é uma mistura de duas

ordinands. Unes des mieux conservées est celle que nous reproduisons. Le myste nu est assis, les yeux bandés (velatis oculis), les mains peut-être liées derrière le dos. Le mystagogue de lui par derrière, comme pour le pousser en avant. En face de lui, un prêtre, en costume oriental, coiffé d'un haut bonnet phrygien, s'avance, en tendant vers le myste une épée. Dans d'autres scènes, le myste nu est agenouillé et même étendu sur de sol.»

²⁰⁹ Franz Cumont, 2994

²¹⁰ *Idem.*

²¹¹ Corax, acis, m. ZOOL. corvo, máquina de guerra

²¹² Jonathan David, 2000

palavras gregas²¹³ e está também associado ao planeta Vénus que na mitologia greco-romana é representado por uma figura feminina. Gordon afirma que este planeta era visto como o portador da luz e estava relacionado com a dicotomia luz e trevas ²¹⁴ sendo por essa razão o seu símbolo uma lamparina²¹⁵ ou um diadema.²¹⁶ A ideia de revelação que Ihe é associada, faz com que se possa pensar que as inscrições em que se lê frases relacionadas com «revelar os Ocultos» Ihe possam ser atribuídas.

Gordon acha que este grau representava uma certa hostilidade para com as mulheres já que a deusa empossava princípios tanto masculinos como femininos.²¹⁷

No seu livro,²¹⁸ Cummont, não menciona este grau falando de um outro, Oculto. Dizia também que estes membros estariam escondidos por um véu e a sua ostentação (*ostendere*) fazia parte de um acto solene.

Uma vez que o Mitraísmo era principalmente uma religião de soldados, o grau miles ganha assim uma grande importância. Simbolizava a milícia sagrada de Mitra, que lutava contra o Mal. De acordo com os registos que Tertuliano deixou sabemos que o candidato a este grau era baptizado e marcado (provavelmente a ferro quente) na testa sendo Ihe apresentada uma coroa e uma espada. Supostamente deveria atirar a primeira para trás das costas e afirmar que Mitra era a sua única coroa.²¹⁹

Quando se atingia o grau de *Leo* era despejado, nas mãos e língua do iniciado, mel²²⁰, lavando-se assim dos seus pecados. Este grau partilha de uma forte

²¹³ Idem.

²¹⁴ Idem

²¹⁵ Roger Beck, 2000

²¹⁶ Robert Turcan, 1999 (p.74)

²¹⁷ Jonathan David, 2000

²¹⁸ Franz Cumont, 2000

²¹⁹ Robert Turcan, 1999 (p.74)

²²⁰ Howard M. Jackson, 1985

ligação com o elemento fogo, daí o ritual de iniciação neste grau não poder ser realizado com água. O leão é também uma figura ambivalente:

“O leão é assim, no Mitraísmo, tal como em outros casos, uma figura ambivalente, e de igual modo assustador e de aparência malévola como a cabeça do leontocephaline, no entanto outras vezes é benigno devido à força astral que representa que é igualmente ambivalente.”²²¹

Foi na Pérsia que este culto sofreu grandes alterações e por essa razão um dos mais importantes patamares é Ihe dedicado como forma de não esquecer as raízes. O símbolo que caracteriza esta parte da hierarquia é o barrete frígio que os “*perses*” usam nas cerimônias sendo também um símbolo de liberdade que também era utilizado por Mitra.²²² Tal como os pertencentes ao grau *Leo*, os *Perses* são iniciados com mel.

Sendo o Mitraísmo uma religião solar e Mitra visto como sendo o *Sol invictus* é natural que um dos graus mais altos seja o de *Heliodromus*.²²³ Esta palavra latina simbolizava os mensageiros ou corredores do sol, dependendo da tradução. Por isso também o chicote e a tocha eram os símbolos que caracterizam estes membros.²²⁴

Eram os anciãos que estavam no topo da hierarquia detendo o título de *Pater*, *Thiasi* em grego.²²⁵ Este desempenhava o papel de chefe da comunidade e era a ele que eram apresentados os candidatos à iniciação.

²²¹ *Idem*. Trad.: «“The lion is, then, in Mithraism as elsewhere, an ambivalent figure, and if, similarly, the leontocephaline’s head is sometimes frightening and evil-looking yet at another times benign, it is because the astral force he represents is equally ambivalent.”»

²²² *Idem*.

²²³ *Idem*.

²²⁴ Roger Beck, 2000

²²⁵ Franz Cumont, 2004

É aqui que começamos a ver pontos em comum com a hierarquia católica pois eram também os anciãos que lideravam as comunidades como foi já mencionado anteriormente. Em ambos os casos existiam pessoas com o título de *sacerdos*²²⁶, mas no Mitraísmo o mesmo cargo podia também ser chamado de *antistes*²²⁷ e faziam parte to topo da hierarquia. Tertuliano menciona inclusivamente um *Summus Pontifex*, talvez como forma de classificar esta pessoa como sendo o “Pai dos pais”.²²⁸

Os primeiros homens a serem ordenados foram sem dúvida os Apóstolos como está mencionado numa passagem da 2ª Carta aos Coríntios.²²⁹

Foram estes homens que fundaram as primeiras igrejas no século I. Nestas primeiras comunidades, a autoridade superior, era o apóstolo mas existia já um colégio de presbíteros que dirigia os crentes.

De todos, Simão Pedro sempre fora destacado por Jesus, por entre o grupo dos Doze.²³⁰ Foi a este apóstolo que foi atribuída a missão de defender a fé em Cristo com o objectivo de que esta nunca desaparecesse e assim confirmar os seus irmãos.²³¹

Também eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu. ²³²

²²⁶ Sacerdos, otis, m. sacerdote

²²⁷ Antistes,, itis, m. chefe; bispo, prelado

²²⁸ Franz Cumontt, 2004

²²⁹ 2 Cor 4, 1-2

²³⁰ Mc3, 16; 9,2; Lc24, 34; 1 Cor 15,5

²³¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 1999

²³² Mt 16, 18-19

Por esta razão Pedro sempre foi o apóstolo mais respeitado por todos os outros sendo mais tarde considerado “o primeiro Papa”.

Depois da queda de Jerusalém o número de crentes aumentou exponencialmente principalmente na capital do Império romano. Devido ao facto de Roma ter sido a capital do império romano e também por ser o local onde Pedro acabou por ser sepultado, tinha algum prestígio mas foi só com o passar dos séculos que se tornou a capital desta religião universal.

No final do século II existe já uma hierarquia fixa sendo que o bispo preside ao colégio dos presbíteros. Os sacerdotes e diáconos²³³ eram ordenados²³⁴ pela imposição das mãos. No caso dos bispos essa imposição era feita por vários bispos enquanto outros sacerdotes eram ordenados por um bispo ou vários sacerdotes e os diáconos bastava a imposição das mãos de um bispo.²³⁵

Esta hierarquia foi criada pois com o crescente número de crentes não bastava a existência de um bispo em cada comunidade para presidir à Eucaristia e ministrar todos os sacramentos. Assim os diáconos surgiram com o propósito de auxiliar o presbiterado e episcopado.²³⁶

²³³ O cânone 18 refere que os membros pertencentes a este grau são servos do Bispo «the deacons remain within their bounds, knowing that they are servants of the bishop and a lower rank than the priests.»

²³⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, 1999

1536- A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos Apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. E compreende três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado.

1597- O Sacramento da Ordem é conferido pela imposição das mãos seguida de uma solene oração consecratória, que pede e Deus para o ordinando as graças do Espírito Santo, requeridas para o seu ministério. A ordenação imprime um carácter sacramental indelével.

²³⁵ *História da Igreja das Origens até o Cisma do Oriente*

²³⁶ *Idem*.

1554- (...) A doutrina católica, expressa na liturgia, no Magistério e na prática constante

Foi no Concílio de Niceia²³⁷ ficou estabelecido que nenhum membro do clero deveria ser castrado²³⁸ bem como o tempo de espera entre a sua iniciação e a sua ordenação deveria ser mais longo.²³⁹

Quanto à sua relação com o sexo feminino, apenas familiares directas poderiam coabitar com membros do clero.²⁴⁰

Existem outros cânones referentes aos que foram mal examinados antes da sua ordenação.²⁴¹

Neste pequeno estudo sobre as hierarquias podemos concluir que a sua organização é ligeiramente semelhante quando falamos da “chefia” das comunidades, que cabia sempre aos anciãos. Já o resto dos graus não tinham muitos pontos em comum a não ser que estejamos a falar das cerimónias sacramentais e iniciatórias.

Cada vez que se subia mais um patamar era realizada uma cerimónia de acordo com o *sacramentum* adquirido.

No caso do Mitraísmo temos um total de sete graus, todos eles com uma grande carga masculina e a sua respectiva iniciação, sendo isto os sacramentos de que se fala neste culto. Já com o Cristianismo não encontrei dados que me levassem além da organização composta nas páginas anteriores. A cabeça da Igreja

da Igreja, reconhece que existem dois graus de participação ministerial no sacerdócio de Cristo: o episcopado e o presbiterado. O diaconado destina-se a ajudá-los e a servi-los. Por isso, o termo «*sacerdos*» designa, no uso actual, os bispos e os presbíteros, mas não os diáconos. (...) todos os três são conferidos por um acto sacramental chamado «ordenação», ou seja, pelo sacramento da Ordem.

²³⁷ Concílio convocado pelo Imperador Constantino em 325 d.C.

²³⁸ Cânone 1 «no such person should be promoted to the clergy (...) if anyone has been made a eunuch by barbarians or by his master, (...) church law admits him to the clergy.»

²³⁹ Cânone 2 «A catechumen needs more time for a longer trial after baptism.»

²⁴⁰ Cânone 3 «(...) forbidden any bishop, priest, deacon or any clergy, to have a woman with him except a mother, sister, aunt, or some such person beyond suspicion.»

²⁴¹ O Cânone 9 diz especificamente que estes devem ser depostos, tal como os *lapsi* (apóstatas)

acabou por ser o bispo de Roma (mais tarde conhecido como Papa) seguido de presbíteros e diáconos. Os sacramentos nada estavam relacionados com uma subida numa hierarquia, sendo o único que dava acesso à vida religiosa era o Sacramento da Ordem que era administrado de forma diferente conforme o papel que a pessoa iria assumir a partir daí. Neste caso, excepcionalmente, a cerimónia podia simbolizar a subida na hierarquia da Igreja.

As iniciações para ambas passavam por um baptismo que poderia ser ainda nos primeiros anos de vida. No entanto se fosse mais tarde era necessário que se passasse por uma catequese antes de receber este primeiro sacramento.

No Cristianismo as comunidades e celebrações eram realizadas conforme o que havia sido ditado pelos Apóstolos, os primeiros chefes das várias comunidades existentes.

b. O papel das mulheres nestes grupos

Apesar de o Cristianismo e o Mitraísmo serem duas religiões com bases masculinas assentando num Deus, são totalmente diferentes em relação à forma como abordam o tema das mulheres e da sua participação na vida religiosa.

No Cristianismo temos três figuras femininas em destaque, uma no Antigo Testamento e as outras duas no Novo Testamento, refiro-me a Eva, Maria e Maria Madalena enquanto no Mitraísmo não temos nenhuma. Existem poucas referências a mulheres, e a maioria dos investigadores não lhes atribui credibilidade alguma.

A maioria dos historiadores mostra o Mitraísmo como sendo uma religião exclusivamente masculina, no entanto Jonathan David no seu artigo²⁴² refuta essa ideia tendo como base algumas fontes que mostram a presença feminina no culto a Mitra.

²⁴² Jonathan David, 2000

Na História das Origens temos a criação da mulher para que existisse um balanço e uma companhia para o homem²⁴³. No entanto esta mulher foi vista durante muito tempo como a causadora do pecado original²⁴⁴ e a da expulsão do primeiro casal do jardim do Éden, apesar desta ter sido tentada pela serpente.

Esta visão negativa veio a ser atenuada com o tempo e com várias mulheres, mas é Maria que muda por completo a história. Este exemplo de pureza e virtude chega-nos pela aceitação de carregar, no seu ventre, o filho de Deus. Maria consegue englobar em si todos os papéis de uma mulher: virgem, mãe, irmã, filha, noiva e esposa.²⁴⁵

Também no primeiro casal de humanos (Masye e Masyâne) da doutrina Mitraica, existiu a aplicação de um castigo mas neste caso a culpa de ambos e não de um só membro do casal. Não existindo assim um “estigma” sobre o sexo feminino.

Maria é a mulher com mais importância e mais destacada nos Evangelhos. Foi ela que teve Jesus no seu ventre tornando-se assim a mãe do Messias.²⁴⁶ No entanto isto já tinha sido profetizado «*Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho; e hão-de chamá-lo Emanuel, que quer dizer Deus connosco.*»²⁴⁷

Ao contrário de Jesus que, como já vimos, foi gerado no ventre de uma mulher, Mitra nasceu de uma rocha, *petra genetrix*. E foi este facto que deu mais força aos que falam da ausência feminina deste culto, algo que irei desenvolver mais adiante.

²⁴³ Gn 2, 18-22

²⁴⁴ Gn 3, 16

²⁴⁵ Michel Feuillet, 2005

²⁴⁶ Mt 1, 18-25; Lc 1, 26-38

²⁴⁷ Mt 1, 22-23

Jesus aceitava, junto de si, qualquer pessoa fosse homem ou mulher, puro ou pecador pois o que interessava era a sua fé e arrependimento dos pecados cometidos. No culto de Mitra parecia existir uma particularidade que o distingue dos restantes cultos helenistas, a exclusão das mulheres.

Toynbee foi um dos vários estudiosos que salientou o facto de passagens de Porfírio e Tertuliano, nos mostrarem que os nomes dos sete graus da religião estão no masculino e nota uma ausência de traços femininos nas dedicações a Mitra.

F. Lajard admite a possibilidade de participantes do sexo feminino enquanto Cummont discorda veementemente. J. Ferguson, em 1995, sugere a possibilidade de existir um grau chamado Leoa.

É recorrente afirmar que as mulheres não faziam parte do Mitraísmo e essa ideia pode ter como base um texto de Porfírio:

“Para explicar em enigmas a nossa semelhança com animais, eles estão habituados a revelar-se de acordo com [os nomes de] animais; de modo que chamam os iniciados a participar nos mesmos ritos, leões, às mulheres leas e aos que assistem, corvos.” ²⁴⁸

Nesta passagem temos mencionado um grau feminino *leonesse* – leoa- mas Porfírio diz que esse podia ser traduzido por hiena. Apesar desta linha de pensamento não ter sido aprofundada Richard Gordon afirma que caso se lesse “hienas” poderia significar que as mulheres não só eram excluídas dos

²⁴⁸ Trad.: «For, explaining in riddles our commonality with animals, they are accustomed to reveal us according to [names of] animals; so that they call those initiates participating in the same rites lions, and the women lionesses, and the attendants ravens.»

Augustus Nauck, *Porphyrii Philosophia Platonici Opuscula Selecta* (Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1963), p. 254

mistérios de Mitra, como eram também desprezadas. No entanto a hiena é vista como um animal que muda de sexo e assim torna-se numa boa forma de simbolizar as mulheres que participariam num culto principalmente masculino. Além disso esta ideia não tem muito onde se basear já que este animal nunca aparece na iconografia Mitraica.

Mas estariam as mulheres, de facto, excluídas do culto?

Corax, nymphus, miles, leo, perses, heliodromus e *pater* são os sete graus do Mitraísmo e todos eles têm uma conotação masculina, seja pela raiz latina da palavra, seja pela actividade que caracterizam ser desempenhada por homens. No entanto alguns destes graus podem criar alguma controvérsia na sua interpretação. É o caso dos graus que passo a apresentar.

No Norte de África foi encontrado um túmulo com algo que pode significar que as mulheres faziam parte do Mitraísmo. O túmulo, com dois sepulcros do século terceiro, estava coberto de iconografia Mitraica e dá para perceber que era de um casal abastado. O do homem dizia “*qui leo iacet*” e o da mulher “*quae lea iacet*”. Isto mostra a possibilidade de ambos serem iniciados no mesmo grau dentro da religião.

M. J. Vermaseren afirma que uma vez que esta situação não era usual, deveria ser uma facção “marginal” e a única onde as mulheres eram aceites, uma vez que nenhuma outra fonte fala de mulheres, muito menos ligadas a um grau em particular. Uma coisa interessante é que existe um túmulo em Roma que tem símbolos semelhantes, o que sugere que poderiam estar ligados de alguma forma.²⁴⁹

Uma outra prova de que as mulheres poderiam estar envolvidas de alguma forma está num testemunho de uma escrava romana chamada Cascelia Elegans. Este era uma oração, dirigida a uma entidade masculina – *Domine aeternae* – que estava inscrita num altar. Gerard Mussies, depois de analisar a oração, afirmou

²⁴⁹ M.J. Vermaseren e C.C Van Essen, *The Excavations in the Mitreu of the Church of Santa Prisca in Rome* (Leiden: E.J. Brill, 1965)

que não tinha muita relevância pois era de uma simples escrava. A sua ideia não foi refutada e dá assim continuidade à ideia de que o culto é masculino.

No entanto, as mulheres não eram permitidas nos mistérios do deus persa. Mas este facto apenas não deve levar-nos à conclusão de que o deus que Cascelia invoca não era Mitra, pois é possível que apesar de não serem admitidas, eram autorizadas a ter inscrições ou esculturas colocadas nos santuários, ou podiam fazer doações à comunidade a que os maridos e filhos pertenciam. ²⁵⁰

Em Colónia também foi encontrada uma inscrição relativa a *Matter* que se pode supor que seja um nível paralelo ao de *Patter*, sendo assim talvez um grau de sacerdotisa.

Os estudiosos desta área concluem não se poder dar a certeza absoluta da ausência de mulheres neste culto pois existem inscrições mostrando possíveis graus femininos como *Mater* e *Lea* como aconteceu em Oea, Colónia e Ostia e representações iconográficas em Roma, Oea, Angleus, Dieburg, Scarabantia e Carrawburg. Além disso nenhuma fonte antiga mostra expressamente que as mulheres não vissem a sua entrada permitida no culto de Mitra. ²⁵¹

²⁵⁰ Gerard Mussies, "Cascelia's Prayer", in U. Bianchi and M.J. Vermaseren, eds, *La soteriologia dei culti nell' Impero Romano* (Leiden: E.J. Brill, 1982) Trad.: «*Women, however, were not admitted to the mysteries of the Persian god. But this fact alone should not lead us to the conclusion that the god whom Cascelia invokes can therefore not be Mitras, for it is thinkable that although they were not admitted, they were yet allowed to have inscriptions or sculptures placed in the sanctuary, or could make donations to the community of which their husbands or sons were members.*»

²⁵¹ Em 1980 Richard Gordon escreveu um artigo para o *Journal of Mitraic Studies* onde argumenta que as mulheres providenciavam a justificação central para os iniciados, havendo assim uma separação do dia-a-dia.

Viviam também em igualdade com os homens, na fé, e *foi o Cristianismo que fez com que as mulheres acessem, na igualdade das responsabilidades, à igualdade da punição.*²⁵²

No início dos Actos podemos ver que as mulheres também podiam ser profetas²⁵³, além de poder ensinar outras mulheres e crianças.²⁵⁴ Assim é possível afirmar que tinham alguma importância dentro do ensino da religião. Ainda assim, apesar de não se conhecerem graus no feminino, há quem acredite que este facto não é suficiente para suportar a tese de que as mulheres fossem excluídas, nem que não existissem graus como *mater* ou *lea*.

Gordon afirma que Porfírio não usou os nomes dos animais tendo em conta a diferenciação de sexo dos participantes do culto.

Tertuliano também menciona mulheres *virgines* e *continentes* em “*De praescriptione haereticorum*”. Mostra assim que poderiam existir algumas iniciadas que se abstinham de qualquer prática sexual em honra do deus mas que também os homens poderiam seguir esta prática.

“... Mitra proibiu a sua participação nos mistérios e assim privou-se da assistência incalculável dos propagandistas. A disciplina grosseira da ordem não permitia que tomassem graus nas cortes sagradas nem entre os mazdeístas do Oriente, ocupando apenas um papel secundário na sociedade dos fiéis. Entre centenas de

²⁵² Henri Marrou, “Introdução a Clemente de Alexandra, *O Pedagogo*, Paris, Crtf, ‘Sources Chrétiennes’ pp244-245

²⁵³ Act 2, 17-21

²⁵⁴ Tt 2, 3-4

inscrições que chegaram às nossas mãos, nenhuma menciona uma sacerdotisa, mulher iniciada, (...) . ” ²⁵⁵

Também Vermaseren concluiu que as mulheres estavam presentes numa certa seita/grupo/secção/divisão, mas que este não era de todo importante ou característico do Mitraísmo no seu conjunto.

Os mistérios Mitraicos parecem ter apelado a certos tipos de indivíduos dentro do mundo romano, nomeadamente militares (soldados) e escravos. Talvez um facto muito importante era o de que o culto Mitraico era composto por irmandades supostamente secretas e autónomas, as mulheres não eram convidadas para se juntar aos grupos.

Outra coisa que poderia acontecer seria as mulheres escolherem não seguir tal crença/culto por vontade própria preferindo outros como o de Ísis ou Cibele. Algumas facções eram, sem sombra de dúvida, mais inclinadas a ter mulheres envolvidas, talvez nas áreas onde não existissem cultos alternativos.

Talvez o Mitraísmo tivesse evoluído e passado a ter ramificações diferentes, com diferentes práticas, com o passar do tempo, para que isso tivessem sido acrescentados graus. As provas parecem indicar pelo menos duas ou mais linhas do Mitraísmo. Coisa que pode assim explicar o facto de existir mais do que um templo como acontece em *Ostia*.

As mulheres podiam envolver-se no Mitraísmo tal como era praticado em algumas partes do Império; até onde podemos ver, elas não eram totalmente excluídas e impedidas de fazer parte do culto nas bases teológicas e ideológicas.

²⁵⁵ Jonathan David, 2000. Trad.: «... *Mitra forbade their participation in his mysteries and so deprived himself of the incalculable assistance of the propagandists. The rude discipline of the order did not permit them to take degrees in the sacred cohorts, and as among the Mazdeans of the Orient, they occupied only a secondary place in the society of the faithful. Among the hundreds of inscriptions that have come down to us, not one mentions either a priestess, a woman initiate, or even a donatress.*»

Os defensores da visão recebida poderiam objectar, como as representações de mulheres no Mitraísmo constituem apenas uma proporção muito pequena das provas total do corpus apresentado.

O autor do artigo²⁵⁶ afirma que as mulheres não eram explicitamente excluídas dos rituais, mas que em vez disso, não tinham oportunidade de fazer parte deles.

Apesar das muitas semelhanças entre estas duas religiões, o caso feminino é um daqueles que mais diferenças mostra.

O Mitraísmo é conhecido como sendo uma religião de soldados, logo masculina e por isso a falta de frequência feminina nunca foi posta em causa. No entanto foram já encontradas provas que podem mostrar que as mulheres faziam parte do culto. Neste debate existe uma terceira ideia que defende que as zonas onde foram encontradas essas provas eram excepções à regra.

Jonathan David é um dos que afirma que as mulheres estavam envolvidas no culto ao deus Persa e que afirmar o contrário seria negligenciar as provas existentes.

Dentro do Cristianismo não se passa o mesmo. A história da mulher começa com a criação de Eva e o “pecado” que ela cometeu. No entanto o papel feminino ganha alguma importância com Maria que, virgem, dá à luz o Filho de Deus, Jesus.

Outra mulher emblemática é Maria de Magdala que foi absolvida, por Jesus, dos seus pecados.²⁵⁷ São também elas que são pela falta do corpo do Messias, no sepulcro mostrando que também são importantes na difusão da fé cristã.²⁵⁸

Ainda assim algo que tinham em comum, de acordo com alguns documentos, é que em ambos os casos existiam virgens. Inclusivamente Tertuliano dizia que um esposo devia considerar a virgindade como o melhor dos adornos nas suas

²⁵⁶ *Idem*

²⁵⁷ Lc7,36-50

²⁵⁸ Mt28,1-7; Mc16, 1-8; Lc24, 1-12; Jo20, 1-10

futuras esposas. Recomendava também às mulheres cristãs «só agradem ao [seu] marido» e por isso que não usassem maquilhagem, jóias ou vestidos luxuosos.²⁵⁹

É possível ver, assim, uma maior abertura por parte do Cristianismo para aceitar pessoas independentemente do género ou estatuto social. Foi este seu lado universalista que lhe permitiu, como veremos, ser considerado como uma forma possível de ligar todo o império. Tal não era possível com o Mitraísmo pois ao excluir, supostamente, todas as mulheres fazia com que inclusivamente as famílias se dividissem pelo menos em termos de religião.

c. Perseguições

A perseguição religiosa foi uma forma de proteger os interesses da religião que fosse protegida pelo império.

No império romano, o Cristianismo não foi bem recebido a partir do momento em que se separou completamente do Judaísmo²⁶⁰. Além de ser uma religião nova, os cristãos, eram vistos como ateus e proclamavam ideais que iam contra aos da religião romana.

O principal problema que lhes era apontado, por alguns, era o facto de adorarem um criminoso que morreu na cruz. Eram vistos por muitos como uma seita perigosa que realizava rituais imorais²⁶¹ e sexuais²⁶².

Uma vez que se recusavam a prestar culto aos deuses do panteão romano e a fazer os respectivos sacrifícios cívicos, os romanos temiam que isso pusesse em perigo a *pax deorum*²⁶³ e assim, também a *pax romana*²⁶⁴.

²⁵⁹ Alain Corbin, 2008 (p.43)

²⁶⁰ Ainda antes de serem perseguidos pelo Império, as autoridades judaicas já o faziam por não cumprirem a Lei.

²⁶¹ Matar crianças, canibalismo, magia,...

²⁶² Alain Corbin, 2008 (p.43)

²⁶³ Paz com os Deuses. Linda Woodhead, 2009 (p.14)

No segundo século tiveram lugar perseguições pontuais mas severas na Bitínia e Antioquia sob o comando de Trajano²⁶⁵ e na província da Ásia com Adriano²⁶⁶. Entre 138 e 161, sob o governo de Antonino, Ptolomeu (Roma) e o bispo Policarpo (Esmirna) foram condenados. Aquando o reinado de Marco Aurélio, nota-se um aumento significativo das perseguições apesar de tais não diminuírem o número de crentes.²⁶⁷ Em 180, na África do Norte decapitam cristãos, em Roma alguns são condenados a trabalhos forçados.

No entanto, o número de crentes continua a crescer e o Cristianismo penetra nos membros da corte imperial.

Começaram também a existir críticas por parte de alguns intelectuais como Tácito, Suetónio e Plínio. O primeiro acusava os cristãos de misantropia²⁶⁸ e ódio ao género humano, o segundo afirmava que esta nova religião era maléfica. Celso acusa também os cristãos de serem ateus²⁶⁹ pois não cumpriam a religião romana, logo eram maus cidadãos.

No entanto, era do povo que vinha a “sede de sangue” que piorou durante o século III aquando o surgimento de alguns problemas que viram como sendo uma interrupção na paz com os deuses. Desta forma como culpados foram apontados os seguidores de Cristo pois só rezavam ao Deus deles e não prestavam o culto cívico. Apesar de serem acusados de vários crimes, o verdadeiro delito que cometiam era o facto de serem cristãos.²⁷⁰

²⁶⁴ Paz do Império. Idem

²⁶⁵ Entre 98-117

²⁶⁶ Entre 117-138

²⁶⁷ Foram vários os homens e mulheres condenados à morte: Justino (filósofo) foi condenado à morte em Roma, o bispo Potino foi morto em Lião em 117. Sanctus (diácono da igreja de Vienne Isère), Átalo (cidadão romano), Blandina (escrava) e Gálias tiveram os seus corpos dados a cães sendo de seguida queimados.

²⁶⁸ A aversão ao ser humano e à natureza humana no geral

²⁶⁹ Sendo que neste caso o ateísmo era por não acreditarem num conjunto de deuses.

²⁷⁰ Alain Corbin, 2008 (p.39)

Esta época pode dividir-se em dois períodos distintos sendo que o primeiro foi entre os anos 50 a 250, onde se destacaram Trajano e Severo. O segundo período foi o dos Éditos²⁷¹ sendo que os mais importantes foram os de 249 (Décio), 257 (Valeriano), 303 (Diocleciano) e 313 (Constantino).

Era o facto de se ser cristão que era punível com a morte e não os alegados “crimes” que cometiam. No entanto, por incrível que pareça é também a época em que mais pessoas aderem a esta nova crença.

Durante as perseguições podemos ver três reacções diferentes por parte dos próprios cristãos. Alguns morriam de forma heroica ficando conhecidos como sendo os mártires²⁷², outros preferiam renegar o Cristianismo voltando assim às práticas pagãs romanas e foram chamados de *traditores*, por fim existiram os *lapsi*, os que depois de renegarem a fé cristã queriam voltar pois tinham-se arrependido.

Este terceiro grupo dividiu os cristãos, uns negavam o regresso dos *lapsi* enquanto que os outros os aceitavam dizendo que a sua religião tinha como uma das bases o perdão e que todo o homem é fraco e pode cair.

Décio ordenara que a 3 de Janeiro de 250 todos os cidadãos e as suas famílias fizessem um sacrifício em honra dos deuses, ao que os cristãos recusaram. Isso levou a que vários fossem torturados e outros mortos.²⁷³ As perseguições levadas a cabo por Décio terminam com a sua morte em 251 mas foram retomadas pelo seu sucessor que ordenou vários sacrifícios públicos. A população gritava «Cristãos aos leões!» pois acreditavam que estes eram os responsáveis pela peste que assolava o Império.²⁷⁴

Valeriano ordena uma perseguição geral por volta de 257/ 258 mas com a sua captura pelos persas, o seu filho Galiano sobe ao trono e termina-a. Autorizou

²⁷¹ Proclamações imperiais que levaram a grandes movimentos de resistência e hostilidade.

²⁷² Os que preferiam morrer a renegar a sua fé em Cristo, sendo por isso venerados como modelos a seguir.

²⁷³ Outros aproveitaram o facto de poderem comprar o sacrifício, dando dinheiro.

²⁷⁴ Alain Corbin, 2008

os cristãos a recuperar os seus lugares de culto e cemitérios. Não era ainda uma religião lícita, mas mesmo assim puderam usufruir de quarenta anos de paz e assim desenvolver-se.

Na segunda metade do século II surgiram alguns nomes que defendiam o Cristianismo no plano cultural e moral: Justino, Tertuliano, Clemente, Orígenes, Eusébio de Cesareia, entre outros.

Em 311 o imperador Galério reconhece que as perseguições em nada enfraqueceram o Cristianismo e reconhece oficialmente tornando-a numa religião legal. *«Os cristãos deverão orar ao seu Deus pela nossa saúde, pela do Estado e pela sua própria»*.

Foi em 313, em Milão que os imperadores Constantino e Licínio se dirigiram aos seus súbditos: *«aos cristãos, como a todos, a liberdade de poderem seguir a religião da sua escolha, de modo que o que há de divino na morada celeste possa ser benevolente e propício»*. Desta forma surgiu algo novo, a liberdade de religião e de culto e assim o martírio quase desapareceu do império. Por outro lado o culto a estes fiéis desenvolveu-se.

Foi concedido aos imperadores poderes de intervenção na Igreja, incluindo a convocação de concílios ecuménicos. Nestes foram tratados assuntos relacionados com vários dogmas e controvérsias trinitárias e cristológicas de forma a chegar a algumas definições mais precisas.

Desde do reinado de Constantino são elaboradas uma série de leis que se tornam cada vez mais repressivas. Estas têm como objectivo restringir a liberdade de expressão e do culto de todos os dissidentes da ortodoxia que foram considerados hereges e por isso perseguidos. Os filhos de Constantino foram os primeiros que puseram estas leis em prática.

Os zoroastrianos foram uns dos perseguidos pelos cristãos que se encontravam agora no poder e assim aquilo que consideravam como heresia e apostasia da fé zoroastriana passou a ser punido com pena de morte.²⁷⁵

²⁷⁵ John Bowker, 1997

Por outro lado o Mitraísmo era um forte concorrente ao lugar que o Cristianismo ocupava agora no Império. Os apologistas²⁷⁶ viam os mistérios como uma “imitação diabólica da eucaristia”.²⁷⁷

Ainda assim vários imperadores defenderam Mitra, mais que não fosse, por razões políticas. Em 307-308 foi erguido um altar a Mitra²⁷⁸ por Diocleciano e outros *Augusti*.

Podemos é marcar a vitória de Constantino em Ponte Mílvia, em 312, como o início do fim do paganismo enquanto religião oficial e permitida no Império Romano.²⁷⁹

Ao contrário de Constantino, os seus sucessores acabaram mesmo por proibir a liberdade do culto pagão. Isto aconteceu no final do século IV quando o imperador Teodósio mandou fechar os templos pagãos e torna o Cristianismo na religião oficial do Império.

Em 382 Graciano retira a estátua e o altar de Vitória, do Senado, retira as imunidades das sacerdotisas vestais e dos sacerdotes pagãos, confiscando também os seus bens e subsídios. Mais tarde Teodósio manda encerrar os templos e alguns acabam por ser destruídos. No entanto alguns ficaram abertos pois continham doações por parte de famílias importantes ou então para que se pudessem realizar lá assembleias públicas.

É entre os anos de 391 e 394 que podemos ver o fim oficial do paganismo sendo criadas uma série de leis que proíbem todas as manifestações pagãs. A lei de 24 de Fevereiro é para Roma, a de 16 de Junho para o Egipto e a de 8 de Novembro de 392 estende-se a todo o Império. São também proibidos todos os sacrifícios fossem estes públicos ou privados sob a pena de pagar pesadas coimas. É esta a lei que acaba por tornar o Cristianismo na religião oficial do Império já que a antiga era agora ilícita. Por isso ao contrário do que muitas vezes se pensa, foi

²⁷⁶ Como por exemplo Justino e Tertuliano

²⁷⁷ Mircea Eliade, 1989c (p.271)

²⁷⁸ Visto como «o benfeitor do Império»

²⁷⁹ Ibidem (p.277)

Teodósio que tornou o Império romano, num Império cristão e não Constantino.

d. Paraíso e Inferno

A vida após a morte sempre foi uma temática presente nas crenças orientais. Podemos ver em várias a ideia de mundos ou locais paralelos ao nosso para onde as pessoas iriam após o término da sua vida. Estes locais eram já, em algumas religiões, conhecidos por paraíso e inferno, ainda antes do surgimento do Cristianismo.

*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao
que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer da árvore da Vida
que está no Paraíso de Deus.²⁸⁰*

No Antigo Testamento, o paraíso, era o mesmo que o Jardim do Éden, já que esse era o significado da sua palavra em hebraico. É assim visto como a morada divina. Já no Novo Testamento adquire uma conotação ligeiramente diferente já que passa a ser o lugar onde se espera viver com Deus.

Por seu lado o inferno designa, na sua origem latina, *lugar inferior* ou *abismo*. No Antigo Testamento era conhecido como sendo o local onde estavam os mortos independentemente das acções que tivessem realizado em vida. Com o passar do tempo passou a ser visto como sendo algo semelhante a uma prisão que albergava os ímpios até ao dia do julgamento final²⁸¹.

²⁸⁰ Ap 2, 7

Esta descrição relaciona-se directamente com a que nos é dada no Antigo Testamento: «O SENHOR Deus fez brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer; a árvore da Vida estava no meio do jardim, bem como a árvore do conhecimento do bem e do mal.» (Gn, 2,9)

²⁸¹ Is 2, 11-21

A ideia de inferno e julgamento está muito ligada à literatura apocalíptica pelo que pode conter mais elementos mitológicos que muitas outras textos.

No caso do Zoroastrismo podemos ver que a ida para o paraíso ou inferno dependia do cumprimento de três ideias ou leis: *Humata, Hukta, Huvarahta*, ou seja, *Bons pensamentos, Boas palavras, Boas acções*.²⁸² Por seu lado os ímpios cairiam de uma ponte para um inferno repleto de maus pensamentos, palavras e acções²⁸³ onde sofreriam tortura física para a eternidade.

Outras crenças descrevem o destino dos incumpridores do Bem como tendo as suas almas levadas pelo Vento do Norte. Estas vão para um espaço repleto de trevas onde lhes é dado veneno de acordo com as ordens de Angra Mainyu. Enquanto que os que se mantêm no caminho mostrado pela entidade que rege o lado do Bem se veem a viver a felicidade eterna.²⁸⁴

Para além dos deuses existem também as noções de anjos e demónios tão frequentemente usadas nas literaturas que descrevem momentos apocalípticos, entre outros.

Na literatura católica temos dois tipos de anjos: os do Senhor²⁸⁵ e os Caídos²⁸⁶. Os segundos, são retratados no Novo Testamento como sendo os subordinados de Satanás. Esta parte da Bíblia aceita também a ideia popular já existente de que o mundo tinha uma parte maléfica que Cristo deveria vencer. Nas raízes desta ideia temos a versão de algumas outras religiões orientais que nos contam que os demónios eram criados por um espírito maléfico e saíam dos abismos para corromper os puros. Por vezes traziam também consigo a doença e morte.²⁸⁷ No Zoroastrismo estes eram conhecidos como *daevas*.²⁸⁸

²⁸² Tradução para português a partir de uma em inglês encontrada em Gerald L. Berry, 1956 (p.37) , onde se encontrava como: *good thoughts, good words, good deeds*.

²⁸³ A. V. Williams Jackson, 1896 (p.57)

²⁸⁴ A. V. Williams Jackson, 1913 (p.197)

²⁸⁵ Gn 22, 16; 32, 1-33; 48, 16; Jz 2, 1-2; 2 Sm 14, 17; Sl 8,6-7; 34,8; 35,5; Dn 13,59; Ag 1,13; Zc 1,11; Mt 2,7; 3,1; Mt 1,20; Act 5,19; 8,26; 10,3; 23,8; Gl 3,19-21; Heb 2,2; Ap 2,1-2

²⁸⁶ Gn 6,2-4; Nm 13,33; 1 Cor 6,1-3; 2 Pe 2,4

²⁸⁷ Franz Cumont, 1929 (p.146)

Podemos ver assim que além de pontos em comum a nível de entidades, a terminologia característica destas ideias do pós vida, são em muito semelhantes. Tal como já foi abordado anteriormente, nem todos se regem pela ideia de que a morte é um fim. Pode ser apenas um estado temporário até à Ressurreição. Também podemos ver que as ideias de atravessar uma ponte ou rio, ascender aos céus.

e. Apocalipses

Hoje em dia o Apocalipse é muitas vezes associado à ideia de fim do mundo, no entanto a origem da sua palavra grega *apokálypsis* dá-nos outra visão sobre este assunto. O livro final do Novo Testamento não é mais que a “revelação de profecias”. A nível literário é um género muito próprio cujo estilo de escrita enquadra-se bem na mentalidade semita, no Antigo Testamento podemos ver as raízes em Isaías, Zacarias, Ezequiel e, mais importante, Daniel. Também podemos ver textos apocalípticos no Novo Testamento sendo um dos exemplos, o capítulo 13 do Evangelho de São Marcos:

Então se alguém vos disser: ‘Aqui está o Messias’ ou: ‘Ei-lo ali’, não acrediteis; pois surgirão falsos Messias e falsos profetas que farão sinais e prodígios para enganar, se possível, até os eleitos.²⁸⁹

Este género de textos é normal em épocas de crise e perseguição e neles tenta-se mostrar os planos de Deus para o futuro. Assim temos textos de esperança para os fiéis e temor para os descrentes/ pecadores.

²⁸⁸ Deuses de religiões populares das tribos que não aceitaram as reformas de Zoroastra.

²⁸⁹ Mt 24, 23-25; Lc 17, 23-24

As grandes imagens que caracterizam o Apocalipse de João, são retiradas do Antigo Testamento não sendo mais que símbolos. Apesar de me referir a este texto como sendo de João não existem certezas de que seja ele o seu autor. No livro o narrador assume-se como João e que escreve em Patmos²⁹⁰ e a tradição cristã associou-o ao Apóstolo.

A nível teológico o Apocalipse pretende mostrar a bondade infinita de Deus, que se pode ver em Cristo, e não revelar um novo futuro.

O texto em si pode ser dividido em três ou quatro partes dependendo se contamos com a Introdução ou o Epílogo. As partes centrais são as *Cartas às Sete Igrejas*²⁹¹ e a *Revelação do Sentido da História* onde nos é apresentado uma série de símbolos onde o número sete é predominante.

*Eis que Eu venho em breve e trarei a recompensa para
retribuir a cada um conforme as suas obras.*²⁹²

Estes discursos apocalípticos têm, na sua maioria, uma ideia de renovação, ou seja, um novo início após uma grande batalha vencida pelo Bem que teria um “combatente” ou cavaleiro que o representava.

No caso do Zoroastrismo essa batalha era conhecida como *o assunto*²⁹³. Esta batalha seria vencida por Ahura Mazda e iria existir uma grade cheia²⁹⁴ que iria levar consigo todos os seres impuros, enquanto os bons sobreviveriam como se «tivessem passado por um banho de leite morno».²⁹⁵ Também os mortos voltariam pela mão de um salvador que seria nascido de uma concepção imaculada.²⁹⁶ Já no Mitraísmo os mortos teriam o seu retorno através de mais

²⁹⁰ Pequena ilha do Mar Egeu que pertence à Grécia

²⁹¹ Éfeso, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia

²⁹² Ap 22, 12

²⁹³ Gerald L. Berry, 1956 (p.37) refere-se como *the affair*

²⁹⁴ Mito do dilúvio como forma de purificação

²⁹⁵ Gerald Berry, 1956 (p.37)

²⁹⁶ Mito do nascimento de Sosyant

um sacrifício do Touro suja gordura, após misturada com o Haoma traria a vida eterna aos fiéis de Mitra.²⁹⁷

Muitas vezes acontecia também um julgamento de forma a separar os opositores da vontade de deus dos demais. Esta é uma crença israelita que se veio a ver em várias religiões, sendo o Mitraísmo uma delas. Segundo a crença, Mitra iria presidir a este julgamento de forma a distinguir os bons dos maus. Era uma das crenças dos persas que ele iria trazer de volta os mortos que haviam levado uma vida segundo os ensinamentos do bem e assim teriam como recompensa a vida eterna.²⁹⁸

Um regresso da divindade central poderá, também, fazer destes mitos:

Depois, vi o céu aberto e apareceu um cavalo branco. O cavaleiro chama-se «Justo e Verdadeiro.» Ele julga e combate com justiça»²⁹⁹

Esta passagem podia pertencer a qualquer uma das duas religiões em estudo, mas este caso é uma passagem do Apocalipse que descreve um combate entre os dois lados:

Vi então a Besta e os reis da terra e os seus exércitos que se tinham reunido para combater contra o Cavaleiro e contra o seu exército.³⁰⁰

No Mitraísmo a luta culmina, tal como no Cristianismo, com a vitória de Mitra / Deus. Com a sua vitória, Ahriman seria para sempre reduzido a um estado de impotência sendo enviado para o local de onde tinha saído.

²⁹⁷ Tassilo Orpheu Spalding, 1973 (p.160)

²⁹⁸ Franz Cumont. 1929 (pp.147-148)

²⁹⁹ Ap 19, 11

³⁰⁰ Ap 19, 19

Outra ideia que existe é a do retorno, como se o tempo não fosse uma linha contínua e infinita mas sim uma roda que leva a que os acontecimentos se repitam. Algo que podemos ver também expresso no Apocalipse de João.³⁰¹

Como já foi referido anteriormente, o número sete aparece frequentemente neste texto em particular. Na Bíblia é visto como sendo o numero perfeito já que o seu correspondente hebraico, *chéba*, significa «sete» e «aliança». Por essa razão o Antigo Testamento está repleto de narrativas³⁰² que giram em torno deste símbolo. No Novo Testamento também Jesus utiliza o número sete para anunciar a Nova Aliança.³⁰³ E por fim no Apocalipse temos as sete cartas enviadas às sete Igrejas, os sete selos que são quebrados, as sete trombetas, os sete sinais e as sete taças.

A utilização deste número “perfeito” não terminou aqui, tendo continuado ao longo da história da Igreja sendo reflectido noutros aspectos da doutrina cristã dos nossos dias como os sete sacramentos e as sete virtudes.

No Mitraísmo o número sete é também visto de forma profunda na sua doutrina, hierarquias e iniciação.³⁰⁴

Como podemos ver o apocalipse é um género literário muito próprio, relacionado com profecias e não com o fim do mundo físico como muitas vezes é visto.

³⁰¹ *Vi, depois, um anjo que descia do céu. Trazia na mão uma grande corrente. Agarrou o Dragão, a Serpente antiga, que também se chama Diabo ou Satanás: prendeu-o por mil anos e lançou-o no Abismo que depois fechou e selou, para que ele não enganasse as nações, até que se completassem mil anos. Depois deste período, o Diabo deve ser solto por algum tempo. (Ap 20,1-3)*

³⁰² Temos como exemplo disso a Criação do Mundo (Gn 1, 1-31); as instruções transmitidas a Moisés como a construção do candelabro (Ex 25, 31-40 : 17, 17-24); o respeito pelo Sabbath; o respeito pelo ano sabático, etc.

³⁰³ Utiliza também para avisar os doutores da Lei e os fariseus hipócritas (Mt 23, 13-21).

³⁰⁴ Este tema já foi tratado no capítulo referente às hierarquias e iniciações.

Ambos os casos aqui expostos têm uma ideia de tempo semelhante pois tanto um como o outro crêem no regresso do seu Deus/Messias para lhes trazer uma vitória do bem sobre o mal.

É também importante ter em atenção a simbologia que lhe é associada, sendo neste caso, o número sete, o que tem mais destaque, sendo visto como um número perfeito por englobar tudo.

IV - QUEDA DO MITRAÍSMO E CRESCENTE INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO

1. Seria o Mitraísmo universal se o Cristianismo não tivesse vingado?

“Se o Cristianismo tivesse sido detido durante o seu desenvolvimento por alguma doença mortal, o mundo teria sido Mitraísta.”³⁰⁵.

“Supondo que o Cristianismo tinha morrido cedo, fosse como resultado de uma perseguição constante ou por ter sido absorvido na atmosfera geral religiosa da época: não teríamos tido um mundo mitraico. Poderíamos ter um mundo em que o Mitraísmo seria uma devoção especial de alguns, mas que teria sido absorvido por uma piedade solar.”³⁰⁶

Teria o Mitraísmo ficado com o lugar do Cristianismo se este não tivesse sido tornado oficial?

É uma questão que muitos colocam e as respostas são diversas. Eu aponto para o não, o Mitraísmo não teria sido uma religião universal caso o Cristianismo não vingasse.

O problema de chegar a uma resposta é que existe uma grande falta de documentos para analisar e também o facto de muitos trabalhos se basearem piamente nos escritos de alguns estudiosos.

³⁰⁵ Citação de Renan em Angel Alvarez de Miranda, 1961 (p166). Trad.: « *Si el Cristianismo hubiera sido detenido en su desarrollo por alguna mortal enfermedad, el mundo hubiera sido Mitraísta*»

³⁰⁶ Citação de Artur Darby Nock em Luther H. Martin, 1989 (p.11). Trad.: «*Suppose that Christianity had perished early, whether as a result of a consistent persecution or by being swallowed up in the general religious and cultural atmosphere of the time: we should not then have had a Mitraic world. We might have had a world in which Mitraism itself was the special devotion of a few but in which it had been otherwise absorbed in a solar piety.*»

Partindo do princípio que as ideias de Cummont e Eliade estão correctas, o Mitraísmo seria uma religião exclusivamente masculina e logo aí encontramos um entrave para que possa atingir a ideia da universalidade, ou seja, que todos sejam abrangidos. Eles justificam este facto com a existência de tempos de Isís nas imediações dos mitreus.

Mas é possível dizer que poderia ter apenas crentes entre os homens, mas nesse caso teria de existir uma outra religião a seu lado que aceitasse as mulheres, mas assim continuaria a não ser uma religião universal pois deixaria de parte uma grande parte da população mundial.

No entanto existem alguns vestígios de mulheres ligadas a esta religião. Se as mulheres fizessem parte desta religião e o Cristianismo não tivesse sido legalizado, teríamos hoje um mundo onde o culto a Mitra seria o privilegiado?

É uma possibilidade, pois se não fosse pela existência de imperadores convertidos a esta nova religião, talvez a repressão tivesse feito com que o Cristianismo se tornasse uma religião minoritária e talvez até se perdesse com o tempo. Mas a verdade é que o Mitraísmo nunca teve o estatuto de *sacra publica*.³⁰⁷

Mas há que salientar um facto importante. O Cristianismo jamais foi absorvido pela cultura pagã da Roma Antiga, ao contrário de Mitra. Teríamos nós o Mitraísmo ou uma outra religião derivada? Era esta crença neste deus tão grande e teria assim tantos seguidores que causassem um efeito em massa de forma a tornar universal?

Aquilo que sabemos bem é que era uma religião praticada muito entre os militares romanos que acabam por levar consigo, além da língua que falavam, também a religião. Desta forma podemos ver um alastrar destas crenças em zonas um tanto semelhantes com as que o Cristianismo também tocou.

³⁰⁷ Arthur Darby Nock, 1937

Conclusão

*Religião é um conjunto de crenças, símbolos e rituais que moldam a vida social de um grupo de indivíduos que partilham uma mesma “fé”, sendo que esta pode, ou não, influenciar o Estado/governo do(s) país(es) onde teve a sua origem ou se veio a instalar.*³⁰⁸

Esta definição de religião encontrada resume, de uma forma um pouco geral, a estrutura que encontrei nas duas que destaquei neste trabalho. As noções de Deus variam ligeiramente de religião para religião mas vemos nestas sempre a existência de uma entidade responsável pela criação e/ou por zelar pelo futuro dos homens.

Uma grande razão para existência de várias semelhanças entre as duas religiões abordadas, foi o facto de partilharem também o seu berço. Isto significa que as suas origens se podem ter cruzado e já sofrido influências mútuas antes ainda de chegarem à forma que vieram a ter.

Tanto Mitra como Jesus, foram personagens que cresceram dentro de uma determinada religião e acabando por impulsionar, ainda que indirectamente, a criação de uma outra. Como se pode verificar, Mitra não era mais que uma entidade mitológica, que fazia parte de um conjunto de textos sagrados, que acabou por fazer parte da história da humanidade, ao passo que Jesus sendo uma figura histórica e um homem carismático acabou por se tornar “mito”³⁰⁹.

Vemos a importância que um grupo inicial de crentes tem na difusão destas mensagens que acabaram por atrair pessoas, de todas as classes sociais, no caso do Cristianismo.

Ambos acabaram por ter os momentos mais marcantes em comum: a Última Ceia, o Sacrifício e a Ascensão. Estes tornaram-se nos aspectos centrais das celebrações rituais que visavam promover uma maior aproximação a Deus e, no

³⁰⁸ Ver capítulo referente à definição de religião.

³⁰⁹ Foram utilizadas antigas profecias e crenças de forma a justificar o que Jesus dizia ou fazia para, assim, o legitimar como Messias enviado por Deus.

caso dos cristãos, a Jesus³¹⁰. Os símbolos são assim o pão e o vinho, ou seja, o corpo e o sangue, que estavam directamente relacionados com os sacrifícios. Estes tiveram objectivos diferentes pois enquanto Jesus visava renovar a aliança entre Deus e os homens, Mitra limitou-se a cumprir ordens que levaram a que surgissem, na terra, várias formas de vida.

Ambas as personagens centrais tinham já um historial profético antes de se tornarem nos centros das suas respectivas religiões. Como se pode verificar, Mitra não era mais que uma entidade mitológica, que fazia parte de um conjunto de textos sagrados, que acabou por fazer parte da história da humanidade, ao passo que Jesus sendo uma figura histórica e um homem carismático acabou por se tornar “mito”³¹¹. A utilização de mitos pré existentes fez com que certos pontos da existência destas entidades se tornassem nos centros dos seus cultos como por exemplo a ideia de sacrifício presente em ambos os casos. Este acto tornou-se particularmente importante devido ao facto de estar ligado à ideia de salvação do ser humano.

As migrações e contactos com outros povos, foi o que permitiu que tanto o Cristianismo como o Mitraísmo proliferassem e ganhassem a importância que lhes é conferida. A difusão do Mitraísmo começou ainda antes do nascimento de Cristo. Ainda assim foi no período em estudo que se verificou uma maior disseminação, acabando assim por, eventualmente, entrarem em conflito.

Foi entre os militares que o culto a Mitra ganhou mais seguidores devido às suas características. Também por essa razão foi mais depressa aceite pelo Império Romano. Enquanto isso, Paulo começou o seu trabalho entre os que não eram judeus já que depressa se apercebeu do potencial que tinham se os

³¹⁰ *Actos dos Apóstolos*

³¹¹ Foram utilizadas antigas profecias e crenças de forma a justificar o que Jesus dizia ou fazia para, assim, o legitimar como Messias enviado por Deus.

convertesse. As suas ideias provaram-se correctas pois acabou por garantir a proliferação da palavra de Jesus.³¹²

A sua aceitação pelos romanos, dependeu em muito da forma como se adaptavam ou não às crenças protegidas pelo império. Com o Mitraísmo sabemos que foi fácil já que era uma religião que cultuava várias entidades para além de Mitra, ao passo que o Cristianismo era monoteísta e os seus crentes recusavam-se a prestar qualquer tipo de culto ou sacrifício.

Os ritos eram realizados em espaços próprios para o efeito. Como amostra comparativa optei pela igreja e mitreu de S. Clemente em Roma. É possível ver a forma como os crentes viam o seu salvador e também o modo como se viam a si mesmos, já que havia uma divisão de acordo consoante o grau que tinham na hierarquia. Além disso também a disposição do altar e dos bancos, onde se sentavam os fiéis, era semelhante.

Um aspecto que ligava as religiões místicas era o da iniciação. Esta adquiria diversos formatos e designações conforme a religião em que era praticada. Em qualquer um dos casos em estudo podemos ver que existia uma preparação antes de se ser iniciado/ baptizado e que esta podia ser iniciada ainda em criança. Quem não passasse por este ritual podia ser impedido de fazer parte dos rituais e celebrações característicos do seu grupo religioso.

Apesar de o Cristianismo ser uma religião patriarcal, as mulheres sempre desempenharam um papel de extrema importância, tanto para inspirar o bem como o mal (temos como exemplos Maria mãe de Jesus e Eva, respectivamente). Muitas foram as mulheres que tiveram também um papel activo nos primeiros passos da Igreja, ao ensinar as palavras de Jesus e muitas delas desempenharem o papel de diaconisas (que com o tempo deixou de acontecer).

³¹² Mas Saulo fortalecia-se cada vez mais e confundia os judeus de Damasco, demonstrando-lhes que Jesus era o Messias. (Act 9, 19-22)

Já no caso do Mitraísmo a maioria dos factos aponta para que as mulheres não fizessem parte do culto, no entanto este tema é ainda tema de debate tal como foi possível ver durante o trabalho.

Todo o problema em torno do Arianismo e da Trindade levou a que se reunissem em Niceia, em 325, um grande número de Bispos, como é possível ver na correspondência trocada³¹³. Em conjunto discutiram este e outros assuntos relacionados com o clero e a forma como os homens podiam ser aceites na ordem.

Foi então que surgiu a ideia de consubstancialidade da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e para que não existissem quaisquer outras dúvidas acerca do que os cristãos acreditavam, foi redigido o Credo Niceno-Constantinopolitano³¹⁴.

Havia também uma constante luta entre o Bem e o Mal sendo que as descrições destas batalhas épicas se podem ler nos textos de género apocalíptico em que o final é sempre agradável para o crente uma vez que está descrita a vitória do seu salvador.

As duas figuras que faziam parte do lado do Bem não foram as fundadoras das religiões criadas em seu nome. Tanto uma como a outra podem ser vistas como sendo um patamar na evolução do homem e das mentalidades pois acabam por manter vínculos fortes com as tradições em que nasceram e mostra-nos uma outra visão dos mesmos assuntos. O Cristianismo acabou por ser isso mesmo, uma evolução da tradição judaica associando ideias vindas de várias correntes filosóficas e também uma boa parte das tradições pagãs.

Apesar de todas as semelhanças e de o Mitraísmo ser mais antigo que o Cristianismo, foi o segundo que revelou uma maior capacidade de adaptação ao que o Império necessitava na altura em que via na religião um elo que

³¹³ Ver correspondência em anexo.

³¹⁴ *Letter of Eusebius of Caesarea to the people of his diocese*

poderia unir todos os que se encontravam subjugados à entidade máxima, o Imperador.

Apesar de nestas páginas ter estudado alguns aspectos do Cristianismo e Mitraísmo, foram muitas as perguntas que ficaram sem resposta.

Anexos:

Emperor Constantine's Letter Summoning the Council of Nicaea

Letter of Eusebius of Caesarea to his Church regarding the Nicene Creed

Letter of the Council of Nicaea to the Egyptian Church

Emperor Constantine to the Church of Alexandria

Emperor Constantine to all Churches concerning the date of Easter

Creed of the Council of Nicaea

Canons of the Council of Nicaea

Tauroctony

EMPEROR CONSTANTINE'S LETTER SUMMONING THE COUNCIL OF NICAEA	
Reference numbers	Urk. 20 Doc. 22 CPG 8511
Incipit	[Τὸ μνηδὲν ἴμῳ ἵκεν]
Date	Spring 325
Ancient source	The original Greek does not survive; Several Syriac manuscripts survive including Paris syr. 62 and Brit. Mus. Add. 14, 526 and 528.
Modern edition used	Fredrich Schulthess, "Die syrischen Kanones der Synoden von Nicaea bis Chalcedon." <i>Abhandlungen der Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen</i> , Philologisch-Historische Klasse N.F. 10, no. 2 (Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1908) p. 1
Modern reconstruction of the Greek text	E. Schwartz, "Zur Geschichte des Athanasius." <u>Nachrichten von der Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Philologisch-Historische Klasse</u> (Göttingen: Luder Horstmann, 1905) p. 289

Letter of Emperor Constantine summoning the bishops from Ancira to Nicaea

I believe it is obvious to everyone that there is nothing more honorable in my sight than the fear of God. Though it was formerly agreed that the synod of bishops should meet at Ancira in Galatia, it seemed to us for many reasons that it would be well for the synod to assemble at Nicaea, a city of Bithynia, both because the Bishops from Italy and the rest of the countries of Europe are coming, and because of the excellent temperature of the air, and in order that I may be present as a spectator and participator in those things which will be done. Therefore I announce to you, my beloved brothers, that all of you promptly assemble at the said city, that is at Nicaea. Let every one of you therefore, as I said before, keep the greater good in mind and be

diligent, without delay in anything, to come speedily, that each may be physically present as a spectator of those things which will be done.

God keep you my beloved brothers.

LETTER OF EUSEBIUS OF CAESAREA TO HIS CHURCH REGARDING THE NICENE CREED

Reference numbers	Urk. 22 Doc. 24 CPG 3502
Incipit	Τὸ περὶ τῆς ἐκκλησιαστικῆς
Date	June 325
Ancient source used	Athanasius , <i>Defense of the Nicene Definition</i> 35
Modern edition used	H-G. Opitz, <i>Athanasius Werke</i> , vol. 2.1 (Berlin: De Gruyter, 1940).
Other ancient sources	Theodoret, <i>Church History</i> 1.12 Gelasius, <i>Church History</i> , 2.35 Socrates, <i>Church History</i> 1.8 (omitting paragraph 16)

Letter of **Eusebius of Caesarea** to the people of his diocese.

(1.) Beloved, since rumors usually travel faster than accurate information, you have probably learned from other sources what happened concerning the church's faith at the Great Council assembled at Nicaea. As we do not want the facts to be misrepresented by such reports, we have been obliged to transmit to you, first, the formula of faith which we ourselves [i.e. Eusebius] presented, and next, the second, which the assembled fathers put forth with some additions to our words. (2.) Our own letter, which was read in the presence of our most pious Emperor and declared to be good and free from objectionable statements, reads as follows:

(3.) "We report now to you our faith, which we have received from the bishops who preceded us when we were first instructed and received the washing [of baptism], which we have also come to know from the divine Scriptures; as we believed and taught in the priesthood, and in the episcopate itself, and as we also believe at the present time:

(4.) "We believe in one God, the Father Almighty, the Maker of all things visible and invisible. And in one Lord Jesus Christ, the Word of God, God from God, Light from Light, Life from Life, Only-begotten Son, first-born of every creature, begotten from the Father before all the ages, by whom also all things were made; who for our salvation was made flesh, and lived among men, and suffered, and rose again the third day, and ascended to the Father, and will come again in glory to judge the living and the dead. And we believe also in one Holy Spirit. **(5.)** We believe each of these to be and to exist, the Father truly Father, and the Son truly Son, and the Holy Spirit truly Holy Spirit, as also our Lord said when he sent forth his disciples to preach, "Go teach all nations, baptizing them in the name of the Father and of the Son, and of the Holy Spirit." Concerning which things we confidently affirm that this is what we maintain, how we think, and what we have held up until now, and that we will maintain this faith unto death, anathematizing every ungodly heresy.**(6.)** We testify that we have ever thought these things from our hearts and souls, from earliest memory, and now think and confess the truth before God Almighty and our Lord Jesus Christ. We are able to provide evidence that will assure you that even in times past we have believed and preached the same."

(7.) There was nothing to contradict in this statement of faith we put forward. In fact our most pious Emperor, before any one else, testified that it was comprised of most orthodox statements. He even confessed that such were his own sentiments, and he advised all present to agree to it, and to subscribe and agree with its articles, with the insertion of the single word, "of the same being as" (*homoousios*). He gave his interpretation of this word, saying that "<the Son> was not "of the same being as" according to what we experience in our bodies, as if the Son had come to be by dividing or breaking off from the Father. For his nature could not be subjected to any bodily experiences, as it does not consist of matter, exists in a spiritual realm, has no body. Therefore such things must be thought of in divine, unspeakable concepts." Such were the theological remarks of our most wise and most pious Emperor; but they were intent on adding the word "of the same being as" and drew up the following statement:

(8.) [The Faith pronounced in the Council].

"We believe in one God, the Father Almighty, Maker of all things visible and invisible: and in one Lord Jesus Christ, the Son of God, begotten of the Father, Only-begotten, that is, from the essence of the Father; God from God, Light from Light, true God from true God, begotten not made, of the same being as the Father, by whom all things were made, both things in heaven and things on earth; who for us men and for our salvation came down and was made flesh, was made man, suffered, and rose again the third day, ascended into heaven, and will come to judge the living and the dead; and we believe in the Holy Spirit. But those who say, 'Once he did not exist,' and 'He did not exist before he was begotten,' and 'He came to be from nothing,' or those who pretend that the Son of God is 'of another subsistence (*hypostasis*) or being (*ousia*),' or 'created'(*ktistos*), or 'alterable' (*treptos*), or 'changeable' (*alloiōtos*), the catholic church anathematizes."

(9.) As this formula was being debated, we made sure to inquire in what sense they introduced "from the essence of the Father," and "of the same being as the Father." Through intense questioning and explaining, the meaning of the words was examined closely. They explained that the phrase "of the same being as" indicated that the Son is truly from the Father, but he is not a part of him. **(10.)** We felt we could agree to this word when used in this sense, to teach, as it did, that the Son was from the Father, not however a part of his essence. On this account we agreed to the sense ourselves, without denying even the term "of the same being as," since maintaining peace was our goal, provided we did not depart from the orthodox understanding.

(11.) In the same way we also accepted the phrase "begotten, not made," since the council asserted that "made" (*poiētos*) was a term used to designate other creatures which came to be through the Son, to whom the Son had no similarity. So according to their reasoning, he was not something made that resembled the things which came to exist through him, but was of an essence which is too high to be put on the same level as anything which was made. The divine sayings teach us that his essence was begotten from the Father, and that the mode of his being begotten is inexpressible and unable to be conceived by any nature which has had a beginning of its existence.

(12.) So when we considered it, we found that there are grounds for saying that the Son is "of the same being as" the Father; not like human bodies, nor like mortal beings, for he is not "of the same being as" by dividing his essence, or by cutting something off, or

by having something done to him, or being altered, or by changing the Father's essence and power (since the Father's nature has no beginning to its existence, and therefore none of those descriptions apply to it). **(13.)** "Of the same being as the Father" suggests that the Son of God bears no resemblance to the creatures who came into being, but that he is in every way similar to his Father alone who begat him, and that he is not of any other subsistence (*hypostasis*) and essence (*ousia*), but from the Father. It also seemed good for us to agree to this term, since we were aware that even among the ancients, some learned and eminent bishops and writers have used the term "of the same being as," in their theological teaching concerning the Father and Son.

(14.) So much then for the creed which was composed at the council, to which all of us agreed, not without some questioning, but according to a specific sense, brought up before the most pious Emperor himself, and qualified by the considerations mentioned above. **(15.)** As far as the condemnation they attached to the end of the creed, it did not cause us pain, because it forbade the use of words not found in Scripture, from which almost all the confusion and disorder in the Church have come. Since then no divinely inspired Scripture has used the phrases, "out of nothing," and "once he was not," and the rest which follow, there appeared no ground for using or teaching them. We think that this was a good decision, since it has never been our custom to use these terms.

(16.) Additionally, it did not seem out of place to condemn the statement "Before he was begotten he did not exist," because everyone confesses that the Son of God existed before he was begotten according to the flesh. At this point in the discussion, our most pious Emperor maintained that the Son existed before all ages even according to his divinely inspired begetting, since even before the act of begetting was performed, in potentiality he was with the Father, even before he was begotten by him, since the Father is always Father, just as he is always King and always Savior; he has the potentiality to be all things, and remains exactly the same forever.

(17.) We had to pass this on to you, beloved, to make sure our deliberation, our questions, and our ultimate agreement, was clear to you. You see how reasonably we resisted even to the last minute as long as we were offended at statements which differed from our own. But when a candid examination of the sense of the words was conducted, we accepted without contention what no longer pained us, since they

appeared to us to be in harmony with what we ourselves have professed in the faith which we have already declared.

LETTER OF THE COUNCIL OF NICAEA TO THE EGYPTIAN CHURCH	
Reference numbers	Urk. 23 Doc. 25 CPG 8515
Incipit	Παιδ τς το Θεο χάριτος
Date	June 325
Ancient source used	Socrates, <i>Church History</i> 1.9
Modern edition used	W. Bright, <i>Socrates' ecclesiastical history</i> , 2nd edition (Oxford: Clarendon Press, 1893)
Other ancient sources	Athanasius, <i>Defense of the Nicene Definition</i> 36 Theodoret, <i>Church History</i> 1.9.2 Gelasius, <i>Church History</i> 2.34.2

(1.) To the great church of the Alexandrians, which is holy by the grace of God, and to our beloved brothers throughout Egypt, Libya, and the Pentapolis. We bishops assembled at Nicaea, constituting the great and holy council, send greetings in the Lord.

(2.) Since, by the grace of God, a great and holy council has been convened at Nicaea, after our most pious sovereign Constantine summoned us out of various cities and provinces for that purpose, we at the sacred council thought it most necessary to write you a letter, in order that you may know what subjects were considered and examined, and what was eventually decided on and decreed. In the first place, the impiety and guilt of Arius and his adherents was examined in the presence of our most pious emperor Constantine. **(3.)** We unanimously decided that his impious opinion should be anathematized, with all the blasphemous expressions he has uttered, namely that "the Son of God came to be out of nothing," that "there was a time when he was not," and even that "the Son of God, because he possessed free will, was capable of either both evil and good." They also call him a creature (*ktisma*) and a work (*poiēma*). **(4.)** The holy Council has anathematized all these ideas, barely able to endure it as we listened to

such impious opinions (or rather madnesses) and such blasphemous words. You must either have been informed of the verdict of our proceedings against him already, or you will soon learn. We will omit relating our actions here, for we would not trample on a man who has already received the punishment which his crime deserved. **(5.)** Yet his deadly error has proved so contagious that it has dragged Theonas of Marmarica, and Secundus of Ptolemais, into destruction; for they have suffered the same condemnation as Arius.

But after the grace of God delivered us from those detestable heresies, with all their impiety and blasphemy, and from those persons, who had dared to cause such conflict and division among a people previously at peace, the rash actions of Meletius and those who had been ordained by him still remained to be dealt with. We now state to you, beloved brothers, what resolution the Council came to on this point. **(6.)** The Council was moved with compassion towards Meletius, although strictly speaking he was wholly undeserving of favor, and decreed that he remain in office in his own city but exercise no authority either to ordain or nominate for ordination; and that he appear in no other district or city on this pretense, retaining no more than the normal level of authority. **(7.)** The Council also decided that those who had been appointed by him, after having been confirmed by a more legitimate ordination, should be admitted to communion on these conditions: that they should continue to hold their rank and ministry, but regard themselves as inferior in every respect to all those who have been ordained and established in each place and church by our most-honored fellow-minister, Alexander. Thus they will have no authority to propose or nominate whom they please, or to do anything at all without the agreement of some bishop of the catholic church who is one of Alexander's subordinates. **(8.)** On the other hand, those who by the grace of God and your prayers have not been found in schism, but have continued blameless in the catholic church, shall have authority to nominate and ordain those who are worthy of the sacred office, and to act in all things according to ecclesiastical law and custom. **(9.)** When it happens that those holding offices in the church die, then these who have been recently admitted will be advanced to the office of the deceased, provided that they are found worthy, that they are duly elected, and that the bishop of Alexandria ratifies the decision. **(10.)** This right is allowed for all the others indeed, but to Meletius personally we by no means grant the same permission, on account of his former disorderly conduct, and because of the rashness and

fickleness of his character. We want no authority or jurisdiction to be given to him, for he is a man liable again to create similar disturbances. **(11.)** These are the things which specifically affect Egypt, and the most holy church of the Alexandrians. If any other canon or ordinance has been established, our Lord and most-honored fellow-minister and brother Alexander, who is present with us, will explain the more specific details when he returns to you, since he has participated in all we have done, and has in fact been the leader.

(12.) We also have good news for you that we have harmonized our opinions on the subject of the most holy feast of Easter, which has been happily settled through your prayers. All the brothers in the east who have previously kept this festival when the Jews did have agreed with the Romans, with us, and with all of you who have kept Easter with us from the beginning, to follow the same custom as we. **(13.)** So rejoice in these results and in the general agreement and peace, as well as in the cleansing of all heresy. Receive our fellow-minister and your bishop Alexander with great honor and abundant love, because he has greatly delighted us by his presence. Even at his advanced age, he has undergone extraordinary efforts in order that peace might be re-established among you. Pray on behalf of us all, that the things we decided were appropriate may be maintained without violation through Almighty God, and our Lord Jesus Christ, together with the Holy Spirit, to whom be glory for ever. Amen.

EMPEROR CONSTANTINE TO THE CHURCH OF ALEXANDRIA	
Reference numbers	Urk. 25 Doc. 29 CPG 8517
Incipit	Τελείαν παρὰ τῆς θείας
Date	25 th June 325
Ancient source used	Socrates, <i>Church History</i> 1.9.17
Modern edition used	W. Bright, <i>Socrates' ecclesiastical history</i> , 2nd edition (Oxford: Clarendon Press, 1893)
Other ancient sources	Athanasius, <i>Defense of the Nicene Definition</i> 38 Gelasius, <i>Church History</i> 2.37

Constantine Augustus, to the catholic church of the Alexandrians.

(1.) Greetings, my beloved brothers! We have received a complete blessing from Divine Providence, namely, we have been relieved from all error and been united in a common confession of one and the same faith. **(2.)** The devil will no longer have any power against us, since all the schemes he in his hatred had devised for our destruction, have been entirely overthrown from their foundations. At the command of God, the splendor of truth has dissolved all the poisons so deadly to unity: dissensions, schisms, commotions, and the like. We all now worship the One by name, and continue to believe that he is the One God. **(3.)** In order to accomplish all of this, at God's summoning I assembled a large number of bishops at the city of Nicaea, and I joined them in investigating the truth, though I am only one of you, who rejoices exceedingly in being your fellow-servant. **(4.)** All points which seemed ambiguous or could possibly lead to dissension have been discussed and accurately examined. May the Divine Majesty forgive the unfortunately huge number of the blasphemies which some were shamelessly uttering against the mighty Savior, our life and hope, as they declared and confessed things contrary to the divinely inspired Scriptures.

(5.) More than three hundred bishops, remarkable for their moderation and intellectual keenness, were unanimous in their confirmation of one and the same faith, a faith which has arisen in agreement with the truths of the Law of God. Arius alone had been misled by the devil, and was found to be the only one set on promoting this unholy mischief, first among you, and afterwards among others as well. (6.) Let us therefore embrace that teaching which the Almighty has presented to us. Let us return to our beloved brothers from whom we have been separated by an irreverent servant of the devil. Let us eagerly come together as one common body with those who are our fellow members. (7.) This is fitting for such discernment, faith and holiness as yours, that you return to divine favor, since it has been proved that this error comes from a man who is an enemy of the truth.

(8.) This ruling, made by the collective judgment of three hundred bishops, cannot be other than the doctrine of God, especially where the Holy Spirit has illuminated the divine will by placing it upon the minds of so many dignified persons. (9.) Therefore let no one sit on the fence or delay, but let everyone quickly return to the unquestionable path of duty, so that when I arrive among you (which will be as soon as possible), I may together with you return due thanks to God, who closely watches all things, for having revealed the pure faith, and for restoring to you that love for which you have prayed.

May God protect you, beloved brothers.

EMPEROR CONSTANTINE TO ALL CHURCHES CONCERNING THE DATE OF EASTER	
Reference numbers	Urk. 26 Doc. 30 CPG 8518
Incipit	Περὶ τῆς λαβῆς
Date	June 325
Ancient source used	Socrates, <i>Church History</i> 1.9
Modern edition used	W. Bright, <i>Socrates' ecclesiastical history</i> , 2nd edition (Oxford: Clarendon Press, 1893)
Other ancient sources	Eusebius, <i>Life of Constantine</i> 3.17-18 Theodoret, <i>Church History</i> 1.9 Gelasius, <i>Church History</i> 2.37.10

Constantine Augustus, to the churches.

(1.) The great grace of God's power has constantly been increasing, as is evident in the general prosperity of the empire. I therefore decided to make it my aim above all else that one faith, sincere love, and unvarying devotion to Almighty God be maintained among the most blessed assemblies of the catholic church. (2.) But I perceived that this could only be established firmly and permanently when all of the bishops, or at least the greatest part, were convened in the same place for a council where they could discuss every point of our most holy religion. So we assembled as many as possible, and I myself was also present as one of you; for I will not deny what I especially rejoice in, that I am your fellow-servant. All points were then minutely investigated, until a decision was brought to light which was found acceptable to him who is the inspector of all things, and brought a unified agreement, leaving nothing which could cause dissension or controversy in matters of faith.

(3.) At the council we also considered the issue of our holiest day, Easter, and it was determined by common consent that everyone, everywhere should celebrate it on one and the same day. For what can be more appropriate, or what more solemn, than that this feast from which we have received the hope of immortality, should be kept by all without variation, using the same order and a clear arrangement? And in the first place, it seemed very unworthy for us to keep this most sacred feast following the custom of the Jews, a people who have soiled their hands in a most terrible outrage, and have thus polluted their souls, and are now deservedly blind. Since we have cast aside their way of calculating the date of the festival, we can ensure that future generations can celebrate this observance at the more accurate time which we have kept from the first day of the passion until the present time. **(4.)** Therefore have nothing in common with that most hostile people, the Jews. We have received another way from the Savior. In our holy religion we have set before us a course which is both valid and accurate. Let us unanimously pursue this. Let us, most honored brothers, withdraw ourselves from that detestable association. **(5.)** It is truly most absurd for them to boast that we are incapable of rightly observing these things without their instruction. On what subject are they competent to form a correct judgment, who, after that murder of their Lord lost their senses, and are led not by any rational motive, but by an uncontrollable impulsiveness to wherever their innate fury may drive them? This is why even in this matter they do not perceive the truth, so that they constantly err in the utmost degree, and will celebrate the Feast of Passover a second time in the same year instead of making a suitable correction. **(6.)** Why then should we follow the example of those who are acknowledged to be infected with serious error? Surely we should never allow Easter to be kept twice in one and the same year! But even if these considerations were not laid before you, you should still be careful, both by diligence and prayer, that your pure souls should have nothing in common, or even seem to do so, with the customs of men so utterly depraved.

(7.) This should also be considered: In a matter so important and of such religious significance, the slightest disagreement is most irreverent. **(8.)** For our Savior left us only one day to be observed in remembrance of our deliverance, that is the day of his most holy passion. He also wished his catholic church to be one; the members of which are still cared for by one Spirit, that is by the will of God, however much they may be scattered in various places. **(9.)** Let the good sense consistent with your sacred

character consider how grievous and inappropriate it is, that on the same days some should be observing fasts, while others are celebrating feasts; and after the days of Easter some should celebrate festivities and enjoyments, while others submit to appointed fastings. For this reason Divine Providence directed that we put into effect an appropriate correction and establish uniformity of practice, as I suppose you are all aware.

(10.) So first, it was desirable to change the situation so that we have nothing in common with that nation of father-killers who slew their Lord. Second, the order which is observed by all the churches of the western, southern, and northern parts, and by some also in the eastern is quite suitable. Therefore, at the current time, we all thought it was proper that you, intelligent as you are, would also cheerfully accept what is observed with such general unanimity of sentiment in the city of Rome, throughout Italy, Africa, all Egypt, Spain, France, Britain, Libya, the whole of Greece, and the dioceses of Asia, Pontus, and Cilicia. I pledged myself that this solution would satisfy you after you carefully examined it, especially as I considered that not only are the majority of congregations located in the places just mentioned, but also that we all have a most sacred obligation, to unite in desiring whatever common sense seems to demand, and what has no association with the perjury of the Jews. **(11.)** But to sum up matters briefly, it was determined by common consent that the most holy festival of Easter should be solemnized on one and the same day; for it is not at all decent that there should be in such a sacred serious matter any difference. It is quite commendable to adopt this option which has nothing to do with any strange errors, nor deviates from what is right.

(12.) Since these things are consistent, gladly receive this heavenly and truly divine command. For whatever is done in the sacred assemblies of the bishops can be traced to Divine will. Therefore, once you have demonstrated the things which have been prescribed to all our beloved brothers, it would be good for you to make public the above written statements and to accept the reasoning which has proved itself to be sound, and to establish this observance of the most holy day. In this way, when I arrive to check on your condition, which I have desired earnestly for some time, I will be able to celebrate the sacred festival with you on one and the same day, and will rejoice with you for all things, as I see that through our efforts divine power is frustrating Satan's cruelty, and that your faith, peace, and unity are flourishing everywhere.

May God preserve you, beloved brothers.

CREED OF THE COUNCIL OF NICAEA	
Reference numbers	Urk. 24 Doc. 26 CPG 8512
original language	Greek
Incipit	Πιστεύομεν εἰς ἓνα θεόν
Date	19 th June 325
Ancient source	<u>Athanasius</u> , <i>Defense of the Nicene Definition</i> 37
note	The following, the actual creed drawn up at the Council of Nicea in 325, is significantly different than the creed often referred to as the "Nicene Creed." What is commonly called the "Nicene Creed" and recited in church is actually the Constantinopolitan Creed from the Council of Constantinople in 381. This website also has pages with the Creed of Nicea, 325 in <u>Greek</u> and <u>English</u> . The creed of the Council of Constantinople in <u>Greek</u> and <u>English</u> , and a comparison of both creeds written in both <u>Greek</u> and <u>English</u> . Also available is the Constantinopolitan creed in <u>Greek and English side by side</u> .

[The bishops assembled at Nicea, about 300 in number, condemned the Arian heresy, finding Arius and his followers guilty. They then expounded the church's faith, inscribing it in such a way as to refute all heresy.]

It seemed appropriate to attach the following which was expounded at Nicea:

We believe in one God, the Father Almighty, Maker of all things seen and unseen.

And in one Lord, Jesus Christ the Son of God, begotten of the Father, the only-begotten, that is, of the essence of the Father, God from God, Light from Light, true God from true God, begotten, not made, of the same being as the Father, through

whom all things came to be, both the things in heaven and on earth, who for us humans and for our salvation came down and was made flesh, becoming human, who suffered and rose again on the third day, ascended into heaven, who is coming to judge the living and the dead.

And in the Holy Spirit.

The catholic and apostolic church condemns those who say concerning the Son of God that "there was a time when he was not" or "he did not exist before he was begotten" or "he came to be from nothing" or who claim that he is of another subsistence (*hypostasis*) or essence (*ousia*), or a creation (*ktistos*), or changeable (*alloiōtos*), or alterable (*treptos*).

CANONS OF THE COUNCIL OF NICAEA (325)

I. Si quis in morbo a medicis excisus, vel a barbaris exsectus est, is maneat in clero. Si quis autem sanus seipsum abscidit, hunc, etiam in clero constitutum, abstinere convenit, et deinceps nullum talem promoveri oportet. Sicut autem hoc manifestum est, quod de iis qui de industria hoc agunt, audentque seipsos abscindere, dictum est: ita si qui vel a barbaris, vel a dominis eunuchi facti sunt, et ii alioqui digni inveniantur, tales in clerum admittit canon.

II. Quoniam multa vel necessitate, aut aliter cogentibus hominibus, facta sunt praeter canonem ecclesiasticum, ita ut homines e gentili vita nuper accedentes ad fidem, et exiguo tempore eruditi, statim ad spirituale lavacrum ducantur, et simul atque baptizati fuerint, ad episcopatum vel presbyterium promoveantur, recte habere visum est, ut nihil deinceps tale fiat. Nam et tempore opus est catechumeno, et post baptismum probatione maiore: apertum enim est apostolicum scriptum, dicens: *Non neophytum, ne forte inflatus in iudicium incidat, et laqueum diaboli*. Si vero procedente tempore aliquod animi peccatum inveniatur in ea persona, et duobus vel tribus testibus convincatur, abstineat talis a clero: qui autem praeter haec facit, ut qui magnae synodi adversarius esse audeat, ipse de clericatu periclitabitur.

III. Vetuit omnino magna synodus, ne liceat episcopo, nec presbytero, nec diacono, nec ulli penitus eorum qui sunt in clero, extraneam [subintroductam] habere mulierem; nisi forte aut matrem, aut sororem, aut amitam, vel eas tantum personas quae omnem suspicionem effugiant.

IV. Episcopum oportet maxime quidem ab omnibus qui sunt in provincia episcopis constitui: si vero hoc difficile fuerit, aut propter urgentem necessitatem, aut propter itineris longitudinem, tres omnino in idipsum convenientes, dummodo consenserint qui absunt, et per litteras approbaverint, ordinationem faciant. Confirmatio autem eorum quae in quaque provincia geruntur, tribuatur metropolitano.

V. De iis qui communione privantur, seu ex clero, seu ex laico ordine, ab episcopis uniuscujusque provinciae servetur haec sententia secundum canonem qui pronuntiat, ut hi qui ab aliis abjiciuntur, ab aliis non recipiantur. Inquiratur autem ne simultate, aut contentione, aut aliqua alia molestia episcopi sint excommunicati. Ut hoc ergo decentius examinetur, recte habere visum est ut singulis annis per unamquamque provinciam bis in anno synodi fiant, ut omnes in unum convenientes episcopi provinciae, ejusmodi quaestiones examinent, et sic qui manifeste offenderint episcopum, juste excommunicati ab omnibus esse videantur, donec episcoporum coetui visum fuerit pro iis humaniorem ferre sententiam. Synodi autem fiant, una quidem ante Quadragesimam, ut omni simultate sublata, munus purum Deo offeratur: secunda autem circa tempus autumnii.

VI. Antiqui mores obtineant, qui sunt in Aegypto, Libya et Pentapoli, ut Alexandrinus episcopus horum omnium habeat potestatem, quoniam illa est Romano etiam episcopo consuetudo. Similiter autem et in Antiochia, et in aliis provinciis privilegia servantur Ecclesiis. Illud autem omnino manifestum est, quod si quis praeter sententiam metropolitani factus sit episcopus, hunc magna synodus statuit non oportere esse episcopum. Si vero communi omnium suffragio rationi consentaneo, et secundum ecclesiasticum canonem, duo aut tres contentiose, seu propria pertinacia inducti contradixerint, obtineat plurimorum sententia.

VII. Quoniam consuetudo obtinuit, et antiqua traditio, ut Aeliae episcopus honoretur, habeat ordinem honoris, metropoli propria dignitate servata.

VIII. De his qui se catharos, id est puros, nominant, si aliquando ad catholicam et apostolicam Ecclesiam redierint, visum est sanctae et magnae synodo, ut accepta manuum impositione, sic in clero maneat. Prae omnibus autem eos scripto profiteri oportet, quod consentient, et sequentur dogmata Ecclesiae catholicae et apostolicae, id est, et cum digamis communicare, et his qui in persecutione lapsi sunt, quibus etiam tempus constitutum est, et opportunitas definita, ut in omnibus sequantur dogmata catholicae Ecclesiae. Ubique autem, sive in vicis, sive in civitatibus ipsi soli inventi fuerint ordinati, qui inveniuntur in clero in eodem ordine permaneant. Si autem catholicae Ecclesiae episcopo aut presbytero existente quidam accedunt, manifestum est, quod episcopus Ecclesiae dignitatem episcopi habeat. Qui autem apud eos, qui dicuntur cathari, nominatur episcopus, habeat honorem presbyteri, nisi forte placuerit episcopo nominis honorem illi concedere. Si hoc autem ei minime placuerit, inveniatur ei locus chorepiscopi, aut presbyteri, ut in clero omnino esse videatur, ne in civitate duo sint episcopi.

IX. Si qui sine examinatione presbyteri promoti sint, vel cum discuterentur, peccata sua confessi sint, eisque confessis, homines contra canonem moti, manus imposuerint, tales canon non admittit: quod enim reprehensibile est, catholica Ecclesia non defendit.

XI. De his qui praevaricati sunt sine necessitate, aut facultatum ablatione, aut sine periculo, aut aliquo ejusmodi, quod factum est sub tyrannide Licinii, visum est synodo, licet misericordia indigni sint, benignitate tamen in eos uti. Quicunque ergo vere poenitent, tribus annis fideles inter audientes habeantur, et septem annis jaceant: duobus autem annis sine oblatione, populo communicent in orationibus.

XIII. De his qui vita excedunt, vetus et canonica lex nunc quoque servabitur, ut si quis vita excedat, ultimo et necessario viatico minime privetur. Si vero desperatus, et communionem assecutus supervixerit, sit inter eos qui communionem orationis tantummodo consequuntur. Generaliter autem omni cuilibet in exitu posito, et eucharistiae participationem petenti, episcopus cum examinatione oblationem impertiat.

XV. Propter tumultus et seditiones quae fiunt, placuit omnino consuetudinem tolli, quae praeter canonem in quibusdam partibus invenitur, ut a civitate in civitatem nec episcopus, nec presbyter, nec diaconus transferatur. Si quis autem post definitionem sanctae et magnae synodi, tale quid aggressus fuerit, vel se rei ejusmodi dederit, quod factum erit omnino infirmabitur, et Ecclesiae restituatur cui fuerat episcopus, aut presbyter, vel diaconus ordinatus.

XVII. Quoniam plerique qui in canone recensentur avaritiam et turpem quaestum sectantes, obliviscuntur divinae Scripturae dicentis: Pecuniam suam non dedit ad usuram (Psalm 14 (15).5), et foenerantes centesimas exigunt, aequum censuit sancta et magna synodus, ut si quis inventus fuerit post hanc definitionem usuras sumere ex mutuo, vel aliter eam rem consecrari aut sescupla exigere, vel omnino aliquid aliud excogitare turpis lucri gratia, e clero deponatur, et alienus a canone existat.

XIX. De Paulianistis, si ad Ecclesiam catholicam confugerint, definitum est eos omnino rebaptizari. Si qui vero praeterito tempore in clero fuerint, si quidem inculpati et irreprehensibiles, rebaptizati ordinentur ab episcopo catholicae Ecclesiae. Si vero examinati, minus apti deprehensi fuerint, deponi eos convenit: similiter autem et de diaconissis, et omnino de his qui sub canone versantur, eadem forma servabitur. Diaconissarum autem meminimus, quae in habitu quidem esse censentur, quia vero nullam manus impositionem habent, ut omnino inter laicos ipsae deputentur.

X. Quicunque ex lapsis ordinati sunt per ignorantiam, aut dissimulationem eorum qui eos ordinarunt, hoc non praejudicat canonem Ecclesiastico, cogniti enim deponuntur.

XII. Quicunque vocati per gratiam, primum quidem ardorem fidei suae ostenderunt, et cingulum militiae deposuerunt, postea vero ut canes ad suum vomitum reversi sunt, ita ut aliqui et pecuniam darent, et beneficiis militiae repeterent, hi decem annis jaceant, post triennii auditionis tempus. In his autem omnibus observare oportet propositum et modum poenitentiae. Quicunque enim et timore, et lacrymis, et patientia, et bonis operibus conversionem absque simulatione demonstrant, hi definitum tempus auditionis implentes, tum demum orationibus communicabunt, et postea licebit episcopo, de his aliquid humanius cogitare. Quicunque vero indifferenter tulerunt, et habitum Ecclesiam introeundi sibi arbitrati sunt ad conversionem sufficere, hi definitum tempus omnino impleant.

XIV. De catechumenis lapsis placuit sanctae et magnae synodo, ut ii tribus annis audientes tantum sint, postea orent cum catechumenis.

XVI. Quicunque temere et inconsiderate nec Dei timorem prae oculis habentes, nec ecclesiasticum canonem agnoscentes, ab Ecclesia discesserint presbyteri vel diaconi, vel quicunque omnino in canone recensentur, hi nequaquam debent in aliam ecclesiam recipi, sed omnino cogendi sunt in suas ipsorum paroecias redire: vel si perseverent, eos a communione privari oportet. Si quis etiam ausus fuerit eum qui ad alium pertinet, surripere, et in sua ecclesia ordinare, non consentiente proprio episcopo, a quo recessit qui in canone censetur, ordinatio hujusmodi irrita erit.

XVIII. Pervenit ad sanctum magnumque concilium, quod in quibusdam locis et civitatibus, diaconi presbyteris eucharistiam praebeant; quod neque canon, neque consuetudo tradidit, ut qui potestatem offerendi non habent, his qui offerunt corpus Christi porrigant. Illud etiam innotuit quod jam quidam ex diaconis etiam ante episcopos eucharistiam attingant. Omnia igitur ista auferantur, et diaconi intra propriam mensuram maneant, scientes quod ministri sunt episcoporum, et presbyteris inferiores existant: accipiant autem suo ordine eucharistiam post presbyteros, vel episcopo dante vel presbytero; sed nec sedere in medio presbyterorum diaconis liceat, id enim fit praeter canonem et ordinem. Si quis autem obedire noluerit post has definitiones, desinat esse diaconus.

XX. Quoniam sunt quidam, qui die dominico genua flectunt, et in diebus Pentecostes, ut omnia similiter in omni paroecia serventur, visum est sanctae synodo, stantes Deo orationes persolvere.

CANONS OF THE COUNCIL OF NICAEA	
<p>Canon 1</p> <p>Castration among the clergy</p>	<p>If anyone due to sickness has undergone a surgical operation, or if he has been castrated by barbarians, he is allowed to remain among the clergy. But if anyone enrolled among the clergy has castrated himself when in perfect health, it is good for him to leave the ministry. From now on, no such person should be promoted to the clergy. But since this applies only to those who willfully castrate themselves, if anyone has been made a eunuch by barbarians, or by his master, and is otherwise fit for office, church law admits him to the clergy.</p>
<p>Canon 2</p> <p>The ordination of the recently converted</p>	<p>It has occurred that men who recently converted to the faith from heathenism, after a short period of instruction, have been immediately brought to the spiritual bath and then advanced to the priesthood or even episcopate as soon as they have been baptized. Whether this has been done because of a lack of ministers or simply from impatience, it is contrary to church law. Therefore we have decided that this will not be done in the future. A catechumen needs more time for a longer trial after baptism. The apostolic saying is clear, "He must not be a recent convert, or he may become blinded and fall into judgment and the Devil's snare?" [1 Tim 3:6]. If, as time goes on, the man is discovered to have committed some sensual (<i>psychikos</i>) sin, and is convicted by two or three witnesses, let him leave the clergy. Anyone who violates these enactments will imperil his own position among the clergy, as a person who presumes to disobey the great Council.</p>
<p>Canon 3</p> <p>Women living with clergy</p>	<p>The great Council has stringently forbidden any bishop, priest, deacon, or any of the clergy, to have a woman living with him, except a mother, sister, aunt, or some such person who is beyond all suspicion.</p>
<p>Canon 4</p>	<p>It is most proper for a bishop to be appointed by all the</p>

<p>Ordination requirements</p>	<p>bishops in his particular province. If this proves impossible, either because there is not enough time, or there is too much distance to be traveled, at least three bishops should meet together, and the approval of the absent bishops should be given and communicated in writing. Only then should the ordination take place. But in every province the ratification of the ordination should be left to the <u>metropolitan bishop</u>.</p>
<p>Canon 5</p> <p>Excommunication and appeals; twice-annual councils</p>	<p>As for the clergy and laity in the various provinces who have been excommunicated, the bishops should observe the provision of the canon which states that someone excommunicated by one bishop is not to be readmitted by another. Nevertheless, he should investigate to see if the excommunication has come about from excessive stringency, contentiousness, or any other ungracious attitude on the part of the excommunicating bishop. So that these matters may be duly investigated, we decree that in every province councils shall be held twice a year, so that when all the bishops of the province are assembled together, all such questions may be thoroughly examined by them. In this way, everyone can see how those who have confessedly offended their bishop have been justly excommunicated, unless it shall seem fit to the general meeting of the bishops to pronounce a milder sentence upon them. The first of these councils should be held before Lent, (that the pure Gift may be offered to God after all bitterness has been put away), and the second in the autumn.</p>
<p>Canon 6</p> <p>Supervisory role of Alexandria, Rome, etc.</p>	<p>Let the ancient customs in Egypt, Libya and Pentapolis prevail, that the Bishop of Alexandria has jurisdiction over them all, since a similar arrangement is the custom for the Bishop of Rome. Likewise let the churches in Antioch and the other provinces retain their privileges. It should be understood everywhere that if anyone is made bishop</p>

	without the consent of the <u>metropolitan bishop</u> , this great council has declared he should not remain a bishop. If two or three bishops are prone to strife and oppose an ordination which has been duly approved by the majority in accordance with church law, then let the choice of the majority prevail.
Canon 7 Status of Jerusalem's bishop	Since custom and ancient tradition have prevailed that the Bishop of Jerusalem should be honored, let him, after giving due dignity to the <u>metropolitan</u> , have the next place of honor.
Canon 8 Re-admission of the <i>cathari</i>	As for the so-called <i>cathari</i> , if they return to the catholic and apostolic church, the great and holy council decrees that any of them who are ordained may remain among the clergy. But it will first be necessary for them to profess in writing that they will observe and follow the teachings of the catholic and apostolic church. In particular they must commune with those who have been married twice, and with those who have <u>lapsed</u> in persecution but have had a period of penance prescribed for them, and a date of restoration determined, so that in all things they will follow the teachings of the catholic church. In any area where all the clergy are of this type, whether in villages or in cities, they should keep their current rank. But if they are restored to the catholic church in an area where there is already a catholic bishop or priest, it is obvious that the existing bishop of the church must continue to hold the rank of bishop; and he who was named bishop by the so-called <i>cathars</i> must take the rank of priest (unless the bishop agrees to allow him to share in the honor of the title of bishop). Or, if this does not prove satisfactory, then the bishop may provide for him a place as rural bishop (<i>chorepiscopus</i>). This way, he can remain an eminent clergyman, without there being two bishops in the city.
Canon 9	If any priests have been promoted without a proper

Priests who were improperly examined before ordination.	examination, or if during their examination they confessed crimes, but were nevertheless ordained notwithstanding their confession, church law does not allow such; for the catholic church requires that which is blameless.
Canon 10 Removal of Clergy who are discovered to have fallen.	If some have <u>lapsed</u> , but then have been ordained through the ignorance of the bishops who ordained them (or even with the previous knowledge), it must not influence the decision of the church. When such men are discovered, they must be deposed.
Canon 11 Readmission for those who have fallen from the faith.	As for those who transgressed without being compelled to do so, without the seizure of their property, without danger or the like, as happened during the tyranny of Licinius, the Council declares that they should be dealt with mercifully, though they in no way deserve it . If they truly repent, they will spend three years among the <u>hearers</u> , seven years as <u>prostrators</u> , and then for two years they may join with the congregation in prayers, but without receiving the Eucharist.
Canon 12 Readmission for those who returned to the military	As for those who were called by grace and at first zealously threw away their military uniforms, but then later returned like dogs to their own vomit (so that some regained their military positions through bribes and gifts), let these spend three years as <u>hearers</u> and ten years as <u>prostrators</u> . But in all such cases it is necessary to carefully examine their intentions and their repentance. If they give evidence of their conversions by their actions (and not mere pretence), with fear, tears, perseverance, and good works, then they may properly join the assembly in prayers once they have fulfilled their appointed time as hearers. Beyond that, the bishop may make an even more lenient (<i>philanthropion</i>) decision concerning them. But those who take the matter with indifference, and who think the prescribed form of entering the church is sufficient for their readmission, must fulfill the

	whole time.
Canon 13 Communion for the dying	As for those who are dying, the ancient church law is still to be maintained, i.e., that if any man is at the point of death, he must not be deprived of the most indispensable final Eucharist. But, if anyone is restored to health again who received communion when his death was considered imminent, let him remain among those who commune in prayers only. But in general, and in the case of any dying person, let the Bishop, after making examination, give the Eucharist to whoever asks to receive it.
Canon 14 Lapsed catechumens	Concerning catechumens who have lapsed, the holy and great Council has decreed that, after they have passed just three years as <u>hearers</u> , they shall again pray with the <u>catechumens</u> .
Canon 15 Transient clergy	Because of the great disturbances and disagreements that have occurred of late, we decree that the custom which prevails in certain places must be totally done away with: neither bishop, priest, nor deacon shall move from city to city. And if any one, after this decree of the holy and great council, shall attempt such a thing, or continue in any such course of action, his actions shall be utterly void, and he must return to the church where he was ordained bishop or priest.
Canon 16 Receiving transient clergy	Churches ought not to receive priests, deacons, or other clergy, who without the fear of God and in disregard for church law, recklessly abandon their own churches. Such men should be encouraged by all available means to re-join their own parishes. If they will not return, they must be excommunicated. The ordination will be void if anyone dares to secretly ordain a man who belongs to another church without the consent of his bishop whose jurisdiction the latter has left, even if he had previously been enrolled on the list of clergy.

<p>Canon 17</p> <p>Usury</p>	<p>Many clergymen, being covetousness and desirous for gain, have forgotten the divine Scripture which says, "He does not lend at usury" (Ez 18:8), and when lending money ask for one percent of the total as monthly interest. The holy and great council thinks it just that if after this decree any one is found to receive usury, secretly or otherwise, such as by demanding the whole and one half, or by using any other contrivance at all for filthy profit's sake, he shall be deposed from the clergy and his name stricken from the list.</p>
<p>Canon 18</p> <p>Conduct of deacons</p>	<p>It has come to the knowledge of the holy and great council that in some districts and cities, deacons are administering the Eucharist to the priests, even though neither church law nor custom permits that those who have no right to offer it should give the body of Christ to those who can offer it. It has also become known to us that certain deacons now handle the Eucharist even before the bishops. Let all such practices be abolished, and let the deacons remain within their own bounds, knowing that they are the servants of the bishop and at a lower rank than the priests. Let them receive the Eucharist according to their rank, after the priests, and let either the bishop or the priest administer it to them. Furthermore, do not let the deacons sit among the priests, for that is contrary to canon and order. And if, after this decree, any one shall refuse to obey, let him be deposed from the diaconate.</p>
<p>Canon 19</p> <p>Concerning the followers of Paul of Samosata</p>	<p>Concerning the followers of Paul of Samosata who have flown for refuge to the catholic church, it has been decreed that they must by all means be rebaptized. If any of them in past time were on the list of their clergy and are found blameless and without reproach, let them be rebaptized and ordained by the bishop of the catholic church. But if the examination should show that they are unfit, they ought to be</p>

	deposed. Like treatment should be given in the case of their deaconesses, and generally in the case of those who have been enrolled among their clergy. We mean by 'deaconesses' those who have assumed the habit, but who, since they have not had hands laid upon them, are to be numbered only among the laity.
Canon 20 Standing for prayer	There are certain persons who kneel for prayer on the Lord's Day [Easter] and in the days of Pentecost. But so that all things may be uniformly observed everywhere, it seems good to the holy Council that prayers should be made to God while standing during those times.



Tauroctony, Fiano Romano, near Rome (CIMRM 641, século II-III, Louvre).



Tauroctony, Fiano Romano, near Rome (CIMRM 641, século II-III, Louvre). Verso da imagem anterior

Fontes

AVESTA, The religious Books of the Parsees; from professor Spiegel's German translation of the original manuscript. By Arthur Henry Bleek, Kessinger Legacy Reprints

Bíblia Sagrada, Novo Testamento, Herculano Alves (Coord.), Fátima : Difusora Bíblica (2002)

THE AVESTAN HYMN TO MITHRA with an introduction translation and commentary by Ilya Gershevitch (1969), Cambridge University Press

Emperor Constantine's letter summoning the Council of Nicaea. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-20>] (16.04.2012)

Creed of the Council of Nicaea. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-24>] (16.04.2012)

Letter of Eusebius of Caesarea to his church regarding the Nicene Creed. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-22>] (16.04.2012)

Canons of the Council of Nicaea. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/nicaea-325-canons>] (16.04.2012)

Letter of the Council of Nicaea to the Egyptian Church. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-23>] (16.04.2012)

Emperor Constantine to the church of Alexandria. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-25>] (16.04.2012)

Emperor Constantine to all churches concerning the date of Easter. In *Fourth-Century Christianity* [<http://www.fourthcentury.com/index.php/urkunde-26>] (16.04.2012)

Bibliografia geral

ROGER, Beck (2007). *The Religion of the Mithras Cult in the Roman Empire*. Oxford University Press

BELLINGER, Gerhard J., *Encyclopédie des Religions* [Encyclopédies d'aujourd'hui]. Paris : Le livre de Poche

BERRY, Gerald L. (1956). *Religions of the World*. New York: Barnes & Noble

CAMERON, Alan (2010). *The Last Pagans of Rome*. Oxford University Press

CORBIN, Alain (2008). *História do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Presença

CUMONT, Franz (1929). *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain*. Paris

CUMONT, Franz (2004). *Os Mistérios de Mitra*. São Paulo : Madras

DANIÉLOU, Jean et Marrou, Henri (1963). *Nouvelle histoire de l'Eglise. Des origines a Saint Grégoire le Grand*. Paris : Éditions du Seuil

DAVY, Marie-Magdeleine (1978). *Encyclopédie des mystiques. Egypte, Mésopotamie, Iran, Hindouisme, bouddhisme indien*. Tome 3. Seghers

DELUMEAU, Jean (2012). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença

DODDS, E. R. (1965). *Pagan and Christian in an Age of Anxiety*. Cambridge Press

DIOTON, Étienne (1958). *As Religiões do Antigo Oriente*. São Paulo: Editora Flamboyant

ELIADE, Mircea (1957). *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. Mariner Books

ELIADE, Mircea (1989a). *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70

ELIADE, Mircea (1989b). *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Vol I, Porto: Rés

ELIADE, Mircea (1989c). *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Vol II, Porto: Rés

ELIADE, Mircea (2004). *Tratado da História das Religiões*. Edições ASA

FEUILLET, Michel (2005). *Léxico dos Símbolos Cristãos*. Mem Martins: Europa-América

MIRANDA, Angel Alvarez de (1961). *Religiones Místicas*. Madrid: Revista de Occidente

OHLIG, Karl-Heinz (2007). *Religião, Tudo o que é preciso saber*. Casa das Letras

SIMON, Marcel (1972). *La civilisation de l'antiquité et le christianisme*. Arthaud

SPALDING, Tassilo Orpheu (1973). *Dicionário das Mitologias Europeias e Orientais*. São Paulo: Editora Cultrix

SVENTSÍTSKAIA, Irina (1989). *Os primeiros cristãos – páginas de história*, Lisboa: Editorial Caminho

TATSCH, Flávia Galli (2009). "Persas" in *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Editora Contexto

TURCAN, Robert (1999). Mithra. In Henry- Charles Puech (dir.) *Histoire des Religions*. Gallimard Education, Tome 2, 68-78

VIDAL, César (2007). *Jesus e os Manuscritos do Mar Morto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

QUESNEL, Michel (2005). *Jesus o Homem e o Filho de Deus*. Lisboa: Gradiva

WOODHEAD, Linda (2009). *An introduction to Christianity*. Cambridge University Press

WATTS, Alan W. (1954). *Myth and Ritual in Christianity*. London: Thames and Hudson

Artigos de Dicionários e Enciclopédias

BOWKER, John (ed) (1997a). Christianity. In *The Oxford Dictionary of World Religions*, Oxford University Press, 216-218

BOWKER, John (ed) (1997b). Manichaeism. In *The Oxford Dictionary of World Religions*, Oxford University Press, 612-613

BOWKER, John (ed) (1997c). Mithra. In *The Oxford Dictionary of World Religions*, Oxford University Press, 647-648

BOWKER, John (ed) (1997). Zoroastrianism. In *The Oxford Dictionary of World Religions*, Oxford University Press, 1070-1072

GNOLI, Gherardo (1987). Mithra. In Mircea Eliade(ed), *The Encyclopedia of Religion*, London: Collier Macmillan Publishers, Vol 9, 579-581

KING, L. Winston (1987). Religion. In Mircea Eliade(ed), *The Encyclopedia of Religion*, London: Collier Macmillan Publishers, Vol 12, 282-293

Artigos de Revistas

BECK, Roger (1998). The Mysteries of Mithras: A New Account of Their Genesis. *The Journal of Roman Studies*, Vol.88, 115-128.

BECK, Roger (2000). Ritual, Myth, Doctrine, and Initiation in the Mysteries of Mithras: New Evidence from a Cult Vessel. *The Journal of Roman Studies*, Vol.90, 145-180.

BETZ, Hans Dieter (1986). The Religion of Mithras. *History of Religions*, Vol.26 (No.1), 87-89.

BOYCE, Mary (1969). On Mithra's Part in Zoroastrianism. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, Vol.32 (No.1), 10-34

DAVID, Johnathan (2000). The Exclusion of Women in the Mithraic Mysteries: Ancient or Modern?. *Numen*, Vol.47 (No.2), 121-141.

HERRENSHMIDT, Clarisse (2003). Zarathustra's Conserving a Charismatic Domination?. *History of Religions*, Vol.43 (No.1), 1-17

HINNELLS, John R. (1969). Zoroastrian Imagery and Its Influence on the New Testament. *Numen*, Vol.16 (Fasc.3), 161-185

HINTZE, Almut (2002). On The Literaty Structure of the Older Avesta. *Bulletin of Oriental and African Studies*, Vol.65 (No.1), 31-51

JACKSON, A. V. Williams (1896). The Moral and Ethical Teachings of the Ancient Zoroastrian Religion. *International Journal of Ethics*, Vol.7 (No.1), 55-62

JACKSON, A. V. Williams (1899). Ormazd, or the Ancient Persian Idea of God. *The Monist*, Vol.9 (No.2), 161-178.

JACKSON, A. V. Williams (1906). Zoroastrianism and the Resemblances between It and Christianity. *The Biblical World*, Vol.27 (No.5), 335-343.

JACKSON, A. V. Williams (1913). The Ancient Conception of Salvation according to the Avesta, or Bible of Zoroaster. *The American Journal of Theology*, Vol.17 (No.2), 195-205.

JACKSON, A. V. Williams (1983). Avesta, the Bible of Zoroaster. *The Biblical World*, Vol.1 (No.6), 420-431.

JACKSON, Howard M. (1985). The Meaning and Function of the Leontocephaline in Roman Mithraism. *Numen*, Vol. 32 (Fac.1), 17-45.

MARTIN, Luther H. (1989). Roman Mithraism and Christianity. *Numen*, Vol.36 (Fasc.1), 2-15.

METZGER, Bruce M. (1945). St. Jerome's Testimony concerning the Second Grade of Mithraic Initiation. *The American Journal of Philology*, Vol.66 (No.3), 225-233.

MOAZAMI, Mahnaz (2005), Evil Animals in the Zoroastrian Religion. *History of Religions*, Vol.44 (No.4), 300-317.

MOORE, George Foot (1912). Zoroastrianism. *The Harvard Theological Review*, Vol.5 (No.2), 180-226.

NOCK, Arthur Darby (1937). The Genius of Mithraism. *The Journal of Roman Studies*, Vol.27 (Part 1), 108-113.

NOCK, Arthur Darby (1949). The Problem of Zoroaster. *American Journal of Archaeology*, Vol.53 (No.3), 272-285.

NOCK, Arthur Darby (1952). The Roman Army and the Roman Religious Year. *The Harvard Theological Review*, Vol.15 (No.4), 187-252.

SKJAERVO, Prods Oktor (2002). Ahura Mazda and Armaiti, Heaven and Earth, in the Old Avesta. *Journal of the American Oriental Society*, Vol.122 (No.2), 399-410.

THIEME, Paul (1960). Remarks on the Avestan Hymn to Mithra. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, Vol.23 (No.2), 265-274.

WHITLEY, C. F. (1957). The Date and Teaching of Zarathustra. *Numen*, Vol.4 (Fasc.3), 215-227.

WITNEY, William D. (1855-1856). On The Avesta, or The Sacred Scriptures of the Zoroastrian Religion. *Journal of the American Society*, Vol.5, 337+339-383

Outros

Catecismo da Igreja Católica (1999). Lisboa: Gráfica de Coimbra

História da Igreja das Origens até ao Cisma do Oriente. Vol I, Paulus

Encilopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti, 36 Vols, Roma: Istituto della
Enciclopédia Italiana, 1929-1939

Índice de figuras

Fig.1 – Mitra a nascer da rocha	33
Fig.2 – Mitreu de S. Clemente	42
Fig.3 – Esquema que representa o mitreu das sete esferas em Ostia	43
Fig.4 – Planta da Igreja de S. Clemente	44
Fig.5 – Tauromaquia	47